

for what
to be best
point of vi
Transla
another
anguag
tten

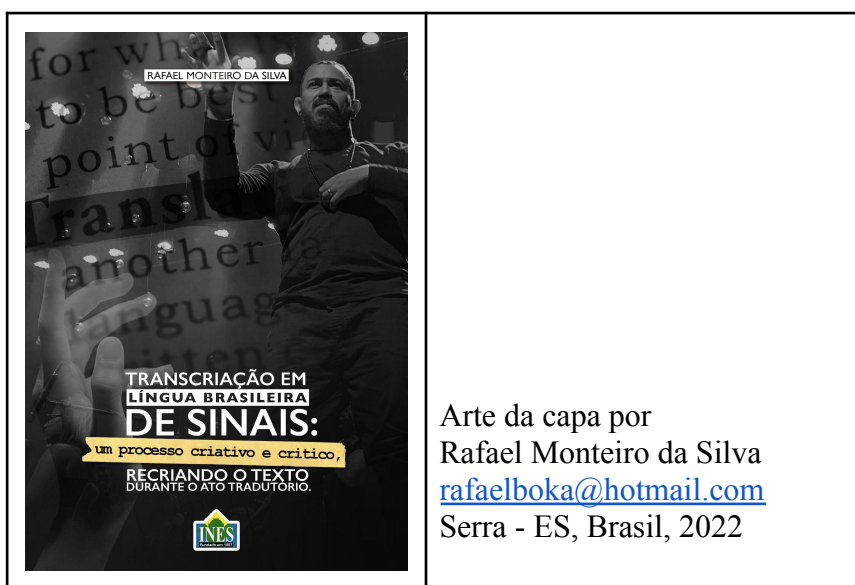
RAFAEL MONTEIRO DA SILVA

TRANSCRIÇÃO EM
LÍNGUA BRASILEIRA
DE SINAIS:

um processo criativo e crítico,

RECRIANDO O TEXTO
DURANTE O ATO TRADUTÓRIO.





Arte da capa por
Rafael Monteiro da Silva
rafaelboka@hotmail.com
Serra - ES, Brasil, 2022



INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS – INES
Departamento de Ensino Superior do Instituto Nacional de Educação
de Surdos – DESU/INES

Programa de Pós-Graduação em Educação Bilíngue (PPGEB) curso
de Mestrado Profissional em Educação Bilíngue.

Rafael Monteiro da Silva

TRANSCRIÇÃO EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: UM
PROCESSO CRIATIVO E CRÍTICO, RECRIANDO O TEXTO
DURANTE O ATO TRADUTÓRIO.

Rio de Janeiro
2022

Rafael Monteiro da Silva

**TRANSCRIÇÃO EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: UM PROCESSO
CRIATIVO E CRÍTICO, RECRIANDO O TEXTO DURANTE O ATO
TRADUTÓRIO.**

**Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação
em Educação Bilíngue de Surdos, na linha de pesquisa
1: Educação de Surdos e suas interfaces, Vinculado ao
Departamento de Ensino Superior - DESU, do Instituto
Nacional de Educação de Surdos - INES, para a
obtenção do título de mestrado em 2022.**

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Ana Regina e Souza Campello

Rio de Janeiro

2022

S586t Silva, Rafael Monteiro da.

Transcrição em língua brasileira de sinais : um processo criativo e crítico, recriando o texto durante o ato tradutório / Rafael Monteiro da Silva. — 2022.
129f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Ana Regina e Souza Campello.

Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado Profissional em Educação Bilíngue)—Instituto Nacional de Educação de Surdos, Rio de Janeiro, 2022.

1. Tradução e interpretação. 2. Língua brasileira de sinais. 3. Linguística. I. Título. II. Campello, Ana Regina e Souza.

CDD 410

Rafael Monteiro da Silva

**TRANSCRIÇÃO EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: UM PROCESSO
CRIATIVO E CRÍTICO, RECRIANDO O TEXTO DURANTE O ATO
TRADUTÓRIO.**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação
em Educação Bilíngue de Surdos, na linha de pesquisa
1: Educação de Surdos e suas interfaces, Vinculado ao
Departamento de Ensino Superior - DESU, do Instituto
Nacional de Educação de Surdos - INES, para a
obtenção do título de mestrado em 2022.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Ana Regina e Souza Campello

Aprovada no dia 14 de novembro de 2022

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 ANA REGINA E SOUZA CAMPELLO
Data: 29/12/2022 09:47:14-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof^ª. Ana Regina e Souza Campello (Orientadora)
Instituto Nacional De Educação De Surdos - INES

Documento assinado digitalmente
 SARA MOITINHO DA SILVA
Data: 29/12/2022 10:17:02-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof^ª. Dr^ª. Sara Moitinho da Silva
Instituto Nacional De Educação De Surdos - INES

Documento assinado digitalmente
 CLAUDIO HENRIQUE NUNES MOURAO
Data: 03/01/2023 00:21:44-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dr. Claudio Henrique Nunes Mourão
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

A todos os Tradutores e Intérpretes de Libras (surdos e ouvintes) espalhados pelo Brasil e pelo mundo afora. Passamos por lutas e vitórias, caminhos de idas e vindas, altos e baixos, mas sempre estamos ali com nossas mãos, nossos corpos e a nossas mentes à disposição para sempre dar o nosso melhor a cada tradução e interpretação, seguimos firmes transcribindo e recriando textos por nossas vidas, significando e ressignificando sentidos.

Agradecimento

Primeiramente, Agradecer a Deus, Jesus Cristo e ao Espírito Santo, por essa maravilhosa oportunidade de pesquisar uma área tão importante e fascinante. Esse trabalho me possibilitou o retorno de tantos sonhos que estavam guardados e esperando uma oportunidade de voltar à tona.

Quero agradecer à minha esposa Joyce Karolina, por toda paciência, em cada conversa e desabafo quando não estava me encontrando pelo caminho, cada comemoração e por cada palavra que me fez retornar ao caminho da pesquisa e de fato por estar sempre do meu lado me dando suporte e apoio, acreditando sempre que sou capaz.

Agradeço às minhas filhas Rafaella Karolina e Julia Karolina, por toda paciência e compreensão, ajudas diversas em todas as etapas do trabalho, criticando, ajudando, contribuindo, gravando, editando e assumindo as vezes o papel de produtoras nas gravações dos vídeos do material desta pesquisa.

Aos meus Pais Orlando Correa e Dorca Monteiro, por ter me ensinado o caminho a seguir em todas as áreas, pelo ombrinho e por acreditar mais que eu mesmo em mim, amor define o que sinto por vocês.

Aos meus irmãos Raquel Monteiro da Silva e Rodrigo Monteiro da Silva, que são exemplo em tudo que fazem, são minhas inspirações de como caminhar e como ser como pessoa, amo vocês de todo meu coração, se eu falar demais acabo chorando...

Agradecer a todos os amigos surdos e ouvintes por toda experiência de vida que vocês me propiciam, tantos aprendizados e tantas trocas de experiência e acima de tudo união e companheirismo, sempre acreditaram que eu era capaz mesmo quando ainda estava somente aprendendo meus primeiros sinais, amigos para a vida inteira e não somente para alguns momentos, amo todos vocês, faltaria página para poder colocar os nomes aqui, amo todos...

Agradeço à minha orientadora Prof^a. Dr^a. Ana Regina, por sempre estar ali na hora certa, com as palavras certas, eu já admirava como pessoa, pela história de dedicação, pelo conhecimento e por tudo que ela representa não somente para a comunidade surda mas pela

Mulher que é, máximo respeito e admiração por sua pessoa e hoje posso dizer e tenho certeza que ganhei uma amiga para o resto da minha vida. Obrigado por acreditar no projeto desde lá no início quando tudo estava ainda verde e nem sabia direito como caminhar por essa jornada e principalmente em um momento tão delicado que passamos que foi esse período pandêmico.

A todos os companheiros de trabalho do departamento de Letras/Libras da UFRJ e aos parceiros de tradução e interpretação do SETIL - Setor de Tradução e Interpretação, que me ajudaram, apoiaram em muitos momentos e mesmo quando às vezes estava quase surtando estavam ali me ajudavam nas demandas e tantos outros apoios, obrigado pela colaboração de vocês.

A tradução, afirma Derrida, assegura a sobrevivência de um texto. A tradução torna-se efetivamente na outra vida de um texto, um novo “original” numa outra língua.

Susan Bassnett (2003, p. 15)

RESUMO

Ao longo dos anos a atividade de tradução e interpretação em língua brasileira de sinais tem ganhado novos contornos, seja na área da educação, cultura e entretenimento. Muito tem se avançado no campo dos estudos também com as pesquisas voltadas para a área, sendo realizadas por diversos segmentos e diferentes tipos de profissionais. Sendo assim, a importância dessa pesquisa se dá pela compreensão de como se utilizar as ferramentas ligadas às atividades de tradução e interpretação que envolvam uma língua de modalidade visual e gestual (CAMPELLO, 2008), seja em contexto acadêmico bem como um ambiente social em seus diversos desdobramentos e realizações. Outro fator que contribui com essa pesquisa é o fato de um escasso número de trabalhos que abordam o tema relacionando-o com as Libras. Essa pesquisa tem como objetivo geral refletir sobre aspectos ligados a tradução e interpretação em processos que envolvem línguas de sinais e sendo atravessadas por uma prática da transcrição de um texto (CAMPOS, 2004), sendo recriado em outra língua durante o processo tradutório e levando em consideração questões das línguas em contraste, levando em consideração aspectos da Língua Fonte (LF) e a Língua Alvo (LA). Os objetivos específicos são de pesquisar como a transcrição pode validar aspectos da visualidade e as línguas de sinais, difundir o uso dessa prática como ferramenta durante o ato tradutório por fim a criação de uma plataforma que conta com alguns livros que foram traduzidos para Libras e ganharam um formato de vídeos-livros como produto/projeto desta pesquisa e alimentar o site chamado LIBROS. A pesquisa apresenta um caráter bibliográfico entendendo a necessidade da aplicação dos conhecimentos levantados por essa investigação bem como um caráter de uma pesquisa participativa e qualitativa onde o investigador ao adentrar em espaços de procedimentos de análise e investigação se dá conta da importância do aprendizado do tema proposto e de sua utilização em diversos ambientes. Tais conceitos têm como o objetivo de fundamentar e justificar a escolha traçada por esse caminho metodológico, sendo esse caminho também relacionado por uma pesquisa qualitativa e a pesquisa participativa. Outra proposta de abordagem metodológica utilizada neste trabalho é uma abordagem relativamente nova, denominada de Design Thinking, tendo como ideal o processo de evolução constante de novos produtos, aliado a novas tecnologias e novas formas de trabalho, portanto é preciso recorrer ao fato de ser criativo compreendendo que a tecnologia nos rodeia e tem poder de transformar a forma como vivemos. Essa metodologia aborda a criação por exemplo do material, objeto científico deste trabalho deixado como contribuição para a sociedade, sendo esse a criação de uma plataforma, que tenha a Libras como língua de instrução e que sirva para diversos aspectos de letramento e alfabetização de crianças surdas, visto que atualmente a produção de materiais e artefatos voltados para esse público alvo ainda é falha. Acredita-se por fim, que essa pesquisa tenha um cunho de contribuir para os novos caminhos e estudos na área da tradução e interpretação em Libras, bem como trazer a prática da transcrição como uma contribuição para a atividade permanente e presente durante a realização do ato tradutor.

Palavras-chave: Transcrição; Tradução e Interpretação; Libras; Intramodal e intermodal;

ABSTRACT

Over the years, the activity of translation and interpretation in Brazilian sign language has gained new contours, whether in the areas of education, culture and entertainment. Much progress has been made in the field of studies also with research focused on the area, being carried out by different segments and different types of professionals. Therefore, the importance of this research is given by the understanding of how to use the tools related to translation and interpretation activities that involve a visual and gestural language (CAMPELLO, 2008), whether in an academic context as well as a social environment in its various forms. developments and achievements. Another factor that contributes to this research is the fact that a scarce number of works address the theme by relating it to Libras. This research has the general objective of reflecting on aspects related to translation and interpretation in processes involving sign languages and being crossed by a practice of transcreation of a text (CAMPOS, 2004), being recreated in another language during the translation process and taking into account consideration issues of languages in contrast, taking into account aspects of the Source Language and the Target Language . The specific objectives are to research how transcreation can validate aspects of visibility and sign languages, to spread the use of this practice as a tool during the translation act, finally creating a platform that has some books that were translated into Libras and won a video-book format as a product/project of this research and feed the website called LIBROS. The research has a bibliographic character, understanding the need to apply the knowledge raised by this investigation, as well as a participatory and qualitative research character where the researcher, when entering spaces of analysis and investigation procedures, realizes the importance of learning the proposed theme and its use in different environments. Such concepts are intended to support and justify the choice made by this methodological path, which is also related to qualitative research and participatory research. Another proposal for a methodological approach used in this work is a relatively new approach, called Design Thinking, having as ideal the process of constant evolution of new products, combined with new technologies and new ways of working, so it is necessary to resort to being creative understanding that technology surrounds us and has the power to transform the way we live. This methodology addresses the creation of material, for example, the scientific object of this work left as a contribution to society, which is the creation of a platform, which has Libras as the language of instruction and which serves for various aspects of literacy and literacy for deaf children , since currently the production of materials and artifacts aimed at this target audience is still flawed. Finally, it is believed that this research has the aim of contributing to new paths and studies in the area of translation and interpretation in Libras, as well as bringing the practice of transcreation as a contribution to the permanent and present activity during the performance of the act. a translator.

Keywords: Transcreation; Translation and Interpretation; Libras; Intramodal and Intermodal;

RESUMO EM LIBRAS

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1: UNA ESSE;
- Figura 2: CAMBRA MORTUÒRIA;
- Figura 3: SONET;
- Figura 4: ESTELA ANGULAR;
- Figura 5: DRAMA EN EL PORT, PLANOL, JACULATÒRIA;
- Figura 6: Quadro de representação do esquema de Jakobson.
- Figura 7: Exemplo do sinal em Libras;
- Figura 8: Exemplo de sinal em ASL;
- Figura 9: Arte do curso;
- Figura 10: Banner e apresentação do COINES;
- Figura 11: Apresentação do vídeo no COINES;
- Figura 12: Capa de abertura do colóquio LingCognit;
- Figura 13: Apresentação do trabalho no LingCognit.
- Figura 14: Logo principal da plataforma Libros;
- Figura 15: Arte de exemplo da página do site Libros;
- Figura 16: Banner de divulgação da plataforma Libros;
- Figura 17: Representação da idealização para o vídeo;
- Figura 18: Representação de localização do sinalizante
- Figura 19: QR Code de leitura do site Libros.
- Figura 20: QR Code para leitura de vídeo.
- Figura 21: QR Code para leitura de vídeo.
- Figura 22: QR Code para leitura de vídeo.
- Figura 23: QR Code para leitura de vídeo.
- Figura 24: QR Code para leitura de vídeo.
- Figura 25: QR Code para leitura de vídeo.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Texto e tradução e a ideia base para a montagem dos vídeos.

Quadro 2: Processo de tradução de francês para o português, juntamente com a ideia de montagem dos vídeos para as transcrições em vídeo.

Quadro 3: Texto do Livro “A Caçada”

Quadro 4: Texto do Livro “Nós chamamos de casa”

Quadro 5: Texto do Livro “Vó, para de fotografar!”

Quadro 6: Texto do Livro “O menino e o foguete”

LISTA DE ABREVIACÕES

ASL: American Sign Language;

CEO: Chief Executive Officer;

CNHs: Carteira Nacional de Habilitação;

COINES: Congresso Internacional do INES;

DETRAN-ES: Departamento Nacional de Trânsito do Estado do Espírito Santo;

DT: Design Thinking;

IDEO: Innovation Design Engineering Organization;

INES: Instituto Nacional de Educação de Surdos;

ISBN: International Standard Book Number;

LA: Língua Alvo;

LF: Língua Fonte;

LIBRAS: Língua Brasileira de Sinais;

LSF: Langue des Signes Française;

SEDU/ES: Secretaria Estadual de Educação do Estado do Espírito Santo;

SI: Sinais Internacionais;

TV: Televisão;

TIC's: Tecnologia da Informação e Comunicação;

V-BOOKS: Vídeo Books;

WFD: World Federation of Deaf;

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	18
INTRODUÇÃO: A IMPORTÂNCIA DA PESQUISA SUA RELEVÂNCIA	26
I) IMERSÃO EM CONTEXTO ACADÊMICO	30
II) IMERSÃO FORA DO CONTEXTO ACADÊMICO	31
III) O QUE SE PRETENDE COM ESTE ESTUDO	34
CAPÍTULO 1: OBJETIVOS DESTA PESQUISA	36
1.1 OBJETIVO GERAL	38
1.2 OBJETIVO ESPECÍFICO	38
1.3 QUESTÕES MOTIVADORAS PARA O DESENVOLVIMENTO DESTA PESQUISA	39
CAPÍTULO 2: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	42
2.1 COMPREENDENDO O CONTEXTO DOS TRADUTORES E INTÉRPRETES	43
2.2 COMPREENDENDO A DIFERENÇA ENTRE AS MODALIDADES DAS LÍNGUAS EM QUESTÃO DURANTE O ATO TRADUTÓRIO	47
2.3 TRADUÇÃO & INTERPRETAÇÃO	52
2.5 A INFORMAÇÃO ESTÉTICA CONSTRUÍDA PELO CAMINHO DA TRANSCRIÇÃO	68
2.6 SOBRE A ABORDAGEM TRANSCRIATIVA	71
CAPÍTULO 3: PERCURSO METODOLÓGICO	73
3.1 O USO DA FERRAMENTA DO DESIGN THINKING COMO METODOLOGIA DE PESQUISA PARA DESENVOLVIMENTO E A IDEIA PARA A CONFECÇÃO DO PROJETO	78
3.2 ETAPAS DO PROCESSO	79
3.2.1 OBSERVAÇÃO OU DESCOBERTA	80
3.2.2 PONTO DE VISTA OU INTERPRETAÇÃO	80
3.2.3 IDEAÇÃO	80
3.2.4 EXPERIMENTAÇÃO OU PROTOTIPAGEM	81
3.2.5 EVOLUÇÃO	81

	17
3.2.6 IMPLEMENTAR	81
3.3 O DESIGN THINKING APLICADO À EDUCAÇÃO	82
3.4 LIBROS - ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS SOBRE A PLATAFORMA	82
3.4.1 O QUE É A PLATAFORMA LIBROS?	83
3.4.2 QUAL A LÓGICA POR TRÁS DA IDEIA	83
3.4.3 ESCOLHA DOS VÍDEOS PARA O PROJETO PILOTO	85
3.4.4 FORMATOS DOS V-BOOKS EXIBIDOS PELA PLATAFORMA LIBROS?	91
3.4.5 SOBRE A PLATAFORMA LIBROS	91
3.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAMINHO METODOLÓGICO	96
CAPÍTULO 4: LIBROS - UMA PLATAFORMA DE LIVROS VIRTUAIS E UMA NOVA EXPERIÊNCIA DE CONTAR HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS, TRANSCRIBINDO HISTÓRIAS PARA A PALMA DA MÃO	101
4.1 POR QUE PENSAR NO PRODUTO?	102
4.2 ESCOLHA DO NOME DO PROJETO: LIBROS: UMA HISTÓRIA NA PALMA DA MÃO	104
4.3 LENDO EM LIBRAS	107
4.4 OS VÍDEOS-LIVROS COMO FERRAMENTA DE ALFABETIZAÇÃO	108
4.4.1 VÍDEOS-LIVROS COMO FERRAMENTA DE LETRAMENTO	110
4.4.2 OS VÍDEOS-BOOKS COMO FERRAMENTA DE LEITURA	111
4.4.3 UTILIZANDO O VIDEO-BOOK EM LIBRAS PARA A PRODUÇÃO E CRIAÇÃO DE LIVROS INFANTIS SENDO TAMBÉM FERRAMENTAS TRANSCRITIVAS PARA OS TEXTOS	112
4.5 PRODUÇÃO DE VIDEOBOOK EM LIBRAS	114
4.5.1 NOVAS IDEIAS E ROUPAGENS PARA A DIFUSÃO E APROXIMAÇÃO DE L1 E L2 UTILIZANDO-SE DA TECNOLOGIA TENDO COMO BASE A TRANSCRIÇÃO EM VÍDEOS	115
CONSIDERAÇÕES PLAUSÍVEIS: VISÃO GERAL SOBRE O PROJETO	118
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	122

APRESENTAÇÃO

Começando essa trajetória com uma apresentação pessoal e os caminhos percorridos até se converterem aqui nessa pesquisa, entre eles o interesse pelo aprendizado pela Língua Brasileira de Sinais - Libras, a minha formação, entre outras questões que diz respeito à minha construção durante essa trajetória como tradutor e intérprete dessa língua em questão. Desde o meu início em aquisição dessa língua, como também o ingresso no mercado de trabalho. Aproveito aqui esse momento para falar um pouco sobre experiências sejam em contexto educacional quanto em contexto social e cultural, com esse atravessamento de um ser bilíngue que atua como profissional na área. Compartilhar também um pouco de como se deu o início dessa pesquisa nesse olhar de interesse e como chegamos até esse momento atravessado também por esses achados e descobertas dentro dessa pesquisa.

Ao longo de minha vida, o interesse por aquisição de outras línguas atravessa o meu caminho, seja o aprendizado inicial da língua inglesa, estudado nas escolas, (experiências vivenciadas por muitos estudantes com o tão sofrido e repetitivo "verbo To Be"). Outro idioma que sempre tive um olhar não muito atento, apenas um olhar de curiosidade, é o espanhol, seja pela pronúncia ou até mesmo pelo fato de ter sido exposto em algum momento a esse idioma.

Quando mais jovem, por volta dos 12 anos de idade, eu cursava aulas com professores particulares de inglês e já me arriscava em algumas "tentativas" de traduções de músicas internacionais para descobrir sobre o que está sendo cantado, qual mensagem ou qual a ideia da música. Uma atitude de querer desvendar o texto e a língua, isso me fez um interessado em sempre tentar aprender um pouco mais o idioma, em outros momento, esses mais marcantes, algumas interpretações de alguns pastores que vinham do Estados Unidos, outrora alguns ingleses, que vinham para o Brasil, para algumas conferências e pregações na igreja ao qual eu frequentava naquele momento. Extremamente envergonhado mas conseguia muitas das vezes lidar com a situação e contornar o nervosismo, enfrentando meu eu, e me desafiando a entender e compreender aquela outra língua, tentando ali umas traduções e interpretações.

O uso da língua inglesa já havia se tornado ainda mais significativo para mim dando sempre continuidade aos estudos da língua inglesa, até que em um dia, em meados dos anos 2000, aos 19 anos de idade, nesse mesmo contexto religioso, me deparei com uma nova realidade, (naquele momento na igreja que eu frequentava) eram algumas pessoas que conversavam e se comunicavam de um jeito diferente, com as mãos, o que era fácil de se notar, pois usando sinais e gestos, eles riam, e conversavam sobre diversos assuntos, coisas sérias e em outros momentos parecia ser alguma coisa engraçada, dava pra perceber pelas suas feições e suas expressões com o rosto, também em alguns momentos eles faziam uns movimentos bem bruscos com as mãos e em outros pareciam que escondiam como se fosse um código interno, um tipo de segredo que só eles entendiam, essa era a minha primeira exposição com aquela língua de sinais.

No início a estranheza tomou conta e confesso que no início, um certo tipo de preconceito, principalmente por não compreender nada sobre aquela nova realidade e sem nem saber que se tratava de outra língua, até mesmo por não possuir nenhum vínculo com a comunidade surda. O tempo foi passando e como esses surdos foram ficando e já estavam ligados a igreja de algum modo, aquele grupo logo se tornou em ministério de Libras da igreja, ou seja, tinham até representantes e se estabeleceram com algo mais coordenado. Fui me aproximando daquela comunidade e eles sempre frequentavam os mesmos lugares, fui aos poucos acostumando com esses novos frequentadores, pode-se assim dizer.

Durante um acampamento dessa igreja aconteceu uma experiência que mudaria minha vida de uma vez por todas, lembro exatamente como foi esse momento, lembro até do horário que aconteceu, exatamente 20:45 horas, quando um surdo (com forte influência de oralidade por conta do contato com a família) veio até onde eu estava e me disse:

Todos os surdos que estavam ali achavam você uma pessoa "legal" e que gostavam muito de ficar perto de você, mas nunca entendiam os significados de suas brincadeiras e piadas.

Foi como se algo atravessasse meu coração. Aquele dia foi um divisor de águas literalmente, aquela experiência atravessou meu caminho, minha vida pessoal e até mesmo profissional um pouco mais tarde. Passamos uma madrugada inteira conversando e estudando com aquele que chamo até hoje de meu primeiro professor de Libras, um surdo de nome Delmo, hoje um

amigo e irmão para a vida, me deu meu sinal, uma espécie de 2 (duas) letras R, como se estivesse tocando violão. Foi ali, naquele momento, um pontapé inicial para uma mudança de vida. No outro dia eu já estava dando bom dia, tudo bem, hora do café, querendo falar tudo tudo em Libras, óbvio que tudo errado, mas arriscando em meu mais novo desafio, entender e compreender, mesmo que superficial essa nova estrutura. Naquele momento, sem nenhum interesse em levar para um lado mais sério, nem nunca pensei em ser intérprete, queria aprender só pra conversar com eles. Posso dizer que aquele foi o meu primeiro contato com a Libras e com a comunidade surda. Tudo isso aconteceu dentro de um curto espaço de tempo, mas em pouco tempo eu já estava frequentando as festas de associações e churrascos promovidos pelos novos amigos. Acabei firmando laços de amizade para a vida. Começa ali, a partir daquela experiência, uma relação que mais tarde me levaria a exercer a minha profissão de Tradutor e Intérprete de Libras.

Ter a oportunidade de aprender Libras com os surdos foi algo diferenciado, um aprendizado por meio da imersão, conhecimento de cultura e fui fortemente tomado pela maneira de pensar em Libras. Observar o comportamento do surdo e seu jeito peculiar de se expressar em sua língua fez com que eu fosse atravessado por esse novo jeito de observar o mundo, através do ponto de vista totalmente diferente do meu conhecimento de mundo, apresentado pelos surdos.

Até aquele momento eu era um jovem recém formado em eletrotécnica, atuando como profissional em uma multinacional, jamais passou em minha mente ser um intérprete e tradutor de Libras. Os anos foram passando e eu, já ligado à comunidade surda, frequentando os mesmo ambientes, quando em uma conversa, um surdo plantou uma semente em minha cabeça perguntando:

"Porque você ainda não é intérprete?"

Essa pergunta ficou ecoando em minha mente, a essa altura da história eu já estava casado com uma tradutora e intérprete de Libras, que me motivou pela busca em me aprofundar nos estudos relacionados a essa área. Ela também me questionou sobre esse argumento que o surdo havia me feito, o que me levou a refletir ainda mais.

Com o passar dos anos fui me encaminhando para uma formação pedagógica focando os estudos para as realidades surdas, algumas certificações e cursos voltados para o

aprimoramento de uma língua adquirida na juventude, mas que precisava de uma parametrização para se exercer e atuar no âmbito profissional. Percebi que precisava estudar essa língua e não ficar somente naquela aquisição inicial, precisava de um aprofundamento naquele aprendizado. Após as primeiras certificações pela Secretaria de Educação do Espírito Santo/SEDU-ES, onde concluí os cursos de básico, intermediário e avançado em Libras, adquirindo a certificação, comecei a atuar como profissional tradutor e intérprete, tendo atuado em algumas escolas no estado do Espírito Santo, fui adquirindo com o passar do tempo uma certa experiência profissional.

Atuei também como intérprete de Libras tanto no âmbito do serviço voluntário, quanto pelo trabalho remunerado. Tive a oportunidade durante a aplicação de algumas provas teóricas que eram aplicadas pelo DETRAN/ES, na época não oferecia a acessibilidade interpretativa durante o tempo de aplicação das provas teóricas, atuando também durante as aulas interpretando na Auto-Escola. Essa realidade me fez pensar e repensar sobre a minha atuação como tradutor e intérprete de Libras, onde muitas das vezes tive que fazer diversas escolhas lexicais, escolhas linguísticas e aprender a administrar o processo interpretativo e tradutório do discurso/texto apresentado, tendo assim que deixar de lado algumas questões que no momento eu julgava ser não relevante para o discurso, como nomes pessoais, cor de carro, como por exemplo:

João e Maria estavam em um carro azul, quando o veículo, ao passar por uma pista molhada, perdeu o atrito com a pista. Nessa situação, o carro “flutua” no asfalto, fazendo com que o condutor perca o controle do veículo. Qual o nome desse fenômeno?

Qual a diferença entre a cor do carro ou os nomes daquelas pessoas que dirigiam o carro se a questão é saber sobre o fenômeno que acontece com o carro e o nome das pessoas não interfere em nada a resposta...

Pouco tempo para administrar a interpretação e para que o surdo compreenda o texto e realize a prova. Tudo isso durante as perguntas que eram aplicadas, pois a aplicação tinha por volta de cinquenta (50) minutos e trinta (30) questões em português sendo cada pergunta com mais quatro (4) opções de resposta, para serem respondidas contendo o enunciado e as escolhas objetivas, o que demandava de uma estratégia para não prejudicar o tempo de aplicação e o processo bem como administrar o conteúdo para o surdo que estava fazendo a prova. Esse

período acabou gerando um pensamento crítico visto que eu também acompanhava as aulas, logo, algo que me ajudava na compreensão do texto, interpretação do contexto que envolvia aquele discurso, como se as aulas fossem para mim, um tempo de preparo para interpretação durante o processo de aplicação das provas, tinha além da possibilidade de traduzir e interpretar as provas mas já chegava com a mente focada nos assuntos relacionados para a realização da prova.

Atuei em diversas vezes ambiente televisivos desde programas de TV quanto propagandas, em outros momentos horários políticos, que exigem uma postura diferente e um posicionamento que requer uma certa destreza e habilidade quanto ao ato tradutório em comum de sala de aula por exemplo, sendo um processo mais ágil de tradução em Libras e otimizado em relação ao tempo de exposição das falas e dos textos apresentados.

Em 2012, iniciei minha experiência em diversos cursos técnicos e profissionalizantes tendo atuado como tradutor e intérprete durante alguns anos nos cursos profissionalizantes oferecidos pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - Senai, em diversos cursos, desde elétrica e mecânica até os cursos de informática, dando uma aquisição ainda maior de vocabulário e termos/conceitos específicos de uma linguagem técnica.

No ano de 2017, tive uma experiência como professor Bilíngue de surdos pela Secretaria Estadual de Educação do Espírito Santo - SEDU/ES, experiência essa que ao longo do trabalho, me levou a refletir sobre o ensino e a estrutura apresentada sobre o aprendizado de Língua Portuguesa e até mesmo de Libras, aos alunos surdos no Brasil. Fiz a minha pós graduação em libras, o que abriu um horizonte ainda mais para algo que eu tinha em mente de me adentrar ainda mais na estrutura da Libras e os processos de tradução e interpretação dessa língua. Nesse mesmo ano passei em um Concurso de âmbito federal pelo Instituto Federal de Campos dos Goytacazes - IFF localizado na região norte do estado do Rio de Janeiro, fui intérprete de Libras desde o ensino médio profissionalizante, dentre eles os cursos de mecânica e eletrotécnica e até o ensino superior em diferentes áreas de atuação tais como os cursos de teatro, pedagogia, letras entre outros cursos oferecidos pelo campus.

A motivação maior para este trabalho, além do interesse em aprofundar as pesquisas relacionadas a Libras, mas pode-se assim dizer que foram dois momentos diferentes um do outro, sendo o primeiro momento o processo de tradução e interpretação em uma disciplina

de doutorado em linguística oferecido pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, onde eu estaria atuando como Tradutor e intérprete nas disciplinas de Sintaxe e Fonologia, essa experiência me fez mais uma vez repensar e questionar a minha atuação, entendendo meu lugar, quanto intérprete e o fato de ser alguém que está constantemente sendo atravessado por uma língua de modalidade Visual e espacial e aprofundamento de conhecimento científico produzido em um ambiente acadêmico de uma relevância de um programa de pós graduação de uma Universidade, com algumas alunas que eram referências para a minha produção de conhecimento na área da educação de surdos.

Outro momento que me fez refletir essa prática tradutória e interpretativa, foram os ambientes de tradução e a interpretação em contexto teatrais e apresentações de Stand Up comedy com piadas e improvisos feitos diversas vezes pelo interlocutores, nos fazendo recriar o textos durante a atuação, o que me fez refletir mais uma vez sobre um dos processos dos estudos da tradução, conhecido como Transcrição, termo cunhado por Haroldo de Campos em um ensaio de 1962, com o nome de “Da Tradução como Criação e como Crítica” que em 1967 fez parte do livro “Metalinguagem”, onde o próprio autor mostra e aponta para aspectos dessa abordagem de uma pratica transcriadora de um texto, que é a tradução criativa, porém crítica em si mesmo. Em alguns momentos como intérprete de peças de teatro, musicais, shows e diversos outros tipos de apresentações o que me levou a procurar aprofundar em cada tema, entendendo as diferenças e nuances entre a formalidade e informalidade, o engraçado e o sério, a piada e o discurso em si, entendendo assim diversos aspectos da tradução e interpretação, entendendo que não poderia parar e me contentar somente focando em vocabulário, mas em toda a estrutura, indo além do que era proposto, uma imersão linguística, cultural, intermodal e intramodal.

Desta maneira, apresento por meio dessa pesquisa, uma proposta trazendo uma relação do que propôs Stokoe (1960), durante suas pesquisas sobre fonologia onde trouxe demonstrou que alguns termos eram aplicados para línguas orais, ele fez que o mundo observasse as línguas de sinais, pois elas se aproveitavam de pesquisas de outras línguas para validar a existência fonológica em sua estrutura gramatical, por exemplo, inicialmente se concentrou suas pesquisas nos chamados "Quiremas" que não tiveram tanta força para se sustentar. Assumiu-se a partir dessas embates teóricos, que a estrutura 'fonológica', mesmo embora o termo "fono" tenha conotação e relação com os sons, no entanto quando estão em questão as

línguas de sinais e se trata de outra estrutura que não voltadas para aspectos voltados à sonoridades. Desse mesmo modo, podemos refletir a abordagem e o uso da transcrição para a realidade do processo de tradução e interpretação quando relacionado às línguas de sinais, não limitando o termo e seu uso apenas para a tradução de poesia, mas abrangendo essa abordagem para onde quer que tenha a relação da tradução e da interpretação de textos em geral, defendendo a idéia do recriar os textos, podendo ser aplicada a qualquer momentos onde exista uma necessidade do uso criativo do ato tradutório. Uma vez que segundo Haroldo de Campos (2004), baseado nos estudos de Ezra Pound (1960), que o autor defende se tratar de um processo de construção prática e não uma teoria, porém uma prática sempre crítica durante a sua atuação e sempre criativa enquanto produção de sentidos.

Essa abordagem tem como objetivo de recriar o texto original em outro texto na língua de chegada, usando em totalidade os recursos que a língua de chegada apresenta e oferece como complemento e ferramenta de construção desse novo texto, sendo reproduzido na língua de chegada. Potencializando um olhar intermodal e intramodal em diversos aspectos, entendo que nesse jogo se encontram das línguas, pois assim se faz o ato tradutório e interpretativo, e em se tratando das línguas de sinais, onde pode-se dizer que ela é a corporificação¹ do texto de maneira transemiotica transemiótica: Ao que se propoe, segundo Lima (2020) como transemiótica é método interpretativo voltado para as práticas sociolinguísticas que diz respeito ao texto em português ser representado pelo corpo, uma ideia de estar entre línguas diferentes, visões diferentes e leituras diferentes até mesmo relacionando o conceito de Intramodalidade, para representar com o corpo o texto que na língua fonte poderia ter sido criado em oralidade ou escrita e em Libras sera expresso pelo corpo do sinalizante. Discute-se o corpo, que é humano e político, como lócus de enunciação na produção escrita em português pela pessoa surda. atravessando os significados e exigindo a recriação de gestos e sinais aproximando as línguas em questão que são atravessadas pelo ato tradutório e interpretativo, quanto também atravessado por um profissional que assume e corre o risco de se colocar entre as línguas para a realização de tal ato.

Para se chegar à noção do que se propõe aqui como transemiótica como método interpretativo das práticas escritas em português por surdos(as), é

¹ Também conhecido como *embodiment*, pois trata-se de uma relação direta que a linguagem possui com o próprio corpo bem como a sua interação com o que está experienciado na realidade, podendo também ser a ideia de a língua atrelada ao corpo, seus movimentos recebendo conceitos e significados estéticos na construção de sentidos. Logo o corpo passa a ter uma ideia atrelada a língua e a linguagem sendo reorganizados na mente.

feita uma breve contextualização da teoria geral que investiga a natureza dos signos, a Semiótica. Não se trata, contudo, de uma revisão bibliográfica dos principais autores, como também não é intenção o aprofundamento teórico sobre a semiótica tida como clássica, que tem como principais representantes Ferdinand de Saussure (1857-1913), no campo da Linguística, e Charles Sanders Peirce (1839-1914), na Filosofia. Todavia, procuramos discutir sobre a emergência da transemiótica a partir do movimento das diferentes semioses codificando realidades construídas entre mundos/línguas e, por isso, transcultural. (LIMA. 2020, p. 118 - 119)

A Libras é atravessada por essa realidade visual-gestual (CAMPELLO. 2008) possuindo os aspectos voltados à visualidade e visibilidade dos surdos e o que me fez pensar em como o processo de imersão na cultura surda se faz também de suma importância para a recriação desse texto, seja no aspecto estético que esse novo texto vai ganhar, seja também o novo caminho que esse texto vai seguir.

Sendo assim, como me faz refletir o poema “A Terceira Margem do Rio” de João Guimarães Rosa (1994) nós tradutores e intérpretes de Libras, surdos e ouvintes estamos sempre nos arriscando na terceira margem do rio, ou seja ancorados em uma canoa atravessando a mensagem de uma margem para a outra, tentando nos manter firmes e com o máximo cuidado em entregar a mensagem para quem deve recebê-la, assumimos o risco de estar atravessando o rio, encarando seus desafios durante essa travessia às vezes mais calma e às vezes perigosa e arriscada, mas estamos lá dispostos e sendo crítico de nós mesmos, absorvendo a criatividade para transmitir o conteúdo de maneira fluida e com o máximo cuidado para que nada se perca no meio do caminho, afinal a terceira margem desse rio é onde nos encontramos quanto profissionais dessa área, entre duas margens, sempre entre duas línguas.

INTRODUÇÃO: A IMPORTÂNCIA DA PESQUISA SUA RELEVÂNCIA

Muito tem se pensado, sobretudo nos últimos anos, acerca do ensino e das pesquisas voltadas para as Libras e outras línguas de sinais, visto que esse crescimento abrange também o campo do processo de tradução e interpretação, nesse contexto sendo um campo de pesquisa emergente, tanto no aspecto acadêmico, quanto no crescimento à profissão de tradutor e intérprete. Tendo em vista essa realidade, essa pesquisa tem em sua importância e os seus interesses relacionados ao aspecto do ato tradutório, procurando adentrar em uma problematização voltada para essa área e refletir sobre um posicionamento de uma abordagem que tenha como foco pensar a tarefa da tradução/interpretação como um olhar crítico e responsável, assumindo a abordagem da transcrição (CAMPOS. 2004), como pensamento norteador dessa pesquisa e trazendo essa prática transcritora como uma ferramenta atrelada ao ato tradutório visando compreender o produto desse processo em diferentes modalidades de línguas, seja o português ou em Libras, lidando com a intermodalidade das línguas ou ainda dentro de um processo intramodal de língua de Sinais para língua de sinais, como por exemplo do American Sign Language - ASL para a Língua Brasileira de Sinais - Libras, tendo em vista como processo sendo atravessado por essa abordagem transcritiva.

Segundo Haroldo de Campos (2004), em sua reflexão pela ideia sobre o que seria tal abordagem transcritiva, baseado em leitura em outros autores, tais como Ezra Pound (1885-1972) (cf. H. Campos, 1958/2010, p. 60), e Umberto Eco onde tiveram um primeiro encontro desde 1962. Sendo assim, o autor afirma que a tradução de textos criativos, ganha uma nova versão durante o processo de tradução/interpretação, seja sua criação vinda dos textos originais que conseqüentemente será afetado, onde o responsável pelo ato tradutório precisará fazer escolhas, desde administrar o significado quanto o de reconstruir em uma outra língua o texto que será atravessado por esse processo.

Assim, para nós, a tradução de textos criativos será sempre uma recriação, ou uma criação paralela, autônoma mas recíproca. Quanto mais difícil este texto, mais recriável, mais atraente ele é como uma possibilidade aberta de recreação. Numa tradução desta natureza, não se traduz apenas o sentido, mas traduz-se o próprio signo, ou seja, a sua fisicalidade, a sua própria materialidade (propriedades sonoras, imagens visuais, enfim tudo o que forma, segundo Charles Morris, a iconicidade) do signo estético, entendido por signo icônico como "que é de alguma forma semelhante ao que designa". O significado, parâmetro semântico, será apenas o ponto de demarcação do lugar do empreendimento criativo. É, portanto, o inverso da chamada tradução literal. (CAMPOS, 2004, p. 35)

Sendo perpassado pela recriação em sua modalidade de língua, logo não será mais o mesmo texto que no ponto de partida poderia-se chamar de original. Se por algum acaso estamos falando de intramodalidade ainda se preserva na recriação alguns traços do texto original ou da língua de partida, como por exemplo uma interpretação de uma palestra em American Sign Language - ASL para a Libras, onde as duas línguas possuem em comum o mesmo traço de modalidade embora sejam códigos diferentes e ao se tratar de duas línguas de sinais com aspectos voltados para o visual gestual e espacial. Sabe-se que as línguas têm suas especificidades e várias informações estão profundamente relacionadas a sua cultura, fazendo com que o processo de tradução se dá em uma atuação crítica de um responsável pela execução desse ato, precisando compreender qual a cultura da língua de origem e como a cultura da língua alvo pode ser recriada durante o processo, esse responsável colocará as culturas sem choque, como se colidissem de fato e se fundissem em um processo transformador e recriador, uma metamorfose.

Esse profissional não vai estar somente preso às significações dos sinais ou não somente estará se voltando para uma oração ou período de um determinado texto, mas pelo todo o que está sendo apresentado e para quem está sendo apresentado. Esse responsável momentâneo precisa conhecer não somente a língua que vai passar pelo processo tradutório, mas a língua que vai receber o processo da tradução e vai ser transformada em um novo texto, logo esse texto terá as implicações da língua de chegada, ou língua alvo que segundo Quadros (2002) que destaca sendo:

- **Língua fonte (LF)** - É a língua que o intérprete ouve ou vê para, a partir dela, fazer a tradução e interpretação para a outra língua (a língua alvo).
- **Língua alvo (LA)** - É a língua na qual será feita a tradução ou interpretação.

Porém quando o exemplo se dá em diferente modalidade de língua como a tradução do português para a Libras, pode-se assim dizer que de fato a primeira língua terá bem menos influência na produção da segunda língua, uma vez que atravessam por modalidades totalmente diferentes embora existam empréstimos linguísticos entres os códigos mas suas estruturas gramaticais já começam em conflito quanto a modalidade de uma estar atrelada a princípio ao som e a escrita ou a articulação da produção oral dessa língua.

[...] Uma tradução sempre envolve uma língua escrita. Assim, poder-se-á ter uma tradução de uma língua de sinais para a língua escrita de uma língua falada, da língua escrita de sinais para a língua falada, da escrita da língua falada para a língua de sinais, da língua de sinais para a escrita da língua falada, da escrita da língua de sinais para a escrita da língua falada e da escrita da língua falada para a escrita da língua de sinais. A interpretação sempre envolve as línguas faladas/ sinalizadas, ou seja, nas modalidades orais-auditivas e visuais-espaciais. Assim, poder-se-á ter a interpretação da língua de sinais para a língua falada e vice-versa, da língua falada para a língua de sinais. Vale destacar que o termo tradutor é usado de forma mais generalizada e inclui o termo interpretação. (QUADROS. 2002, p.9)

Sendo que a Libras vai contar com recursos da visualidade e da visibilidade segundo a leitura proposta em Campello (2008), por se tratar de uma língua gestual e visual, envolvendo assim diversas produções e significações atreladas ao corpo, durante esse processo de tradução dentro desse âmbito da diferença da modalidade, onde estará em questão como o corpo será usado em conjunto com a produção de diversos sinais produzidos, o intérprete/tradutor terá que administrar o conteúdo de maneira crítica de si, não acompanhado palavra por palavra e também não produzindo sinal por sinal mas produzindo se fazendo entender com um novo texto e se preocupando de uma maneira mais significativa com o fator estético da produção em Libras, do que simplesmente se ater ao papel básico da tradução.

Envolve um ato COGNITIVO-LINGÜÍSTICO, ou seja, é um processo em que o intérprete estará diante de pessoas que apresentam intenções comunicativas específicas e que utilizam línguas diferentes. O intérprete está completamente envolvido na interação comunicativa (social e cultural) com poder completo para influenciar o objeto e o produto da interpretação. Ele processa a informação dada na língua fonte e faz escolhas lexicais, estruturais, semânticas e pragmáticas na língua alvo que devem se aproximar o mais apropriadamente possível da informação dada na língua fonte. Assim sendo, o intérprete também precisa ter conhecimento técnico para que suas escolhas sejam apropriadas tecnicamente. Portanto, o ato de interpretar envolve processos altamente complexos. (QUADROS. 2002, p.27)

Outro fator importante durante o processo de tradução que nesse olhar ganha uma coloração pela operação por meio da transcrição, é o fato da língua estar exposta em um fator criativo, saber lidar com a estética de uma língua que precisa do corpo, dos gestos e das expressão que não estão necessariamente atrelados ao código de uma língua de sinais, mas esta ligado ao fato desse processo ser interpretativo, uma corporificação do texto falado ou escrito, trazendo para as mãos, para o corpo, para os sinais o que o texto como um todo quer significar e não deixar a pessoa que esta executando o ato tradutório estanque, rígido em uma tradução mas sendo criativo no que diz respeito a criação de descrições imagéticas, como esse corpo vai ser atravessado pelo texto que se interpreta ou traduz, como será a produção de tal sinal utilizado

durante a fala, escolhas lexicais, escolhas tradutórias, sendo crítico para não cometer algum equivoco, quase um processo metafísico da tradução, sendo criterioso na escolha de produção de sinais, respeitando a cultura, a identidade do interlocutor do texto, e nesse caso o receptor do texto uma vez que o tradutor e intérprete se coloca em uma posição de estar no meio do texto onde ele é atravessado pelo texto, pelas intenções. Não simplesmente o fato de ter vocabulário amplo em determinada língua, mas saber usar esse arsenal vocabular em escolhas tradutórias que condizem com o do texto seja.

Um motivador para a escolha para essa pesquisa, não somente se dá ao fato de aprofundamento de pesquisas relacionadas a Libras ou até mesmo voltadas para o contexto dessa tradução/interpretação bilíngue, mas dois momentos foram muito importantes para a construção dessa abordagem de pesquisa. Um deles é o aprofundamento em contexto acadêmico de tradução e interpretação de aulas e de materiais relacionados a essa abordagem dentro de um contexto bem mais específico por se tratar de um ambiente de ensino e aprendizagem. Outro motivador dessa pesquisa se dá pelo contexto extra acadêmico ou seja, no âmbito mais social, desde o entretenimento até a aquisição de conhecimento em espaços não formais, também atrelados ao contexto da tradução e interpretação de textos, tendo em vista não somente a abordagem de textos escritos mas também em uma proposta de literatura visual pensando essa como modalidade de produção utilizando a visão, a princípio, como a principal finalidade para captar a informação. A partir do momento em que a comunidade surda se identifica como alguém que tem como fator o da produção imagética a partir da construção de significados em sua modalidade de língua, dá-se então a ideia da literatura visual. Sutton-Spence (2005) aponta para essa criação de comunidades surdas para embasar a ideia de produção literária, que nesse aspecto é a sinalizada, a partir da concepção cultural que permeia o indivíduo quanto alguém que faz uso de sua língua como qualquer atividade humana que sendo as suas construções em sociedade, influenciando assim uma visão de mundo onde essas relações linguísticas e extralinguísticas se associam fortalecendo o discurso do texto e literatura visual com base nessas relações vivenciadas dentro da comunidade surda.

I) IMERSÃO EM CONTEXTO ACADÊMICO

O primeiro momento que faz voltar os olhos para esses estudos, foi o processo de tradução e interpretação na pós graduação, sendo mais específico, para o curso de doutorado em

linguística oferecido pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, onde atuando como “tradutor e intérprete” para as disciplinas de Sintaxe e de Fonologia, que contavam a princípio com um total de 3 alunas surdas. Essa experiência fez mais uma vez repensar e questionar a atuação do intérprete no papel de autor e mestrando, enquanto processo e não somente como atuação ou uma simples interpretação, compreendendo claramente meu papel a ser desenvolvido, quanto intérprete no momento em que a disciplina fosse ministrada em sala de aula e o fato de ser alguém que está constantemente sendo atravessado por uma língua de modalidade visual, gestual e espacial da Libras bem como o aprofundamento de conhecimento científico produzido em um ambiente acadêmico de uma relevância de um programa de pós graduação de uma Universidade, um processo formativo, não somente de uma graduação mas de doutores e mestres em questão, sendo inclusive o fato de que algumas das alunas são referências para leitura, pesquisa e produção de conhecimento na âmbito nacional para a educação de surdos, usou a necessidade de usar ali o total cuidado e ser criterioso com o processo de tradução e interpretação, logico que em todo momento a atuação do profissional precisa ser atenciosa e criteriosa, mas esse momento de fato atravessou a objeto da pesquisa como um dos norteadores do pensamento para a execução e pesquisa desse tema, embora essa pesquisa não esteja relacionada aquele ambiente, este fez repensar o processo e apontar para reconstrução de uma nova abordagem e ate mesmo a ideia de contar inúmeras vezes com o apoio não só do interprete de apoio mas as próprias alunas por demonstrarem conhecimento daquele universo linguístico, tanto de sinais quanto de conceitos usados durante as aulas.

II) IMERSÃO FORA DO CONTEXTO ACADÊMICO

O segundo momento que fez aprofundar e refletir sobre as construções dos textos em Libras, quanto processos interpretativos e tradutórios foram os ambientes de contexto fora de uma linguagem acadêmica, onde o discurso tem outra finalidade, em alguns momentos voltados para as informações, em outros momentos são direcionados ao entretenimento, sejam em ambientes de apresentações teatrais ou até mesmo em shows de *Stand Up comedy*², alguns shows de músicas e outros mais voltados para palestras. O tipo de abordagem e outra pois

² Termo usado em inglês que se refere a uma apresentação de humor geralmente apresentada e representada por um único artista. Tendo como nomes famosos como Eddie Murphy, Woody Allen e alguns brasileiros também popularizaram o termo no Brasil como Chico Anysio e Jô Soares.

está repleto de piadas, falas particulares e diversas situações de improvisos, que acontecem pelo fato da interação com a plateia e são realizados inúmeras vezes durante as apresentações, embora os atores, cantores e profissionais dessa área chegam com o texto pronto e ensaiado, sempre se tem espaço para acontecimentos espontâneos, uma interação com o público que às vezes é inesperada, nesse momento: Como fica o tradutor e intérprete de Libras? Como se comporta? Qual postura assume? E em alguns momentos que são até colocados como parte da apresentação, como reagir a essa situação? Tendo que recriar os textos durante a atuação e apresentação seja de um musical, uma peça ou simplesmente contar uma piada ou uma história.

O que fez refletir mais uma vez sobre um dos processos dos estudos da tradução, conhecido como Transcrição, que é a tradução criativa, porém crítica em si mesmo. Em alguns momentos como intérprete de peças de teatro, musicais, shows e diversos outros tipos de apresentações o que me levou a procurar aprofundar em cada tema, entendendo as diferenças e nuances entre a formalidade e informalidade, o engraçado e o sério, a piada e o discurso em si, entendendo assim diversos aspectos da tradução e interpretação, entendendo que não poderia parar e me contentar somente focando em vocabulário, mas em toda a estrutura, indo além do que era proposto, uma imersão linguística, cultural, intermodal e intramodal.

Desta maneira, por meio dessa pesquisa, apresenta-se uma proposta semelhante ao que ocorre com Stokoe (1976), quando deixou claro sobre a diferença entre as línguas orais e as línguas de sinais, porém durante suas pesquisas, alguns termos eram aplicados apenas para línguas orais, pois suas pesquisas serviram como base para validação no âmbito fonológico das línguas de sinais, inicialmente se concentrou no uso do termo em inglês – *chereme*, que se encontra em algumas pesquisas traduzido para o português em alguns momentos como *quirema*, em outras publicações se encontra como *querema*, tendo como principal foco dessa discussão ao que se refere à diferença de modalidade, sendo assim, assumiu-se mais tarde, o uso da fonologia aplicada às estruturas das línguas sinalizadas.

Stokoe (1976[1960]) deixa claro que a diferença entre as línguas de sinais e as línguas orais é o que atualmente chamamos de modalidade. Ele menciona que não há diferença estrutural entre a língua oral e a língua de sinais, ressaltando que apenas são respectivamente orais auditivas e visuais-espaciais. Neste momento, o autor já trata das questões fonológicas da língua de sinais ao fazer uma analogia com o termo em inglês – *chereme*, que se encontra traduzido para o português ora como *quirema*, ora como *querema*, [...] (LUCHI. 2017, p.18)

Portanto, Stokoe (1960) em suas pesquisas, causa um impacto sobre outras tantas pesquisas que viriam ao longo do tempo e influenciaram os estudos relacionados às línguas de sinais, fazendo com que se adaptem para o campo de estudos fonológicos. Dessa mesma maneira podemos destacar a Transcrição, não somente ligada ao campo da literatura ou da tradução e interpretação poética, mas para uma realidade prática do processo de um ser recriador de um texto atravessado pela experiência da tradução e/ou interpretação de línguas de sinais, seja de Libras para outras línguas de sinais ou para o português ou vice e versa, sendo assim para Haroldo de Campos (2004), embasado por estudos tendo como referência o autor Ezra Pound (1960), que o autor defende se tratar de um processo de reconstrução e reorganização prática e não de uma teoria propriamente dita, porém esse profissional como um ser crítico de sua atuação de recriar o texto traduzido e/ou interpretado, o autor até esse momento estava lidando com textos poéticos e o proposto para essa pesquisa é tornar o termo ainda mais abrangente, como diz:

[...] e, como base, a teoria de tradução de Ezra Pound (1885-1972) (cf. H. Campos, 1958/2010, p. 60) e as reflexões sobre tradução de Albercht Fabri e Max Bense (1910-1990). Trata-se de um de seus mais influentes ensaios e primeira tentativa de pleno direito de teorizar sua extensa e intensa prática de tradução. As ideias principais deste estudo fundamental, posteriormente desenvolvido e aperfeiçoado, manter-se-iam ao longo de toda sua obra (cf. Nóbrega e Milton, no prelo, p. 257-258). (SANTANA-DEZMAN e MILTON. 2016, p.4)

Se firmando na ideia de um processo prático e no que diz respeito principalmente à utilização de diversas ferramentas para o contexto de tradução e interpretação em línguas de sinais, sejam desde o uso do corpo para recriar os personagens de uma história até o fato de ser atravessado por escolhas de descrições imagéticas compreendendo as DI como um recurso direto voltado para o apelo visual do sujeito surdo, para a reconstrução de ideias e termos mencionados no texto a ser traduzido, dando vida através do uso dos gestos e sinais e até mesmo o corpo para mostrar forma, aspecto, tamanho e dimensão.

[...] pode ser grande, pequeno, miúdo, colosso, maior, avantajado, vasto, corpulento, alto, de longa extensão, comprido, longo, excessivo, agudo, forte, intenso, violento (dependendo do envolvimento sen mental), poderoso, importante, notável, de qualidade superior, marcante, pouco extenso, pouco volume, estatura abaixo da média, valor inapreciável, acanhado, mesquinho, insigni cante, humildade, sen mento de inferioridade, medo, menor, mais pequeno etc. As formas, por sua vez, estão relacionadas às características sicas dos seres e das coisas como decorrência da estruturação de suas partes, formatos, fei o, gura, corpo, substância, estado, e ou aparência sica de um ser ou de uma coisa daquilo que é visto. (CAMPELLO. 2008, p. 213-214)

De acordo com essa abordagem apresentada por Campello (2008), que nos leva a refletir sobre os aspectos voltados à visualidade dos surdos e como a Libras é atravessada por essa realidade visual-gestual, o que me fez pensar em como o processo de imersão na cultura surda se faz também de suma importância. Essa teoria tem como objetivo de recriar o texto original em outro texto na língua de chegada, usando em totalidade os recursos que a língua de chegada apresenta e oferece como complemento e ferramenta de construção desse novo texto, sendo reproduzido na língua de chegada. Potencializando um olhar intermodal e intramodal em diversos aspectos, entendo que nesse jogo se encontram as línguas, pois assim se faz o ato tradutório e interpretativo, e em se tratando das Línguas de Sinais, onde pode-se dizer que ela é a corporificação do texto de maneira que ultrapassa a fronteira da semiótica, atravessando os significados e exigindo a recriação de gestos e sinais aproximando as línguas em questão que são atravessadas pelo ato tradutório e interpretativo, quanto também atravessado por um profissional que assume e corre o risco de se colocar entre as línguas para a realização de tal ato.

III) O QUE SE PRETENDE COM ESTE ESTUDO

A princípio essa pesquisa se compromete a compreender que o uso termo transcrição não está atrelado a uma teoria, porém vem de uma prática que se trabalha em conjunto com o processo de tradução e interpretação, porém essa prática, segundo Campos (2004), trata-se de ser um processo de tradução e interpretação, sendo esse criativo e crítico, levando em consideração todo o processo, também o conhecimento entre os mundos das línguas que estão em questão durante o processo do ato tradutório, sendo colocados em questão as culturas das línguas afetadas, os códigos das línguas que serão atravessadas por essa questão. Sendo assim, convém usar o termo transcrição está sendo usado como uma abordagem que usa a imersão de algumas teorias atreladas a sua construção, sendo a teoria da comunicação e a teoria da tradução como chaves para caminhar construindo suas bases, tendo também os estudos bilíngues, principalmente voltados aos estudos surdos.

A transcrição traz, com sua fundamentação teórica, diversos autores. Que lidam com a ideia de trabalhar o texto como uma recriação, ou o tradutor como recriador de um texto, dentre eles o poeta e crítico literário Ezra Pound (1960), que criou o conceito de *Make it New*, que diz respeito a refazer e transformar o que já está pronto, tendo atuado como tradutor de

diversos artigos e poesias, trazendo a ideia de que o texto não poderia ser traduzido seguindo as mesmas estruturas.

De modo geral, podemos afirmar que Haroldo de Campos concebe a tradução basicamente como uma operação por meio da qual o tradutor cria, em sua língua e cultura, obras que já foram criadas na língua e cultura do texto de partida – daí o termo “recriação”. Paulatinamente, seu projeto de criação por meio da tradução granjeia autonomia suficiente para que, por fim, o tradutor assuma, para Haroldo de Campos, a liberdade de operar sobre o texto que traduz as transformações determinadas por sua própria constituição enquanto indivíduo social – integrado por uma cultura² diferente da cultura em que o texto de partida foi concebido. (Santana-Dezman. Milton. p.2, 2016)

Outro autor usado para reflexão para a repositória da transcrição em Campos, foi Derrida (1979) que assume que o texto traduzido lê na verdade um processo de recriação de um novo texto em uma outra código linguístico, saindo da língua de partida, sofre transformações, é afetado por todo o processo de tradução e se refaz em sua construção, na língua de chegada. Outra leitura importante se faz em Benjamin (2008), que traz a tona a função do tradutor, como se comporta em sua postura de frente ao novo texto, logo, toda essa leitura foi importante para que Campos, possa cunhar o termo da transcrição para textos literário e poéticos, porém o intuito dessa pesquisa é abranger esse tema e levá-lo a qualquer ambiente onde se tenha o ato tradutório, podendo ser esse ambiente acadêmico, palestras, contexto televisivo ou qualquer ambiente afetado pelo processo de tradução e interpretação.

CAPÍTULO 1: OBJETIVOS DESTA PESQUISA

Antes de adentrar aos objetivos apontados por essa pesquisa, se faz importante refletir sobre alguns aspectos norteadores para a estruturação e realização deste trabalho sendo (i) uma perceptível inófia em pesquisas abordando o tema apresentado relacionando-se ao processo de tradução que envolvem línguas de sinais e (ii) O ato tradutório sendo atravessado pelo processo transcrição de um texto durante o processo de tradução e/ou interpretação, seja entre línguas de modalidades similares ou modalidades diferentes. Sendo assim, tentando resolver as seguintes questões:

Como abordar uma prática transcritiva, atrelada, como ferramenta, ao ato tradutório de um texto, validando assim, os aspectos diretamente ligados a visualidade e visibilidade que perpassa pelos processos de tradução e interpretação que envolvem línguas de sinais dentre as línguas afetadas pela tradução e/ou interpretação? Como usar a transcrição? Como ser crítico e criativo durante a aplicação dessa prática?

Compreendendo a partir dos estudos dessa prática, entende-se que o ato tradutório quando envolve a modalidade de uma língua sinalizada, precisa se valer de diversas ferramentas para validar suas informações, ferramentas essas que podemos destacar a forte utilização do corpo, a utilização eficaz de descrições imagéticas, aspectos voltados a visualidade e visibilidade do sujeito surdo, conhecimento que vai além do conhecimento de uma língua ou de um vasto arsenal vocabular, mas a incorporação de um texto a uma modalidade visual, gestual e espacial e em caso contrário a compreensão do texto visual com todas essas ferramentas acima citadas porém atrelada a língua de chegada para a eficácia do ato tradutório.

Direcionado pelos estudos iniciais, operacionalizou-se a seguinte hipótese para elaboração e reflexão desta pesquisa:

Hipótese: Ao se traduzir ou interpretar, por exemplo do português para a Libras, não se pode levar em consideração apenas os sinais relacionados às palavras e nem seguir a mesma ordem linear das frases, pois a Libras possui aspectos de simultaneidade e para além disso a sua modalidade é diferente de uma língua oral, onde por meio de visualidade e visibilidade o sujeito que será o receptor da mensagem transmitida pelo ato tradutório vai receber. Portanto, será que os caminhos que a prática da transcrição trás para validar aspectos da visualidade e visibilidade que as línguas de sinais possuem, por ter uma modalidade visual e gestual, podem contribuir para a recriação do texto, sem ferir sua intencionalidade e imprimir somente a visão tradutória, mas se valendo de uma abordagem estética que as línguas de sinais possuem e as diferença entre as modalidades para se recriar o texto sendo crítico e criativo?

Essa pesquisa tem a intenção de contribuir para os estudos voltados para a área da tradução e interpretação quando esse processo tem em umas de suas línguas, seja a língua de fonte (LF) ou a língua de alvo (LA), um língua de sinais como a Libras por exemplo, e até mesmo quando esse processo possui duas línguas de sinais, bem como propor uma reflexão e discutir sobre uma prática que pode ser de fato atrelada ao processo de tradução e interpretação pelo profissional que executa a atuação do ato tradutório. deixando também como produto material dessa pesquisa que possa contribuir para a educação de surdos e suas interfaces.

1.1 OBJETIVO GERAL

Refletir como a tradução e a interpretação, quando o processo tradutório envolve línguas de sinais, ou seja uma língua em modalidade visual e gestual, pode ser atravessada pela prática da transcrição, se recriando como texto atravessada de maneira estética, crítica e criativa, levando em consideração aspectos da Língua Fonte (LF) e a Língua Alvo (LA).

1.2 OBJETIVO ESPECÍFICO

- Pesquisar os caminhos que a prática da transcrição traz para validar aspectos da visualidade e visibilidade que as línguas de sinais possuem uma vez que sua modalidade é diferente as línguas orais, visto que esse processo pode ser atravessado pela intramodalidade, quando esse processo envolve duas línguas de sinais.
- Difundir o uso da transcrição como prática e ferramenta durante o ato tradutório construindo um material objeto de pesquisa que traz essa noção para crianças que usam Libras para sua comunicação, por meio do uso de vídeos, sendo esses salvos e criados em uma plataforma imergindo a criança a já iniciar seu pensamento tradutório e ou interpretativo atrelado a língua.
- Avaliar o processo de composição e a estrutura da tradução de uma língua para a outra, tendo como base para a construção para a língua de sinais brasileira e também a tradução de Libras para o português.
- Criar um site para exibir os 6 (seis) *V-Books*³, transcritos (que passaram pelo

³ Termo utilizado nesta pesquisa para, em alguns momentos substituir a palavra Videobooks.

processo de traduzir e interpretar afetados pela abordagem deste trabalho) como produto/projeto desta pesquisa e alimentar o site com livros de própria autoria.

1.3 QUESTÕES MOTIVADORAS PARA O DESENVOLVIMENTO DESTA PESQUISA

O ato tradutório relacionado ao procedimento de traduzir e interpretar um texto ou uma palestra, ou qualquer outra situação onde tenha como finalidade a de transpor um texto ou até mesmo um discurso de uma língua para outra, vai muito além de simplesmente o fato de saber sobre a língua de partida ou língua de chegada ou o simples fato de ter um conhecimento e aquisição de um vasto vocabulário em ambas as línguas que estão em contraste durante o processo de tradução/interpretação, na verdade não se trata de uma atividade simples ou uma tarefa fácil de se realizar, quando na verdade uma atividade bem complexa. Existe um fato ligado esse processo que é o fato da necessidade de ser crítico quanto às suas escolhas e possuir um certo zelo de se manter fiel ao texto original, entendendo essa tarefa com uma grande atuação, analisando durante esse processo o que é relevante para o texto ou o que pode ser deixado de lado, de modo que esse texto continue autêntico, sem perder algumas características que São fundamentais em um processo de texto traduzido e/ou interpretado para um outra língua.

Quando argumenta-se sobre o que seria a ideia de tradução, Derrida (1979) ele afirma que torna-se efetivamente outra vida um texto um novo “original” numa outra língua, logo um novo texto é criado pelo processo de tradução, que nada mais é do que a atividade de interpretar um texto baseado na ideia da influência da língua-fonte sobre a língua-alvo. Já Benjamin (2008), que vai pensar nesse profissional responsável por administrar um processo da recriação desse novo original, que pode chamar de recriação que será transmitido para outra língua. Sendo assim a ideia de ser um processo transcriativo emerge junto com o processo de tradução e interpretação, como foi inspirada principalmente na ideia de tradutor como recriador, de Ezra Pound (1970 - trad. Augusto de Campos).

Não se trata de uma tradução livre, porém, afetada por uma série de implicações que são bem aprofundadas na teoria de transcrição. Sobretudo, a importância da aplicação da prática da Transcriativa, de Campos (2004), pode lidar com esse processo de recriação e também a construção de sentidos e equivalências durante o ato tradutório. O intérprete é responsável por administrar uma grande quantidade de informações que atravessam o seu modo de

pensar, de entender o discurso e traduzir em outra língua, interferências de sua língua, peculiaridades da Libras, de seu conhecimento de cultura e comunidade surda e sobretudo, seu conhecimento dentro desse sistema da língua de sinais brasileira em questão. Faz-se necessário levar em consideração o processo de construção desse novo texto, que para a Libras seja expressada com criatividade, tendo uma capacidade de compreender uma quantidade enorme de frases e palavras em sua língua, até mesmo algumas que nunca antes ouviu ou pronunciou e tenha a mesma conotação que apresentada na língua original.

Outro ponto extremamente importante é que o profissional tradutor e intérprete de Libras tenha em sua demanda de atuação, um tempo reservado para preparação, um momento estratégico de planejamento antes da atuação. No que diz respeito à relevância para esse planejamento, tendo em vista que o intérprete/tradutor de Libras, tenha acesso prévio aos materiais, sendo temas, citações se possível, para ele se preparar, escolhendo os sinais específicos para o contexto e durante um tempo de planejamento e que esse período permite um diálogo direto com o professor se esse contexto for o educacional, com a equipe pedagógica focando diretamente a potencialização do aluno surdo como é destacado por Lacerda (2009) e Albres (2015) fazendo com que esse planejamento seja eficaz para a preparação dos profissionais responsáveis pela demanda de atuação e tenham como foco o sujeito que será o receptor de tal mensagem.

Se o processo de atuação se dá pela tarefa da Interpretação, importante que esse profissional tenha de fato um tempo antes para se preparar para aquela demanda, conhecendo o texto, o público, a ideia do autor, todo o processo de estudo e aprendizado vocabular relacionado ao discurso que vai ser interpretado de maneira simultânea pelo intérprete de libras. Se no caso for uma tradução, é importante que esse profissional também tenha esse tempo de preparo e de conhecimento de área, preparação de glosas para a tradução, espaço para gravação, material para a execução de sua atividade.

Em outro momento dessa pesquisa se dá pelo fato de compreender como a transcrição pode ser relevante para o momento de atuação do profissional e fazer o tradutor/intérprete repensar a importância da imersão na cultura surda, contribuindo para a clareza de sua interpretação, de suas escolhas e os caminhos a serem seguidos, que serão assimilados durante processo pelo sujeito que será afetado por receber o texto, seja uma aula em um ponto de vista educacional ou seja uma apresentação teatral, uma palestra em algum congresso ou em qualquer ambiente afetado pelo ato tradutório. Relacionando assim, a abordagem de uma

recriação de um novo texto em outra língua, outra cultura, assegurando assim, que as escolhas feitas com atenção pelo profissional que está atuando.

Pode-se afirmar que existe nas línguas oralizadas e línguas sinalizadas, uma relação de diferentes modalidades que serão exploradas no corpo deste trabalho, partindo dessas relações de estruturas, de aspectos culturais e gramaticais, de estruturas linguísticas e até mesmo a diferenças de identidades dos códigos podem ser afetados pelo ato tradutório.

CAPÍTULO 2: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo visa abordar sobre a construção e embasamento da abordagem transcriativa dentro de um olhar da tradução e interpretação de textos que envolvem e tem uma relação direta com alguma língua de sinais, em alguns casos lidando com o fato da existência da intramodalidade, que diz respeito a línguas que obedecem os mesmo parâmetros de construção comunicativa como por exemplo uma tradução da língua francesa de sinais (em francês *langue des signes française* ou LSF) para a língua brasileira de sinais, a Libras. E em outros momentos também sendo atravessadas pela diferença de modalidade no caso de línguas orais sendo traduzidas para uma língua de sinais específica durante esse processo, como por exemplo a língua portuguesa utilizada em uma palestra para a Libras.

2.1 COMPREENDENDO O CONTEXTO DOS TRADUTORES E INTÉRPRETES

Por meios de dispositivos legais como prova de comprovação e validação por meio da lei 10.436/2002 que reconhece como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados (BRASIL 2002).

É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados. (BRASIL 2002. Art.1º)

A educação de surdos tem ganhado certa notoriedade e espaço para discussões na sociedade brasileira. Nesse contexto de reconhecimento de uma língua e autonomia dos surdos em relação a se tornarem presentes e visíveis onde antes era apenas espaços limitados, com essa demanda pode-se relacionar o crescimento de uma categoria de profissionais voltadas para a atuação em contextos tradutórios e interpretativos que estão diretamente ligados e em contato com essa comunidade. Sendo em muitas das vezes uma das figuras já conhecidas neste campo, tem se então a profissão do Tradutor e Intérprete de Libras, regulamentada pela Lei 12.319/2010 (BRASIL, 2010), que o reconhece como mediador nas interações entres surdos e ouvintes.

O tradutor e intérprete terá competência para realizar interpretação das 2 (duas) línguas de maneira simultânea ou consecutiva e proficiência em tradução e interpretação da Libras e da Língua Portuguesa. (BRASIL, 2010. Art.2º)

Outra categoria que vem emergindo de um nova realidade, sobretudo após o atravessamento deste tempo de pandemia onde diversos profissionais e outras realidades voltadas para a educação bilíngue de surdos teve que ser modificada e adaptada, quando em alguns

momentos podemos dizer que foi reinventada, logo, aparece a atuação dos tradutores e intérpretes surdos em diversos âmbitos que antes não tinham seus espaços conquistados atrelado a eles diversas características dessa atuação (RODRIGUES, FERREIRA. 2019), sendo uma das mais visíveis o processo de interpretação se utilizando das línguas de sinais para outra língua de sinais, em seus mais variados processos e contextos, como traduções de português para Libras, guia-interpretação, conferências, dentro de um aspecto gestual e visual extralinguístico.

Pode-se acrescentar a questão da intermodalidade por exemplo, nos eventos que reúnem surdos falantes de diferentes línguas de sinais têm requerido a atuação de intérpretes surdos, os quais realizam, principalmente, a interpretação intramodal, gestual visual, assim como entre uma língua de sinais e o sistema de Sinais Internacionais⁴ (SI), já que a atividade de tradutores e de intérpretes surdos ganha contornos muito singulares com destaque para processos e características não tão comuns à atuação de intérpretes interlínguas e/ou intermodais ouvintes como, por exemplo, a atuação em direcionalidade direta que é a atuação em direção à primeira língua, ou seja, da língua B para A, de maneira mais abrangente a intermodalidade e intramodalidade pode estar envolvidos no processo de tradução do português/inglês: sendo vocal-auditiva; entre Línguas de Sinais: por exemplo, Libras e ASL (Gestual-visual) e na relação entre diversas outras línguas atuando entre sistemas vocais auditivos para gestuais visuais e vice e versa (RODRIGUES E FERREIRA. 2019).

[...] embora o uso do termo intérprete surdo “esteja ganhando mais visibilidade recentemente, a atuação dos intérpretes surdos não é tão recente e tem sido essencial à interação entre comunidades surdas e ouvintes, assim como entre diferentes comunidades surdas sinalizantes de distintas línguas de sinais”.

É possível observar internacionalmente o crescimento dessas demandas interpretativas intermodal e intramodal, principalmente, em contextos de conferências. Os eventos que reúnem surdos falantes de diferentes línguas de sinais têm requerido, cada vez mais, a atuação de intérpretes surdos, os quais realizam, principalmente, a interpretação interlingual intramodal gestual visual, assim como entre uma língua de sinais e o sistema de Sinais Internacionais (SI). (RODRIGUES, FERREIRA. 2019, p. 112)

⁴ Campello (2014, p. 147) define o termo “Língua de Sinais Internacionais” como “um sistema de sinais internacionais com o objetivo de melhor entendimento o uso de várias línguas de sinais, para criar uma língua fácil de aprender e de se comunicar”. De acordo com a Federação Mundial de Surdos WFD - *World Federation of the Deaf*, os Sinais Internacionais (SI) são considerados como um sistema de comunicação usado em encontros e eventos internacionais. Não são considerados uma língua.

A atuação do profissional Tradutor e Intérprete voltado para o campo da Libras e línguas de sinais, tem sido vista de forma geral como uma parte integrante no contexto da educação de surdos, e fazendo parte também dos estudos surdos, visto que existe a formação acadêmica que diz respeito a esse profissional, o bacharelado em Letras/Libras, sendo assim, o intérprete, está imerso e sempre será colocado em um lugar delicado, de tradução e interpretação, entre duas línguas, logo podemos afirmar que esse profissional está entre dois mundos, no meio das margens de um rio atravessando a correnteza de um lado para outro para garantir a integridade, conforme seus arcabouços de ferramentas, a informação de um lado para o outro nesse rio. Promovidos dentro desse movimento inclusivo e da participação social cada vez mais presente em diversos lugares antes não frequentados por essa comunidade surda. Passando a atuar nos mais diversos lugares e contextos que vão desde a igreja até shows, das palestras na área da saúde até uma peça teatral, das convenções à propagandas de TV, desde o horário eleitoral até congressos, passando também pela atuação em sala de aula bem como tantos outros lugares, durante o período de pandemia tiveram uma grande repercussão por conta das Lives de artistas, cantores e conteúdos de internet.

Conforme diz Coracini (2005), o profissional tradutor e intérprete tem em sua atuação, o fato de estar entre duas línguas, assumindo um papel de um sujeito bilíngue, sujeito esse translíngue⁵, que considera as informações de uma língua para outra em contextos totalmente diferentes e assim supondo uma idealização de que as línguas têm suas demarcações culturais, formais e informais em aspectos bem claros.

Quando nossos enunciadores falam do que significa ser tradutor trazem freqüentemente a imagem da ponte, ponte entre culturas (“Gosto bastante porque traduzir, no meu ponto de vista, é ir além de saber uma língua, é estar em contato com outra cultura”; “ser tradutor significa possibilitar a comunicação, a união e a compreensão entre culturas diferentes e distantes lingüisticamente”), ponte entre línguas, “entre dois mundos”, função apaziguadora do tradutor. Referem-se à necessidade de serem fiéis ao texto e ao autor (“Difícil colocar na língua materna / língua estrangeira exatamente o que o autor quis dizer. É muita responsabilidade, mas à medida que se entende a forma como o autor pensa o texto, mais fascinante fica o

⁵ A popularização e a expansão do termo se deram em grande parte pelos estudos de Ofélia García que, em 2009, definiu a translanguagem como as múltiplas práticas discursivas que os bilíngues usam para dar sentido aos seus mundos bilíngues. O conceito de translanguagem tem como base os estudos sobre languaging, que postulam que a linguagem humana é heterogênea e envolve processos distintos. A ideia é que a linguagem seja repensada e não mais considerada uma entidade formal, mas uma organização múltipla de processos que permitem interações que transcendem dinâmicas e práticas históricas e culturais. Através dessa perspectiva, não há divisões entre o que é linguístico, e extralinguístico ou paralinguístico na comunicação humana.

trabalho!"; traduzir é "...escrever novamente um texto, livro etc. que esteja escrito em outra língua, para o português, o mais próximo possível da real intenção do autor(a) ao escrevê-lo, do que o autor diz ao escrever", ainda que, noutros momentos, afirmem a não correspondência entre duas línguas e a tarefa do tradutor como criação de outro texto ("É um trabalho de co-autoria de um novo texto que será produzido"). (CORACINI, 2005, p.13)

Outro aspecto importante além da atuação profissional dentro deste cenário bilíngue, é de ser compreendido e necessário de entender como se dá a construção da visualidade dos sujeitos surdos, quanto ao que diz respeito à construção dos signos visuais nos ambientes de escolarização e até mesmo aos fatores ligados a essa composição até mesmo no momento de aquisição dessa língua que tem uma forma visual - gestual. Construindo assim, uma experiência que se representa em um campo visual e também por um momento de produção e constituição de uma língua. A língua de sinais é produzida e absorvida visualmente em conjunto com uma cultura visual que vem de uma "experiência visual" (PERLIN, 1998). Essas percepções visuais juntamente com as suas experimentações em um parâmetro visual, no convívio em uma comunidade usuária desse sistema, que, não dependendo do som, mas seus sinais e gestos, carregados de significados por meio de língua de sinais.

"Considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura, principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais" – Libras (BRASIL, 2005, p.1)

Ser surdo não se trata de um tipo de deficiência, mas uma maneira de se experimentar a vida sob um olhar voltado para o aspecto visual, utilizando a visão, substituindo assim a audição, e referenciando essa como meio de comunicação. De acordo com Perlin e Miranda (2003) que trazem o conceito de ser surdo, focado em uma diferença linguística, tendo a representação visual como o que difere as experiências de vida. Surge desta experiência a cultura surda que tem como uso a língua de sinais brasileira.

(...) olhar a identidade surda dentro dos componentes que constituem as identidades essenciais com as quais se agenciam as dinâmicas de poder. É uma experiência na convivência do ser na diferença (PERLIN E MIRANDA, 2003, p.217)

Os surdos constroem seus significados por meio da visão, já o ouvinte está fortemente ligado a audição. compreendendo a partir dessas premissa, sabe-se que o surdo tem seu sistema voltado a priori para uma língua gestual e visual, que se aproveita da reconstrução de significados e ganha sentido através da construção de uma língua que está atrelada aos gestos e aos sinais, segundo Campello (2008), que promove uma

reflexão sobre o fato de que existem aspectos ligados diretamente à visualidade do sujeito surdo e como é construída pelos sujeitos surdos.

As crianças Surdas crescem aprendendo a fazer certos ajustes carregados de elementos significativos por meio da visualidade.

A visualidade contribuirá, de maneira fundamental, para a construção de sentidos e significados. Entendendo-se que o sentido, de acordo com VYGOTSKY (1994), refere-se à dimensão particular, singularizada pelas histórias de cada sujeito pelo processo de apropriação individual dos significados. O significado, por sua vez, refere-se ao que está coletivizado e que permeia a relação do sujeito com o mundo, mediada por signos culturais, ou seja os “signos não-auditivos”. (CAMPELLO, 2008, p.87)

Tendo como partida os signos visuais e uma língua que é basicamente construída dentro de um contexto visual, por meio de uma interação semiótica levando em consideração a subjetividade do sujeito surdo.

2.2 COMPREENDENDO A DIFERENÇA ENTRE AS MODALIDADES DAS LÍNGUAS EM QUESTÃO DURANTE O ATO TRADUTÓRIO

Falar sobre os estudos surdos, educação de surdos entre outras interfaces dessa abordagem, tem ganhado notoriedade e um destaque com a regulamentação por meio de Leis e Decretos, tanto do status que a Libras como língua usual de uma comunidade, quanto o de uma profissão voltada para essa língua, a de tradutor e intérprete de Libras. Com isso, os estudos voltados para essa área também evoluíram e cresceram, estudos esses voltados para o ensino e difusão da língua, com a formação de professores, em diversas áreas de atuação do ensino para pessoas surdas.

O espaço profissional da área de tradução e interpretação também tem demandando de uma visibilidade de acordo com esse crescimento, tendo suas peculiaridades, seja em contextos educacionais, em processos formativos, desde a educação fundamental até o contexto acadêmico ou também em contextos midiáticos, televisivos e atualmente conta com um grande espaço por conta da internet. Com esse crescimento dessa profissão, tem se destacado uma categoria emergente nesse contexto que são os tradutor e intérpretes surdos, atuando nos mesmos espaços, seja com ou ouvintes ou seja em conferências, palestras onde se tem línguas de sinais diferentes apresentadas durante os debates, apresentações e ou os diversos discursos (RODRIGUES, 2018). Nesse aspecto podemos falar também de apresentações e trabalhos acadêmicos sendo registrados em línguas de sinais e sendo aceito em diversas

plataformas para a visualização desses documentos e pesquisas, inclusive algumas revistas contam com publicação de artigos por meio de vídeos com seus enunciados apresentados de maneira sinalizada. Abrangendo também a apresentação em diversos seminários, palestras e Lives em sites e plataformas de streaming, tendo a Libras como a língua principal sendo a língua de instrução (QUADROS, 2008) em diversos contextos.

A língua de sinais é a língua de instrução dos alunos surdos; enquanto a língua portuguesa mantém-se como a língua de instrução dos ouvintes. As relações de pertencimento precisam ser vivenciadas nesse espaço bilíngue complexo. A escola que se propõe executar a educação bilíngue (língua portuguesa e LIBRAS) vai precisar considerar essa complexidade no seu dia-a-dia, redesenhando os espaços escolares, passando a inserir em seu quadro professores bilíngues (surdos e ouvintes) e intérpretes de língua de sinais. (QUADROS. 2008, p.16)

Tendo em vista essa realidade, principalmente durante esse período de pandemia onde as redes sociais, os contextos televisivos e as lives, sejam de cantores ou palestras oferecidas em diversos âmbitos, contaram com a atuação direta de profissionais tradutores e intérpretes de Libras. A partir desse cenário apresentado, podemos refletir sobre a existência de alguns fatores que motivam a criação deste capítulo com o intuito de contextualizar para alguns tipos de modalidades existentes de acordo com os estudos linguísticos em contexto bilíngue de surdos.

Quando se adentrar no assunto sobre modalidade, deve-se compreender sobre a diferença que existe da reprodução do código linguístico, ou seja no contexto desta pesquisa trata-se de compreender a relação línguas orais e auditivas e línguas visuais e gestuais, bem como a relação existente entre o processo de interpretação entre uma língua de sinais e outras línguas de sinais.

[...] na interpretação simultânea entre línguas orais, isso não ocorra, visto que também ocorre, mas do fato de as línguas de sinais possuírem algumas características que se destacam, tais como a simultaneidade na organização interna dos sinais e na estruturação dos enunciados, o emprego de verbos de movimento e locação, a intensa ocorrência de expressões faciais gramaticais e emocionais, o uso comum de classificadores, características essas que se vinculam diretamente à modalidade espaço-visual da língua. (RODRIGUES, 2013, p.269)

Deve-se compreender em segundo plano que a produção e articulação da língua de sinais que apresentam diferentes aspectos no que diz respeito a simultaneidade e linearidade enquanto as línguas orais em sua maioria vão ser atravessadas por uma linearidade, ou seja, sua produção é contínua, seguindo de palavra após palavra, na estrutura das línguas de sinais podem ser

produzidos ao mesmo tempo diversas informações, desde um sinal referente, mão de apoio entre outros aspectos encontrados mediante aos estudos fonológico, morfológico e sintático da língua. Logo a produção de uma frase em Libras pode ser reconstruída levando em consideração um aglomerado de informação que seria uma das características marcantes dessa diferença de modalidade (BRITO, 1995), sendo assim:

[...] a modalidade de língua (gestual-visual ou oral-auditiva) pode impor restrições à estruturação da língua [...] Entre as diferenças existentes entre as línguas orais (Francês, Português, Inglês...) e as línguas de sinais, salientamos a ordem sequencial linear da fala e a simultaneidade dos parâmetros na constituição dos sinais, assim como a simultaneidade de sinais na formação de várias orações em língua de sinais. Obviamente, apesar de se passar em espaço multidimensional, as línguas gestuais-visuais também fazem uso da linearidade temporal. Por outro lado, as línguas orais nem sempre são exclusivamente unidimensionais. Por exemplo, no caso da sequência de palavras acompanhadas de entonação e no caso dos traços distintivos dos fonemas, há simultaneidade. (BRITO, 1995, p.29)

No momento em que existe o processo de interpretação para Libras por exemplo, não somente se tem sinais sendo traduzido, ou apenas uma significação de uma frase, mas dentro desse processo de simultaneidade, o corpo do intérprete também é atravessado como um portador de informação, trazendo até certo ponto uma carga estática ao discurso em trâmite de código durante o processo de interpretação por exemplo.

A interpretação e a tradução para a língua de sinais envolvem a manifestação do corpo do intérprete diante do público. Essa presença e visibilidade físicas devem-se à modalidade gesto-visual da língua de sinais, a qual faz com que, na interpretação, o texto não possa ser separado de sua encenação (QUADROS, SOUZA, 2008). O oferecimento da tradução e da interpretação em língua de sinais coloca o tradutor e o intérprete de língua de sinais visíveis ao público, “pois sendo a língua de sinais visual-espacial, o ato interpretativo só acontece na presença física do intérprete” (ROSA, 2008, p.14 apud RODRIGUES, 2013, p.270)

Partindo desse ponto de vista, destaca-se a princípio dois tipos iniciais de tradução voltado para o aspecto da modalidade entre as línguas relacionadas durante o ato tradutório. Sendo eles, a tradução Intramodal e Intermodal, que segundo RODRIGUES (2018), versa sobre os diferentes aspectos da tradução, pensando assim em algumas características voltadas para a atuação dos tradutores e intérpretes de Libras, tanto surdos quanto os ouvintes, sendo elas as modalidades de tradução e interpretação. Compreendendo que a:

- **Tradução ou interpretação intermodal:** está relacionada entre línguas de diferentes modalidades das línguas envolvidas durante o ato tradutório, por exemplo uma

gestual-visual e a outra vocal e auditiva, como de Libras para o português ou vice versa;

A língua fonte (LF), portanto, é a Língua Portuguesa escrita e a língua alvo (LA), é a Língua Brasileira de Sinais na sua versão —orall. Entende-se —orall em como alíngua na sua forma de expressão oral, no caso específico das Línguas de Sinais, expressão em sinais. Como as modalidades das línguas envolvidas são diferentes, percebem-se efeitos de modalidade. (QUADROS e SOUZA, 2008, p. 3).

- **Tradução ou interpretação intramodal:** que diz respeito a línguas de uma mesma modalidade, por exemplo, duas línguas gestuais-visuais ou entre duas línguas vocais-auditivas, podendo por exemplo de Libras para ASL (American Sign Language) ou outro exemplo do inglês para português

Entretanto, precisamos considerar que a tradução e a interpretação envolvendo línguas de sinais podem ser realizadas em uma mesma modalidade, ou seja, apenas entre duas línguas de sinais, a qual definimos, assim como outros autores, como intramodal. (FERREIRA, 2019, p.51)

Dentro dos estudos linguísticos, envolvendo o olhar da tradução/interpretação, uma vez que estamos relacionando diretamente a esta pesquisa o fato de esta atravessada pela Libras, ou seja temos como parte do processo de tradução o par linguístico um língua de sinais, podemos analisar pela perspectiva do linguista Jakobson (1959), uma vez que o assunto é a tradução e a interpretação envolvendo diretamente línguas em contraste, propõe como sendo, tradução intralingual, interlingual e intersemiótica.

Explanando um pouco mais essas três estruturas, sendo:

- **Tradução intralingual:** ou também conhecida como reformulação, corresponde em interpretar os signos verbais por meio de outros signos dentro da mesma língua, por exemplo uma história voltada para um público mais adulto como o Conto de Chapeuzinho Vermelho dos Irmãos Grimm, e reescrever essa história para um público com um foco infante juvenil, essa história será recontada não do mesmo jeito e nem com as mesmas utilizações e traços de escrita ou se no momento em que for contada será administrada pelo contador da história.
- **Tradução interlingual:** que corresponde em ser o processo de tradução conforme o já determinado, que se utiliza da interpretação dos signos verbais por meio de outra língua, podendo por exemplo ser um processo de tradução de um livro infantil em

português para a Libras ou pegando uma contação de história em Libras e interpretando de maneira simultânea para um público alvo.

- **Tradução intersemiótica:** que corresponde ao processo de interpretação de signos verbais por meios de outros sistemas de signos não verbais, como por exemplo um livro se transformar em um filme, ou um desenho animado ser recontado com o uso da Libras.

Sendo assim, segundo a leitura em Segala (2010), que apresenta o fato de que a tradução intramodal como um quarto processo atrelado ao que encontrado por Jakobson (1959), que visa lidar justamente com o ato tradutório quando se tem uma língua de sinais envolvida durante o processo, ou seja todos os processos encontrados anteriormente, como estando atrelados e envoltos ao processo intermodal.

Na tradução de Língua Portuguesa para Libras, esses diferentes tipos de tradução precisam captar as especificidades envolvidas nesse processo, pois estamos diante de línguas em diferentes modalidades. Assim, vamos tratar essa tradução intermodal como um quarto tipo, conforme proposto por Segala (2010), mas salientamos que é uma tradução que envolve línguas, ou seja, sistemas verbais (tradução interlingual) e outros sistemas não-verbais (tradução intersemiótica). Importante esclarecer que a Libras, assim como outras línguas de sinais, configuram um sistema verbal, apesar de se apresentarem na modalidade visual-espacial.(QUADROS & SEGALA, 2015, p.358-9)

Portanto o profissional que atua nessas linhas tênues, entre as línguas sejam elas de mesma modalidade ou modalidades totalmente distintas, tem por obrigação ser atravessado pelo conhecimento, não somente de signos linguísticos, mas uma imersão cultural se faz necessária para a construção desse profissional, ele precisa ser cuidadoso com as suas escolhas e saber equilibrar de sua intervenção, compreender o momento adequado de utilização de estratégias para a atuação compreendendo a figura do leitor que será atravessado por sua tradução ou interpretação.

O tema aqui apresentado neste capítulo não visa aprofundar, porém apenas nortear o que será necessário para o entendimento e sobre as diferenças de modalidades que podem ser atravessadas tanto pelo ato tradutório em línguas orais, escritas e línguas de sinais. Apresentando assim alguns modelos que baseados em estudos linguísticos por alguns autores, pode ser facilmente relacionados a estrutura das línguas de sinais, uma vez que a diferença entre as modalidades da um teor de diferenciação a essa pesquisa, no que diz respeito até

mesmo quanto a atuação durante o processo de interpretação ou a construção e preparação para a tradução de um texto. As reflexões aqui apresentadas servem como aperfeiçoamento e compreensão de uma realidade ao qual o tradutor e intérprete precisa estar imerso.

Discutir e compreender os processos intermodais e intramodais que envolvem as línguas de sinais mostram uma realidade de diversas possibilidades de se pensar quanto a atuação profissional, tanto aos ouvintes quanto aos surdos, quando também destaca o valor de conhecimento das diferenciações entre os modelos de tradução, basicamente apresentado neste capítulo.

Além disso, é relevante também compreender e pôr em prática sobre a modalidade gestual visual da Libras por exemplo, possui diversos efeitos que são norteadores de uma abordagem transcriativa e não efeitos ligados ao olhar da tradução, aprofunda-se um pouco mais por conta da reconstrução em diferente modalidade e o processo de interpretação sendo enriquecido pela atuação do corpo atrelado ao discurso afetado diretamente pelo processo interpretativo e incorporado ao corpo elementos do texto que se deu em sua língua fonte, atravessando e ganhado força e seja por voz ou por sinais em sua língua alvo, sendo algo indispensável para profissionais que atuam no âmbito da tradução e interpretação, sejam esses surdos ou ouvintes.

2.3 TRADUÇÃO & INTERPRETAÇÃO

A tradução e a interpretação são coisas distintas, sendo que a interpretação se trata de um dos caminhos da tradução. No que diz respeito a essas diferenças podemos dizer que se apresentam a princípio quanto a modalidade que as línguas a serem traduzidas são apresentadas. Quando temos, por exemplo, uma língua em seu modo de escrita e esta precisa ser passada para outra língua, estamos falando de tradução, e quando as línguas estão em forma oral ou sinalizada, sendo passadas para uma outra língua de maneira simultânea, tratamos como interpretação e até mesmo uma língua de sinais para outra língua de sinais. Essas atividades dizem respeito ao "ato tradutório", sendo assim um campo mais abrangente, relacionando tradução e interpretação em diversos momentos, deixando os termos lado a lado e em outros separando pelas delimitações (PEREIRA, 2008). Usaremos durante o corpo desse trabalho o termo "tradução" e "interpretação" como sendo sinônimos (QUADROS, 2004).

O termo "ato tradutório", que será amplamente utilizado no corpo desta pesquisa, como

aproximação semântica dos termos, não lidando de uma maneira direta com as diferenças terminológicas, mas aproximando as fronteiras para compreensão final do termo transcrição como estudo deste trabalho. Tendo como preocupação e focos voltados em diversos momentos para as culturas em questão, línguas e expressões nos diferentes discursos:

Interpretar implica conhecimento de mundo, que, mobilizado pelos enunciados, contribui para a compreensão do que foi dito e em como dizer na língua-alvo, consciente dos sentidos (múltiplos) expressos nos discursos. (LACERDA, 2009, p.148)

A língua como esse conjunto de trocas sociais, culturais e políticos, e indo além disso, tecendo uma realidade paralela entre a realidade dessa língua em todas as suas dimensões, faz refletir sobre uma parte importante nessa interface que corresponde à tradução e a interpretação de textos e também dos discursos produzidos nos espaços que promovem esse tipo de acessibilidade, é importante ressaltar o que diz Corazza (2013, p. 190) quando trata que “a tradução didática compartilha línguas heterogêneas e simultâneas, modificando e desfazendo identidades sedentárias dos elementos originais. Sob o fascínio das interferências trazidas pelas linguagens contemporâneas, implica a invenção de um corpus crítico-seletivo, que liga, criteriosamente”. Esse processo tem como uma característica a reconstrução de sentidos de uma língua para a outra, não somente respeitando o caráter semântico, mas transformando em um novo texto a partir do momento que ele passa por esse processo, assumindo assim um outro aspecto, mais voltado para a língua a qual vai ser destinado.

O ato tradutório é uma ligação entre o que está no âmbito do pensamento e se experimenta na vida, por meio da qual dissemelhantes vertentes no processo de criação e se transpassam em “sensações que transitam entre uma língua de chegada e outra de saída” (DALAROSA, 2012, p. 1). Se iniciarmos reduzindo o termo tradução para algo bem mais usual e de fácil compreensão, pôde-se assim dizer que, o ato tradutório esta atrelado ao processo comunicativo, onde se tem que administrar o papel do pensamento e da linguagem escolhida para assim passar a informação desejada, compreendendo também que as palavras bem com os significados não se encontram estanques em uma determinada língua, seus conceitos e significações podem variar de maneira subjetiva e consensual entre pessoas ou grupos usuários do mesmo código, atribuindo esses fatos aos relacionamentos, intervenções de cultura entre outros tantos fatores que estão atreladas antropologicamente quanto sociologicamente, tendo em consideração que essa atividade de tradução e em alguns

momento interpretativo, vai encontrar em seu lugar de ser criativo e performático entre línguas, isso pode acontecer em fatos simples da vida como por exemplo uma criança pedindo água para sua mãe o ate mesmo quando se deixa uma lista de matérias para alguém ir no supermercado fazer as compras, essas pessoas que estão transmitindo uma informação precisam administrar como será dito aquilo que foi pensado e em outro momento a pessoa que recebe ou o comando, o a tarefa, o ate mesmo o pedido, precisa administrar se entendeu e assimilar ou não a informação recebida. Esse trabalho não tem como objetivo adentrar essa parte da linguística cognitiva, mas faz em alguns momentos a alusão a existência desses fatores. Porém tenta lidar com um problema que atravessa o ato tradutório, tentando ancorar em uma prática transcriativa atravessando o ato da tradução/interpretação.

A tradução não tem um começo na história do homem. Ela surge com a linguagem, de modo que, se operássemos uma redução total do conceito, arriscaríamos dizer que todo ato comunicativo é também um ato tradutório, já que implica uma interpretação ativa por parte do receptor, que então dá sentido à mensagem a partir do seu próprio universo linguístico e conceitual (STEINER, 1975: 47). Isso se dá porque, embora usemos as mesmas palavras numa dada língua, seus sentidos não estão estanques, muito menos seus usos, e assim cada indivíduo opera na língua um pequeno desvio do que seria seu suposto padrão. (FLORES, 2016. p. 9)

Levando em consideração o corpo pesquisado neste trabalho, o ato tradutório entre línguas e até mesmo modalidades de línguas, existe aí um desafio que é como fazer uma versão traduzida e/ou interpretado de um texto em uma língua para outra ou em alguns momentos para sua própria língua ou o contrário. Eis aí a fragilidade apresentada entre o processo de tradução de um determinado texto.

Portanto, entende-se que a tradução, bem como a interpretação, assume-se como um ato cultural que diz respeito não somente a passagem de uma língua para outra, mas a sua relação de existência critica a começar por quem emite o discurso ou o texto, examinando a relação deste com a língua, bem como cultura, fazendo que esse seja a todo momento colocado em questão sobre sua veracidade e administrado pela pessoa que recebem o texto traduzido/interpretado, ou seja, o texto também é administrado pelo seu leitor.

Com isso, uma dada tradução nunca pode ter o escopo de transpor um texto em sua completude, ou seja, nenhuma tradução compreende em si uma leitura total do texto original. Ela será sempre diversa.(FLORES, 2016, p.10)

O ato de traduzir e/ou interpretar um texto, podendo assim ser em formato de palestras, ou

discurso, ou qualquer que tenha como finalidade de ser traduzido o interpretado, tendo a finalidade de se transpor tanto para o português (falado ou escrito) para a Língua Brasileira de Sinais (Libras) podendo também ser da Libras para qualquer modalidade do português, vai muito além do simples fato de saber a língua de determinado país ou de uma comunidade usuária de um acólito específico, ou o simples fato de se ter um vasto conhecimento vocabular na língua de chegada, vai além disso. Não é uma tarefa fácil de se realizar, é na verdade um ato extremamente complexo em si. Necessitando a todo momento o tradutor e intérprete, de se tornar um ser crítico durante o processo de atuação e conhecedor profundo e imenso da cultura onde esse texto se pressupõe a chegar, ter um cuidado de se manter fiel ao texto original que está sendo produzido e entender no momento de atuação, o que pode ser relevante ou ser deixado de lado, de modo que continue autêntico, sem perder algumas características que são fundamentais de se manter de acordo com o seu original.

A se pensar que, segundo Derrida (1979. p. 75-175) , sobre a tradução, o autor diz que torna-se efetivamente outra vida um texto um novo “original” numa outra língua, logo um novo texto é criado pelo processo de tradução, que nada mais é do que a atividade de interpretar um texto baseado na ideia da influência da língua-fonte sobre a língua-alvo, segundo Benjamin (2011) passando por uma interferência direta do tradutor/intérprete que nesse momento tem por sua vez a responsabilidade de administrar um processo que vem a ser uma recriação desse material a ser produzido e transmitido em uma outra língua, onde Haroldo Campos vai chamar de “Transcrição”, que vem a ser uma recriação desse material a ser produzido e transmitido em uma outra língua e foi inspirada principalmente na ideia de tradutor como recriador, de Ezra Pound (1970) . Não se trata de uma tradução livre, porém, afetada por uma série de implicações que são bem aprofundadas na teoria de transcrição. Sobretudo, a importância da aplicação da teoria da Transcrição, de Campos (2004), pode lidar com esse processo de recriação e também a construção de sentidos e equivalências durante o ato tradutório.

É a tradução da linguagem das coisas para a linguagem do homem. É necessário fundamentar o conceito de tradução no nível mais profundo da teoria linguística, pois ele possui alcance e poder demasiado amplos para ser tratado de uma maneira qualquer num momento posterior, como algumas vezes se pensa. Tal conceito adquire plena significação quando se percebe que toda língua superior (com exceção da palavra de Deus) pode ser considerada como tradução de todas as outras. Graças à relação acima mencionada entre as línguas como uma relação entre meios de diferente densidade, dá-se a traduzibilidade das línguas entre si. A tradução é a

passagem de uma língua para outra por uma série contínua de metamorfoses, e não regiões abstratas de igualdade e de similitude, é isso que a tradução percorre. Traduzir a linguagem das coisas para a linguagem do homem não consiste apenas em traduzir o que é mudo para o que é sonoro, mas em traduzir aquilo que não tem nome em nome. Trata-se, portanto, da tradução de uma língua imperfeita para uma língua mais perfeita, e ela não pode deixar de acrescentar algo, o conhecimento (BENJAMIN, 2011, p. 64-65).

O responsável pelo ato tradutório, precisa saber administrar uma grande quantidade de informações que atravessam o seu modo de pensar, sua cultura e precisa análogo a toda essa realidade, compreender o discurso apresentado, traduzir para sua língua a outra língua, fazer e colocar em prática as interferências de sua língua, conhecimento de aspectos linguísticos entre as línguas envolvidas durante todo o ato tradutório.

No caso do material de pesquisa deste trabalho que visa lidar com a tradução e interpretação em Libras, faz-se necessário levar em consideração o processo de construção desse novo texto, que para a língua de sinais envolvida. Para tanto é preciso que essa seja expressa com criatividade, tendo uma capacidade de compreender uma quantidade enorme de frases e palavras em sua língua, até mesmo algumas que nunca antes ouviu ou pronunciou e tenha a mesma conotação que apresentada na língua original.

Interpretar implica conhecimento de mundo, que, mobilizado pelos enunciados, contribui para a compreensão do que foi dito e em como dizer na língua-alvo, consciente dos sentidos (múltiplos) expressos nos discursos (LACERDA, 2009, p.148).

Entender sobre esses aspectos, pode ser relevante para o momento de atuação do profissional e fazer o tradutor/intérprete repensar a importância da imersão na cultura surda contribuindo para a clareza de sua interpretação, de suas escolhas e os caminhos seguidos que serão assimilados durante o ato tradutório e interpretativo do discurso pelo sujeito afetado no ato tradutório. Trabalhando dentro do contexto de recriação de um novo texto em outra língua, assegurando assim, que as escolhas feitas com segurança pelo profissional que está atuando esteja voltado para o público alvo.

Partindo do que afirma Bense (1954) que assume que não se pode separar a informação estética de sua produção fala sobre “informação semântica” e “informação documentária” e Campos (2010) diz que a informação documentária reproduz algo experimental, ou seja, algo que é visível. Enquanto que a informação semântica sobressai a documentária. Já a “informação estética” transcende a semântica, no que diz respeito à ordenação improvável de

signos, pois é possível passar a mesma “informação semântica” com diferentes ordens de signos. Logo pode-se afirmar que existe nas línguas oralizadas e línguas sinalizadas, uma relação intermodal e ao que se diz respeito às línguas de sinais para outras línguas de sinais uma outra relação que chamamos de intramodalidade, partindo dessas relações, entre línguas diferenças no que diz respeito às suas estruturas, aspecto culturais, realidades gramaticais e estruturas linguísticas, diferenças em relação às identidades e entre outras tantas diferenças que transitam pelos estudos antropológicos, psicológicos e linguísticos, pode-se assim compreender que as línguas de sinais estão voltadas para o aspecto visual e gestual, surge a princípio a ideia da recriação proposta por Campo (2004) e Benjamin (2011) visto que essa prática teoria tem como a tradução, um processo e uma prática de criação e crítica onde o tradutor torna-se recriador de um novo texto.

Outro ponto extremamente importante é que o profissional tradutor e intérprete de Libras tenha em sua demanda um tempo voltado para uma preparação, um planejamento. No que diz respeito à relevância do planejamento para o intérprete de Libras, de suma importância o profissional responsável por traduzir ou interpretar os matérias, que tenham acesso prévio, durante um tempo de planejamento e que esse período permite um diálogo direto com o professor, com a equipe pedagógica focando diretamente a potencialização do aluno surdo segundo destacam Lacerda (2009) e Albres (2015) que garantem que esse planejamento seja eficaz e tenha como foco o aprendizado e desenvolvimento do sujeito surdo.

2.4 TRANSCRIÇÃO, UMA PRÁTICA OU UMA TEORIA?

Esse trabalho tem a intenção de trazer a aplicação da transcrição onde o próprio autor Haroldo de Campos (2004) afirma em ser uma prática e não uma teorização do termo apresentado, para o campo da tradução e interpretação, discutindo a sua abordagem para a Libras, sendo utilizado não apenas a ambiente voltado para a poética, mas em uma visão abrangente para o discurso em si bem como em qualquer momento onde exista necessidade do ato tradutório, seja esse em um processo intramodal de língua e até mesmo perpassando a intermodalidade do discurso. Compreendendo que a parte estética entre as línguas tomam uma proporção a princípio atrelava a visualidade e a visibilidade que segundo Campello (2008) faz referência que:

No mundo da imagem ou comunicação visual, os estudos da visualidade coadunam com os pensamentos de FERRARA (2002:120, apud

NAKAGAWA, 2006) que formulou os dois conceitos “Visualidade” e “Visibilidade”: estes conceitos são as duas categorias epistemológicas que envolvem a complexidade da construção da imagem. A Visualidade é a relação entre a percepção e a imagem que é modelizada pelas qualidades do signo visual. A segunda categoria, denominada como visibilidade, não está diretamente relacionada com a imagem, mas se constrói a partir dela, isto porque, por meio da iconicidade do signo visual, são construídas relações prováveis através de “descrições imagéticas” que permitem o surgimento de signos mais elaborados, a partir das representações das informações registradas e visuais e da construção mental da imagem. Dessa maneira, a descrição imagética constrói e é desenvolvida por uma espacialidade entre “a elaboração perceptiva e reflexiva das marcas visuais que ultrapassam o recorte icônico para serem flagradas em sutis indícios” (FERRARA, apud NAKAGAWA, 2006) e as incorporações ou transferências (CUXAC, 2001) são as relações descritivas imagéticas em sínteses interpretativas. (CAMPELLO, 2008. p. 21)

A visualidade precisa ser estimulada na criança surda, assim como as outras experiências sensorio-motoras também, importante ressaltar sobre as especificidades de cada criança, mas de maneira geral expor a criança surda o quanto antes Libras, que possui aspectos voltados para toda essa questão gestual e preocupada em suas experiências visuais, entendendo desde a infância apenas uma diferença linguística e desde cedo estimular o aprendizado dessa língua irá facilitar mais tarde o processo de aquisição de uma nova língua, que no caso da maioria das crianças aqui no Brasil, a língua portuguesa.

Um apontamento que podemos fazer em relação a uma proposta curricular, é trabalhar com a criança surda, uma proposta de contar histórias, desenvolvendo de maneira lúdica e intuitiva a sua relação com a visualidade e visibilidade segundo aponta Campello (2008), fazendo com que a criança inicie o processo de aquisição e interação com a Libras desde cedo, relacionando assim com aspectos semióticos, intersemióticos e multimodais dessa relação da criança com o seu ambiente linguístico.

A Semiótica (do grego *semeiotikê*) é a ciência que estuda o processo de articulação e produção de sentido entre os diversos tipos de códigos e linguagens. Tem por objetivo “[...] estabelecer como deve ser todos os signos para uma inteligência capaz de apreender através da experiência [...]” (SILVEIRA, 2007, p. 38).

Relacionando assim, língua, processos de aprendizagem e tudo que envolve a identificação da criança com essa realidade cognitiva, envolvendo as diversas linguagens em proposta, logo:

Em uma acepção geral a “[...] Semiótica é a teoria de todos os tipos de signos, códigos, sinais e linguagens. Portanto, ela nos permite compreender palavras, imagens, sons em todas as suas dimensões e tipos de manifestações” (SANTAELLA, 2010, p. 59).

Nesse contexto fica a referência direta dos aspectos visuais e gestuais que nesse caso a Libras, fazendo com que a criança ative sua cognitividade interagindo com a produção e criação de um vocabulário, seja desenhando ou sendo estimulado a pensar com um raciocínio de uma língua voltada para signos linguísticos visuais. fazendo desde cedo uma referência do processo de interação entre o português e a Libras. Mais tarde em outro momento fazer essa criança interagir de uma maneira Interlíngua, ou seja, relacionando diretamente com a Libras, nesse momento o processo de aquisição linguística juntamente com a experiência do português escrito, trazendo o aspecto da ludicidade durante esse encontro, despretensioso nesse primeiro momento, porém com uma peso de aproximação para uma estratégia futura de aquisição de uma segunda língua, uma vez que esse aluno, essa criança, já vai sendo socializada a essa aproximação, quebrando o distanciamento entre as línguas em questão durante esse processo de ensino e aprendizagem.

A experiência da visualidade produz subjetividades marcadas pela presença da imagem e pelos discursos viso-espaciais provocando novas formas de ação do nosso aparato sensorial, uma vez que a imagem não é mais somente uma forma de ilustrar um discurso oral. O que captamos sensorialmente pelos olhos é apenas uma pista que é enviada aos sistemas neuronais e, posteriormente, esses dados, através de operações mais complexas informam nosso cérebro, produzindo sentido do que estamos vendo. Por isso, as formas de pensamento são complexas e necessitam a interpretação da imagem-discurso. Essa realidade implica re-significar a relação sujeito-conhecimento principalmente na situação de ensinar e aprender. (CAMPELLO, 2008, p. 22)

Logo, de acordo com esse entendimento defendido por Campello (2008), podemos entender a necessidade de uma abordagem diferenciada para essa criança surda em contexto educacional.

Durante a década de 50, foram publicados alguns manifestos sobre a discussão sobre o movimento Concretismo, movimento emergente da Poesia Concreta. Esses manifestos e reivindicações, tinham a ideia de valorizar a materialidade linguísticas em relação aos poema, pensando e ficando esses nos aspectos fônicos ou seja, a sonoridade, a parte gráfica em conjunto a essas estruturas também valoriza a disposição das palavras em um poema, tendo a forma como primeiro os plano e as outras abordagens ficavam em segundo momento, sendo esses critérios semânticos.

Esses autores construíram suas carreiras e histórias com diversos livros traduzidos, alguns clássicos como Cantares de Ezra Pound (1960) e o romance Finnegans Wakede James Joyce (em conjunto com Augusto de Campos, 1962) entre outros. Tendo diversos desafios para os

processos dessas traduções para a língua portuguesa desses autores, que vem de uma ruptura com os padrões já antes apresentados para essas linhas poéticas. Assumidos esses desafios, deu-se a entender e capturar os pontos de partida, ou seja, se o texto se preocupa com a materialidade linguística e o seu significado sendo dedicado para segundo plano, como lidar com essa tradução em relação aos efeitos de sentido, sabendo que esses estão também atreladas às formas, como trazer esses efeitos para outra língua?

Segue alguns exemplos de poemas transcritos em forma escrita:

Figura 1: UNA ESSE, de Rafael Nogueras Oller Les Tenebres. Barcelona, 1905.

UNA ESSE	UM ESSE
Ay, tirolí, qu'es bo aquest vil Omplem el got, que fet un bot, vull fè'l camí!... ¿Que't rius de mi? Vatúa Déu, si el món es meu! Quan veig xicots m'aclamen tots; sempre aplaudint, me van seguint. Tinch tant poder, tanta influència, que tot me fa gran reverència. Cases i gent' l'acatament! Que jo os ho dich, mal garranyich! La gent, passant, va saludant. Vatúa Déu, si tot es meu! Jo sóch, ay coy, el Deu-bocoy, y el gura aquêt un gran ximplet. No vull seguir, que sóch honrat!...	Ai, tirolin, bom é este vinho! Enche meu copo ou fico louco. Se estou assim quem ri de mim? Valha-me Deus, se o mundo é meu! Vejo a moçada e tudo é risada; sempre aplaudindo, vão me seguindo. Tenho poder, tanta influência e todos me fazem só reverências. Casas e gentes, sede obedientes! Pois eu vos digo: gritem comigo! Gente passando, vai me saudando. Valha-me Deus, se tudo é meu! Qu'eu sou afinal o Deus maior. E o tipo ali, pobre boçal, não vou seguir, só a mim sou leal.

Fonte: Revista CIRCULADÔ, Ano IV - No 5 de setembro de 2016. Risco Editorial, página 63.

Figura 2: CAMBRA MORTUÒRIA, de Sebastià Sánchez-Juan Fluid. Barcelona, 1924.

CAMBRA MORTUÒRIA		CÂMARA MORTUÁRIA	
La filla és més blanca i més rossa i més bella assaonada de dolò i vestida de negre		A menina é tão branca e tão loura e tão bela madura de dor e vestida de negro	
El meu cor respira pel nas		O meu coração suspira pelo nariz	
Un llampec s'estatitza a la bombeta encarcerada		Claror e o estalo da lâmpada que espouca	
Un aspirant a nuvi	A N È M I A	Um aspirante a noivo	A N E M I A
es fa plorà el cor	I CLOROSI	faz o coração chorar	E PALIDEZ
i de les tintes precipitades broten		e das tintas que escorrem brotam	
llores orquestrant		papagaios orquestrando	
violins de cabell de dona		violinos de cabelo de donzela	
Apareix un infant		Aparece um menino	
groc		amarelo	
vermell		vermelho	
blau		azul	
com un titella verge de guinyol o de fira		feito marionete virgem de palco e de feira	
Porta-tapadora-ploma font		Porta-tampa-pena fonte	

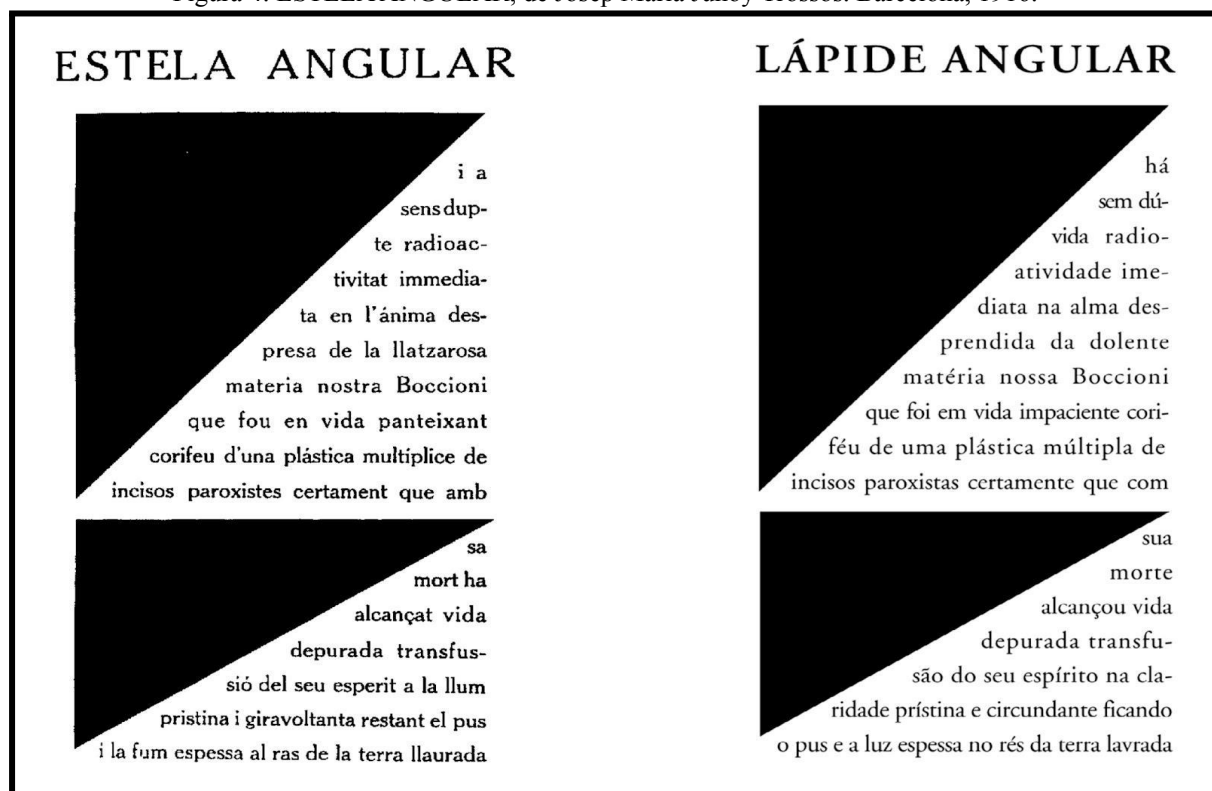
Fonte: Revista CIRCULADÔ, Ano IV - No 5 de setembro de 2016. Risco Editorial, página 51.

Figura 3: SONET, de Vicenç Solé de Sojo Revista Ibèria, Vol. VII, no 157. Barcelona, 1918.

Sonet		Soneto	
Rodolar d'obusos en l'aire de Primavera sobre el paisatge de la illa de França.		Rodopiar de obuses no ar de Primavera sobre a paisagem da Ilha de França.	
sonar de bocines.		sonar de estilhaços.	
Vols d'avions en la nit sense estrelles i un res-		Aviões sobrevoam a noite sem estrelas e um res-	
Movibles triangles que escruten l'espai i tallen,		Triângulos móveis que vasculham o espaço e cortam,	
una pura claror.		uma pura claridade.	
Mutillats que porten una medalla al pit. I als ulls		Mutilados que portam uma medalha no peito. E nos olhos	

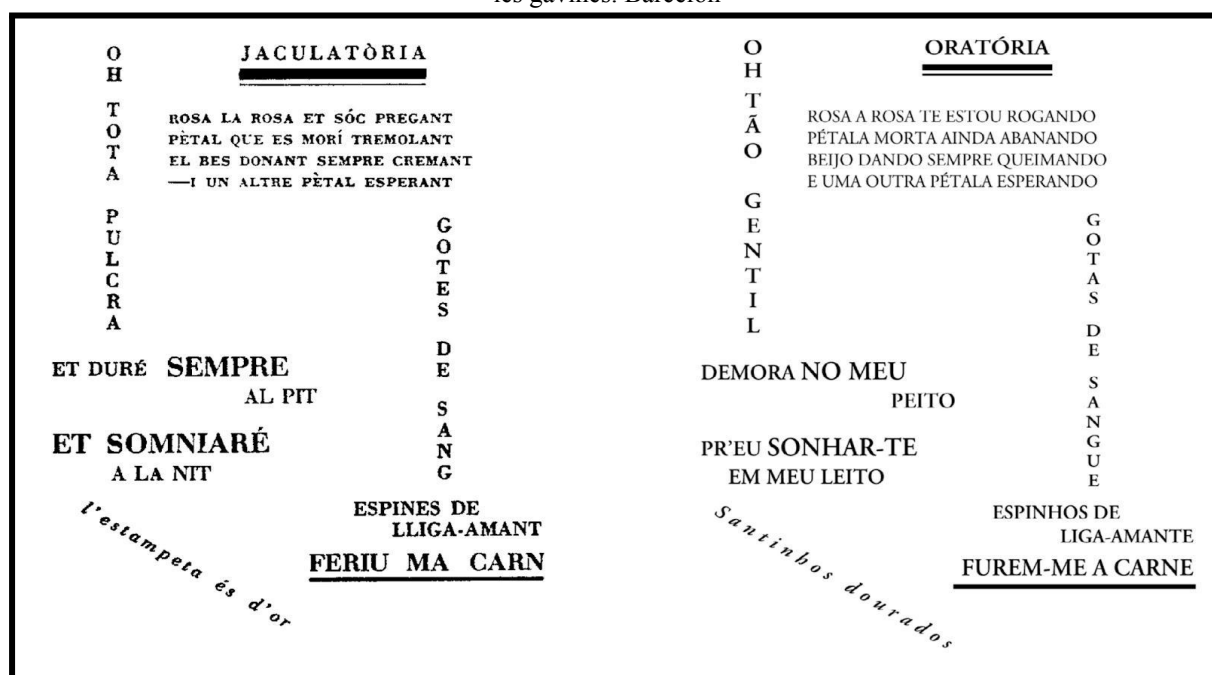
Fonte: Revista CIRCULADÔ, Ano IV - No 5 de setembro de 2016. Risco Editorial, página 61.

Figura 4: ESTELA ANGULAR, de Josep Maria Junoy Trossos. Barcelona, 1916.



Fonte: Revista CIRCULADÔ, Ano IV - No 5 de setembro de 2016. Risco Editorial, página 55.

Figura 5: DRAMA EN EL PORT, PLANOL, JACULATÒRIA, de Joan Salvat-Papasseit L'Irradiator del port i les gavines. Barcelon



Fonte: Revista CIRCULADÔ, Ano IV - No 5 de setembro de 2016. Risco Editorial, página 57.

Surge a partir desses questionamentos uma nova prática, tendo os estudos do autor Ezra Pound (1960) como chave condutora para a construção desse tema. A transcrição tem como objetivo de recriar o texto original na língua de chegada, trabalhando diversas abordagens ligadas a língua de partida e reproduzindo seja por um processo interpretativo ou tradutório na língua de chegada. Trazendo esse olhar dessa prática para a aplicação em línguas de sinais seja em um processo do português para Libras, Libras para português, Libras para outras línguas de sinais ou até mesmo Libras para Libras, compreendendo que essa prática também envolve de certa forma a consideração do leitor.

Em se tratando desse termo, o da transcrição, o autor Haroldo de Campos (2004), já afirma não ser um conceito, mas sim uma prática, ou como o próprio autor afirma, um processo voltado para a tradução, pagando por diversas fases do entendimento, se transformando e sendo recriado em outra língua.

No plano dos “fatores intratextuais”, entendo por transcrição a operação que traduz, no poema de chegada, a coreografia da “função poética” jakobsoniana surpreendida e desocultada no poema de partida. Assim também, correlatamente, parece-me admissível entender por transfiguração, no plano dos atos de ficção, a reimaginação do imaginário do poema de partida pelo poema de chegada, através da reconfiguração do percurso da “função figurativa” iseriana. Essa tarefa é levada a efeito pela tradução criativa. (CAMPOS, 2011, p. 62.)

Por meio desse olhar, podemos entender que esse processo diz respeito ao lado prático que envolve a tradução do que simplesmente a ideia de delimitar a um conceito e reduzindo esse processo a um método propriamente dito, trazendo o termo de maneira abrangente e servindo a diversos propósitos ligados à tradução. Para compreender essa aplicação, o Autor propõe a compreensão de três teorias que servem como base para esse entendimento, sendo a Teoria da Literatura, Teoria da Informação e a Teoria da Tradução. Essas teorias foram estudadas durante a elaboração e estudo desse tema, a transcrição.

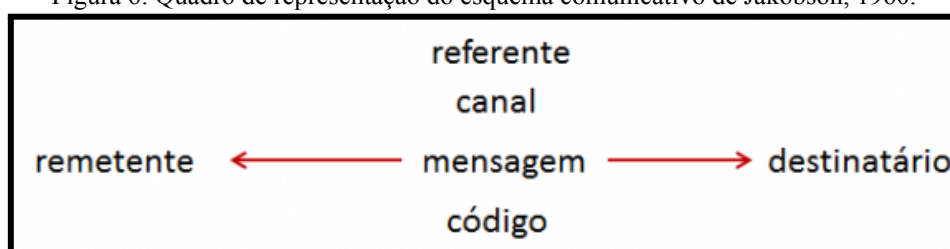
De acordo com afirmações do próprio autor, Haroldo de Campos (2004), a transcrição não se trata de um conceito, porém o termo é usado para designar um processo de tradução, mas que tem como característica ser "criativo", a transcrição seria um processo de uma "tradução criativa", onde uma mensagem é adaptada de um idioma para outro, não necessariamente palavra por palavra, mas preservando a intenção, o contexto e o tom. Essa é a expressão máxima da arte de tradução. Apoiado a essas afirmações, outra grande influência é a teoria da comunicação que Roman Jakobson (1960) apresenta como algo que tem um ponto de partida

e um ponto de chegada e nesse meio é atravessada por diversos fatores e influências, como citado abaixo:

Basicamente, o esquema funciona da seguinte maneira: um “Emissor” envia uma “Mensagem” a um “Receptor”; essa “Mensagem” é transmitida através de um “Meio”, está enquadrada em um determinado “Código” comum ao Emissor e ao Receptor, e faz parte de um “Referente”, que é o contexto ou o assunto. (JAKOBSON, 1960)

Partindo dessa abordagem, o texto funciona como um fator comunicativo, elaborando um esquema que justifica esse argumento com a seguinte representação:

Figura 6: Quadro de representação do esquema comunicativo de Jakobson, 1960.



Fonte: <https://conversadeportugues.com.br/wp-content/uploads/2012/06/elementos-570x141.png>

Esse esquema funciona basicamente da seguinte maneira: A comunicação tem início com um “emissor”, sendo aquele que envia uma “mensagem” para alguém ou um grupo, que tem o papel de ser seu “receptor”. Em seguida a mensagem enviada, precisa passar por um canal de “comunicação”, resultando assim um processo de transmissão dessa mensagem, fazendo referência a um contexto e esse sendo o “referente”.

O emissor, bem como o também o receptor somente vão de entender se partilharem de algo comum que os aproxima, como um código comum entre os dois, podendo ser um determinado idioma por exemplo, lembrando que quando esse momento é atravessado pela interpretação de um texto de português para Libras ou vice e versa ele encontra no meio do caminho um tradutor e intérprete de Libras para mediar esse ato comunicativo.

Por vezes, sabemos que nem sempre a comunicação acontece de maneira perfeita, podendo assim existir algumas falhas durante esse processo, atravessamentos culturais, falhas por meio do canal condutor dessa mensagem e até mesmo a diferença entre as modalidades de línguas apresentadas durante o ato comunicativo. Os ruídos podem acontecer em qualquer etapa da comunicação.

O termo tradução é facilmente associado a um que se entende por significado, pensa-se que se pode traduzir o que o texto significa. A tradução supõe a ideia de se separar o sentido da

palavra (CAMPOS, 2004). refletindo sobre esse pensamento do autor que apresenta uma concepção de tradução sendo essa um ato crítico em si, onde ele afirma que:

A tradução apontaria, para Fabri, o caráter menos perfeito ou menos absoluto (menos esético, poderse-ia dizer) da sentença, e é nesse sentido que ele afirma que “toda tradução é crítica”, pois “nasce da deficiência da sentença”, de sua insuficiência para valer por si mesma. “Não se traduz o que é linguagem num texto, mas o que é não-linguagem”. “Tanto a possibilidade como a necessidade da tradução residem no fato de que entre signo e significado impera a alienação”. (CAMPOS, 2004, p. 32).

Concluindo que a interpretação se faz necessária para que haja a tradução. Logo nesse ponto de vista a tradução, nesse processo, é também crítica, sendo assim é que a tradução criativa de um texto, ou discurso, bem, como o ato crítico de escolhas tradutórias também se assume como, por conseguinte, um ato político.

Tendo em vista tais reflexões, este projeto tem como base a Transcrição, que inicialmente relacionada e amplamente usada para a tradução em textos poéticos, que contém de certa maneira o apelo estético. Porém versa para discutir a sua aplicação, levando em consideração que a modalidade da Libras se trata de uma língua visual e gestual, equiparando a qualidade e riqueza das línguas que estejam em questão durante o ato tradutório.

[...] a modalidade gestual-visual, ao ter efeitos sobre a língua de sinais, afeta necessariamente os processos tradutórios e interpretativos intermodais e, também, intramodais gestuais-visuais, ao requerer certa capacidade corporal cinestésica atrelada à competência linguística e à comunicativa. (RODRIGUES, 2018b, p. 311).

Essa teoria vê a tradução como criação e crítica e traz o tradutor como um recriador de um novo texto. Haroldo de Campos (1971) traz o conceito de “Informação estética”, tendo como referencial teórico importante de Max Bense (1954), filósofo e crítico, que está relacionado a ordenação dos signos em uma construção de um conteúdo relativo ao significado. E alega que não se pode desprender a informação estética de sua produção. Max Bense também fala sobre “informação semântica” e “informação documentária”. Campos (2010a) diz que a informação documentária reproduz algo experimental, ou seja, algo que é visível. Enquanto que a informação semântica sobressai a documentária. Já a “informação estética” transcende a semântica, no que diz respeito à ordenação improvável de signos, pois é possível passar a mesma “informação semântica” com diferentes ordens de signos.

Define-se a partir dessas ideias apresentadas que o termo “Transcrição” como sendo a tradução de textos feita com grande criatividade, para que determinada palavra, locução ou

texto tenha a mesma conotação que apresenta na língua original. Visando o material a ser traduzido, não só como um processo de criação, mas também como ato crítico. Tendo em vista que esse processo atravessa um profissional que tem a responsabilidade de administrar o que vai ser repassado, por meio de sua atuação, sendo de extrema importância ter uma ampla noção de conhecimento das línguas em questão. Precisa ir além disso, mergulhar em um conhecimento cultural e específico de determinada língua ou uma comunidade que utiliza um sistema de códigos para a sua comunicação, que exige então criatividade no momento de sua produção. Quando há esforço voltado para o cognitivo seguindo para uma construção de sentidos, sendo assim, é preciso ter fidelidade ao texto original, preservando a relevância, sem perder as suas características.

Esse é o matiz criativo do conceito transcriação, que já não tem em vista a reprodução de um poema, mas visa traduzir os efeitos da língua de partida na língua de chegada. Sendo assim, o eixo criativo que se assume no conceito pelo uso do termo Transcriativo, uma vez que assume lidar com os efeitos da língua de partida relacionado ao processo de recriar, buscando-se soluções criativas e para realizar a etapa do processo tradutório na língua de chegada.

[...] para nós, tradução de textos criativos será sempre recriação, ou criação paralela, autônoma porém recíproca. Quanto mais inçado de dificuldades esse texto, mais recriável, mais sedutor enquanto possibilidade aberta de recriação. Numa tradução dessa natureza, não se traduz apenas o significado, traduz-se o próprio signo, ou seja, sua fisicalidade, sua materialidade mesma (propriedades sonoras, de imagética visual, enfim, tudo aquilo que forma, segundo Charles Morris, a iconicidade do signo estético, entendido por signo icônico aquele “que é de certa maneira similar àquilo que ele denota”). O significado, o parâmetro semântico, será apenas e tão-somente a baliza demarcatória do lugar da empresa recriadora. Está-se pois no avesso da chamada tradução literal. (CAMPOS, 2004, p. 35).

Sendo assim, o eixo criativo que se assume no conceito pelo uso do termo Transcriativo, uma vez que assume lidar com os efeitos da língua de partida relacionado ao processo de recriar, buscando-se soluções criativas e para realizar a etapa do processo tradutório na língua de chegada.

Durante o processo de transcriação, torna-se de suma importância que o tradutor ou intérprete de libras, seja do português para Libras ou Libras para o português e também de libras para outra língua sinalizada e vice e versa, que esse responsável por esse ato tradutório seja crítico durante as escolhas na língua de chegada, se preocupando em escolhas de termos e aspectos

que dão conta desse processo, do que simplesmente enfatizar uma abordagem puramente semântica.

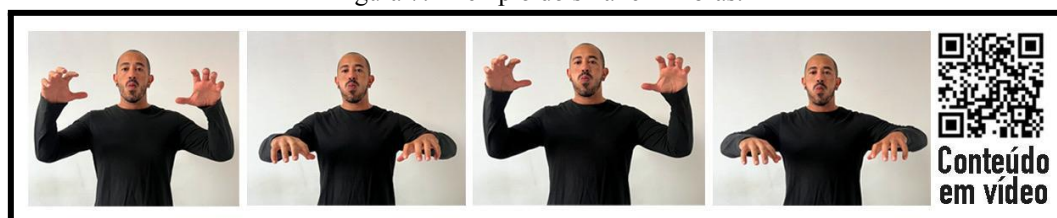
Podemos perceber nos exemplos abaixo o processo de transcrição e de um texto, onde temos uma sentença em português sendo recriada para outras línguas, usaremos 4 (quatro) frases como exemplos:

A) Em português: Está chovendo canivetes!

B) Em inglês: *It's raining cats and dogs!*

C) Em Libras:

Figura 7: Exemplo do sinal em Libras.



D) Em ASL:

Figura 8: Exemplo do sinal em ASL.



Na frase A, temos como uma tradução no sentido de estar chovendo muito, durante horas ou uma chuva muito forte, porém não está de fato chovendo nenhum objeto cortante portanto não se traduz as palavras de maneira literal. Na frase B, em uma tradução literal soaria como chovendo gatos e cães, para o mesmo significado de estar chovendo muito ou chovendo forte, mas não estão caindo nem cachorros e muito menos gatos do céu. Porém na frase C, em Libras, a frase ganha os contornos e assume uma forma ao qual está atrelado ao apelo visual do significado, ganhando um acréscimo das expressões utilizadas pelo uso do rosto, mais específico o uso das bochechas cheias de ar e soprando, para dar uma ideia de quantidade de chuva ou a intensidade dessa chuva que cai, visto que se reparado pela produção do sinal, dois detalhes chamam a atenção que seriam o fato da repetição do sinal e com as mãos se movimentando de cima para baixo, dando uma ideia de direcionalidade para a execução do

sinal. Já em ASL, além de manter o apelo estético e visual, como na Libras, pode-se notar que sua produção também se distancia da língua de origem do país, no caso o inglês, ganhando um gesto final como se estivesse derramando um balde de água, usando uma ideia metafórica de que muita água está caindo do céu. Logo, as 4 frases têm em comum somente em comum o fato de estarem se referindo à chuva, tanto pelo uso da palavra *chuva* e *raining*, respectivamente em português e inglês, quanto pelo uso dos sinais usados que fazem referência direta a tradução para a palavra chuva, mantendo também a informação semântica como premissa do significado. Nota-se que ganha em Libras e em ASL, uma abordagem estética de reconstrução, não se utilizando dos termos originais, mas mudando a modalidade e mostrando com a reconstrução por meio da corporificação e a visualidade, mandando assim o significado geral das sentenças.

2.5 A INFORMAÇÃO ESTÉTICA CONSTRUÍDA PELO CAMINHO DA TRANSCRIÇÃO

Já tendo compreendido o conceito de transcrição refletindo o termo em Haroldo de Campos (2004), compreendemos então que lida com a ideia da recriação do texto e pode-se notar nos 4 frases usadas como exemplos anteriormente, tendo em vista também as diferentes modalidades de línguas em questão durante o ato tradutório relacionado às línguas de sinais, entende-se que o novo texto será criado em uma outra língua, podendo trabalhar traços da intermodalidade ou até mesmo a intermodalidade das línguas que estão sendo atravessadas pelo processo de recriação desse texto (RODRIGUES, 2018), podemos perceber que uma abordagem interessante emerge desse processo, o fato da produção da informação estética está diretamente envolvida na produção da língua de chegada ou língua alvo (QUADROS, 2002).

Nas primeiras leituras baseadas em Haroldo de Campos sobre o termo Transcrição, em seu livro "Da tradução como criação e como crítica (1992)", podemos notar que o autor tem uso de fortes referências com Max Bense, filósofo alemão e ensaísta que compartilha de diversas visões com Campos no que diz respeito a "Informação Estética" de uma texto e os estudos da linguagem para tratar de tal assunto. Segundo Campos (2004), ao concordar com Bense (1971), organiza a transmissão da informação por meio de que um autor (um texto) se comunica por meio não somente do texto escrito, mas a essência da obra também passa uma determinada informação, baseado na estrutura transcritiva de um processo de tradução e/ou

interpretação. Para Bense (1971) seria impossível traduzir o conteúdo político, a essência daquela obra que dá como original, sendo sua impossibilidade afirmada por ele, por meio da "fragilidade da sentença". Tendo essa Referência, Campos se debruça em despertar ainda mais seu âmbito transcriativo alegando que existe sim essa possibilidade, porém não sendo apenas um modelo de tradução, logo:

Para Bense, traduzir o conteúdo poético, a essência da obra original, é impossível, dada a fragilidade da informação estética, que seria "inseparável de sua realização singular" (BENSE, 1971, apud CAMPOS, 2011, p. 16).

Como resposta a esse pensamento, ele afirma que a informação "é todo o processo de signos que exhibe um grau de ordem", logo, para Max Bense (1971) diz respeito a existência de três aspectos para a informação contida em uma obra, sendo elas a informação documentária, informação semântica e informação estética. Neste capítulo vamos nos ater a Informação no quesito da estética.

"Informação documentária" remete a um contexto que "reproduz algo observável, é uma sentença empírica, uma sentença-registro" (CAMPOS, 2004, p. 32); por exemplo: "O livro está sobre a mesa". A "informação semântica" vai além da informação documentária ao acrescentar algo que não é passível de ser observado; acrescenta um "elemento novo" que pode ser, por exemplo, uma categoria de "verdadeiro" ou "falso": "O livro está sobre a mesa é uma sentença verdadeira". A "informação estética", por sua vez, transcende a semântica, agregando elementos de "imprevisibilidade", "surpresa", improbabilidade, na "organização dos signos":[...] (GESSNER, 2016, p.148)

Para trazer luz a essa argumentação, como solução para essa problemática que é a prática da transcrição, sendo outra proposta para o processo de tradução.

Procedendo por reversão dialética desse momento de negatividade radical, passei a afirmar, em contrapartida, a possibilidade, em princípio, da recriação (re-criação) de textos poéticos. Para fazer face ao argumento da "outridade" da informação estética quando "reproposta" numa nova língua, introduzi o conceito de isomorfismo: original e tradução autônomos enquanto informação estética, estarão ligadas entre si por uma relação de isomorfia; serão diferentes enquanto linguagem, mas, como os corpos isomorfos, cristalizar-se-ão dentro de um mesmo sistema. (CAMPOS, 2011, p. 16)

Em síntese, podemos afirmar que:

A informação estética, por sua vez, transcende a semântica, no que concerne à imprevisibilidade, à surpresa, à improbabilidade da ordenação de signos. (BENSE, 1971, apud CAMPOS, 2011, p. 32)

Baseando-se no que acima foi apresentado, a transcrição tem como proposta de recriar na língua de chegada (QUADROS, 2014), efeitos análogos, similares ou até mesmo que tenham alguma lembrança da língua de partida, porém não bastando apenas isso, a transcrição por fim em si mesmo o fato de ser crítica e criativa.

Portanto, a transcrição tem diversos processos atuando provenientes e acertos da teoria da literatura, procurando reproduzir os efeitos estéticos em uma outra língua e com um outro detalhe que possibilita o fato da transcrição ser eficiente ainda mais pelo fato da mudança de códigos em muitas das vezes, lidando com a diferença de modalidade da línguas atravessadas para a reconstrução de novo texto. Logo esse é o aspecto criativo da transcrição, traduzindo também os efeitos da língua de partida na língua de chegada

Outro fator que contribui para a escolha da transcrição em diversos momentos flertando com o ato tradutório, é o fato de estar lidando nesse contexto bilíngue entre as línguas de sinais, recriando o texto em um texto visual. Como se fosse em uma brincadeira, uma dança do corpo, dos sinais e das palavras sendo traduzidas, fluindo pelo corpo e pelas mãos, não somente se atendo aos sinais produzidos, mas todo o corpo sendo imerso nesse processo estético que envolve a Libras, bem como qualquer outra língua de sinais.

Na literatura, brincamos principalmente com a língua para criar efeitos estéticos. A teoria linguística lida com uma descrição de “unidades” delimitadas da língua, descrevendo os fonemas e morfemas, os sinais, os itens do vocabulário e a sintaxe das sentenças, mas a língua artística vai além dos limites dessas unidades fundamentais da Libras. As brincadeiras estéticas mesclam os sinais até que não existam mais “unidades”, quebram as regras fonológicas, geram morfemas esquisitos e criam novas experiências visuais e comunicativas fora dos padrões da Libras cotidiana. Os elementos na literatura sinalizada chamam atenção ao “visual” com movimento no espaço e por isso são diferentes dos elementos literários na literatura escrita, especialmente na literatura escrita das línguas orais. (SUTTON-SPENCE. 2021, p.56)

Sendo assim, o corpo passa a se utilizar de parâmetros com significação linguísticas, atreladas a substantivos e tantas outras construções gramaticais, tendo em vista que a parte estética das línguas de sinais estarão diretamente ligadas a produção do corpo em uma experiência, faz saltar aos olhos do espectador surdo que faz a leitura do texto,

A experiência corporal das pessoas surdas é, na maioria, de visão e de tato ao invés de som, e a linguagem estética da literatura destaca isso. Já falamos que a Libras artística e literária nos poemas, nas narrativas, no teatro e até nas piadas, centra-se na linguagem estética visual. A linguagem estética apela aos sentidos e por meio dela o artista surdo busca criar uma

experiência para o seu público, em vez de apenas afirmar algo ou dar uma informação. (SUTTON-SPENCE. 2021, p.55)

Dentre a ideia de reconstrução do texto por meio da Libras, como exemplo, importante ressaltar que a língua é criativa, pois ela está atreladas a movimentos que diferentes por exemplos das línguas orais e auditivas, vão ter movimentos e significados atrelados a intensidade dos sinais, isso poderia mudar a tradução em alguns momentos, influenciando o leitor que se utiliza da língua para compreender o texto.

[...] mas há outros elementos da literatura em Libras que contribuem para gerar emoção no público. A Libras criativa é uma forma de arte linguística que compartilha elementos em forma de arte visual e arte visual em movimento. Frequentemente, a literatura vai além do vocabulário da Libras para criar algo muito mais visual. Às vezes, a literatura em Libras é mais parecida com a pintura, a dança, o filme e o cinema e tudo isso compõe um elemento estético (ROSE, 1992; CASTRO, 2012 apud SUTTON-SPENCE. 2021, p.56).

A transcrição, portanto, prioriza o efeito estético, que em muitos casos pode estar na própria superfície formal de um texto, sendo que o significado é o resultado dessa articulação de formas; já a tradução literal estabelece em primeiro plano a significação do texto, busca reproduzir na língua de chegada os mesmos efeitos de sentidos obtidos na língua de partida, sendo que o aspecto formal, muitas vezes, é deixado em segundo plano.

Podemos afirmar que a transcrição em línguas de sinais tem como prioridade de cuidar do efeito estético de um texto, trazendo a significação como resultado atrelado a sua produção, sendo importante explicar que esse capítulo não finda o estudo e nem se compromete a esgotar a ideia de algo tão profundo em algumas linhas, porém delimitar um caminho para a transcrição como efeito estético em um texto uma vez que a sua produção em língua de sinais vai de fato está atrelado ações que abrangem uma língua que já tem por modalidade a de ser visual-gestual como premissa em sua formação gramatical e se utilizando do corpo, dos gestos e sua atuação quanto portadora de informação seja pelo ato tradutório ou por sua produção em comunidades surda.

2.6 SOBRE A ABORDAGEM TRANSCRIATIVA

O termo transcrição é bastante utilizado e aplicado na área da tradução, surgindo oriundo de um movimento cultural da Poesia Concreta e sido discutido e trabalhado segundo os estudos do Poeta e Tradutor Haroldo de Campos juntamente com seu irmão Augusto de Campos e Décio Pignatari, durante a década de 1950, os autores publicaram diversos manifestos sobre a

poesia concreta autores, poetas e tradutores de renome cultural no Brasil. Pode-se afirmar que a transcrição faz uma referência direta a um processo que possui três aspectos atrelado a sua produção, trata-se do ato tradutório; o fato de um processo de criação e voltado também ao ser crítico. Sendo assim, a transcrição tem como meta recriar na língua de chegada os efeitos na língua de partida, diferente do modo tradicional da abordagem do processo tradicional, levando não somente o fator semântico da tradução.

Com isso, a transcrição tem como proposta ser um processo criativo durante o processo de tradução, se adaptando com a concepção inicial do texto, processo linguístico, intramodal ou intermodal perpassado pelo ato tradutório.

De modo geral, podemos afirmar que Haroldo de Campos concebe a tradução basicamente como uma operação por meio da qual o tradutor cria, em sua língua e cultura, obras que já foram criadas na língua e cultura do texto de partida – daí o termo “recriação”. Paulatinamente, seu projeto de criação por meio da tradução granjeia autonomia suficiente para que, por fim, o tradutor assuma, para Haroldo de Campos, a liberdade de operar sobre o texto que traduz as transformações determinadas por sua própria constituição enquanto indivíduo social – integrado por uma cultura diferente da cultura em que o texto de partida foi concebido. (SANTANA-DEZMAN e MILTON, 2016. p. 2)

Grande parte dos textos estão articulados em sua organização formal, voltados para a sonoridade, aspectos da materialidade do significado e em alguns momentos para a grafia, o jeito que estão escritos, podendo também estar relacionado a outra língua de sinais, como a Língua Americana de Sinais - ASL ou a Língua Francesa de Sinais - LSF entre outras, interagindo assim com os aspectos visuais dessa outra língua de Sinais, precisando chegar e encontrar um lugar de recriação. Visando nesse trabalho lidar com a Libras e o português e também sendo abrangente para o processo do ato tradutório em outras línguas.

CAPÍTULO 3: PERCURSO METODOLÓGICO

Este capítulo tem como objetivo delinear a pesquisa bibliográfica, bem como outras propostas metodológicas para o embasamento da pesquisa apresentada. Trazendo assim, outros procedimentos que, no decorrer da pesquisa, foram atrelados como acréscimo em um viés norteador para a pesquisa, relacionando diversas teorias e conceitos já existentes que norteiam a aplicação, emergindo a ideia de transcrição. Conforme apresenta da Stumpf:

pesquisa bibliográfica, num sentido amplo, é o planejamento global inicial de qualquer trabalho de pesquisa que vai desde a identificação, localização e obtenção da bibliografia pertinente sobre o assunto, até a apresentação de um texto sistematizado (...). (2006, p. 51).

Ainda sobre essa abordagem inicial, se faz necessário o estudo do tema a ser aplicado pelas metodologias, buscando um aprofundamento na construção para a argumentação da problemática e futuramente a etapa de desenvolvimento do material/produto que diz respeito a este trabalho.

Num sentido restrito, é um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico. (STUMPF, 2006, p. 51).

Um outro caminho metodológico utilizado para essa investigação, é a ideia de pesquisa participativa. Podendo assim ressaltar o envolvimento do pesquisador neste ambiente de pesquisa que, parafraseando o que propõe Peruzzo (2006, p. 126), que “o pesquisador se insere no grupo o material a ser pesquisado, participando de suas atividades, ou seja, ele se imerge em uma experimentação do tema proposto, acompanha e vivência, em maior ou menor grau de intensidade, a situação concreta que abriga o objeto de sua investigação”. Ainda segundo a autora, os aspectos da pesquisa participante são a presença constante do observador no ambiente investigado para que ele possa “ver as coisas de dentro”, ou seja, um processo de imersão cultural, linguístico e vocabular. Em outro momento, afirma a autora que o investigador compartilha de modo consistente e sistematizado das atividades do grupo ou do contexto que está sendo estudado. Ou seja, ele se envolve nas atividades, além de compartilhar “interesses e fatos”.

Tais conceitos tem como o objetivo de fundamentar e justificar a escolha traçada por esse caminho metodológico, sendo esse caminho também relacionado por uma pesquisa qualitativa e a pesquisa participativa, admitindo que as metodologias podem sim caminhar juntas com o fim de aprimorar o objeto a ser estudado e pesquisado.

Uma luz brota das possibilidades explicitadas pela pesquisa qualitativa, que entre suas metodologias, oferece a pesquisa participante. Nessa perspectiva, vão encontrar respaldo no método dialético (ou do materialismo histórico dialético nas correntes de esquerda), que possibilita a captação do fenômeno em todas suas dimensões constitutivas, desde sua história e dinamicidade até as múltiplas determinações inerentes a qualquer fenômeno. (PERUZZO, 2006, p.130).

Peruzzo (2006, p.131) define que a pesquisa participante possui, em especial, três finalidades. De acordo com a autora, por meio da pesquisa participante é possível observar fenômenos importantes, mas pouco expressivos no campo da pesquisa. A autora também considera que a pesquisa participante é apropriada para desenvolver estudos de recepção de conteúdo de mídias fora do padrão vigente. Porém, ressalta que os resultados devem retornar aos envolvidos no experimento.

Esta pesquisa também apresenta um caráter qualitativo, onde o investigador adentra em espaços de procedimentos de análise e investigação, pois para Rey (1998, p.42) “à investigação qualitativa substitui a resposta pela construção, a verificação pela elaboração e a neutralidade pela participação”. O esquema metodológico não se finaliza somente com as informações levantadas e observadas que se enquadram com o problema apresentado pelo projeto, a investigação provoca de fato a necessidade do aparecimento de novas ideias, com o intuito de trazer uma possível resposta às argumentações e dúvidas e críticas feitas. Justifica-se, dessa forma, a escolha por uma abordagem qualitativa, visto que, os sujeitos deste estudo são profissionais tradutores e intérpretes de Libras, surdos e ouvintes, a transcrição como modelo recriador do texto e/ou do discurso proferido e a relação entre as modalidades de línguas apresentadas durante o ato tradutório, seja intramodal o intermodal. Uma vez que essa pesquisa não se preocupa com números, e sim com o aprofundamento teórico, uma visão de um grupo social ou de uma organização.

Com a finalidade que esse trabalho se propõe a produção de material a partir de tais investigação das proposições abordadas com a ideia da reconstrução transcriativa de novos textos segundo Campos (2004). Propõe, sobre a ideia de transcrição como texto crítico e criativo e abordando também a imerso na ideia de Campello (2008) sobre a visualidade e visibilidade do surdo, propondo como material a criação de uma plataforma de vídeos infantis para leitura de livros, relacionando a ideia da criação e produção literária, bem como a aproximação da realidade da pessoa surda sobre o aprendizado de uma segunda língua (L2).

A educação de crianças surdas foi de fato atravessada por inúmeras metodologias no decorrer da história, porém atualmente uma abordagem tem chamado atenção para novas possibilidades e estratégias para esse contexto, trata-se do modelo de alfabetização pelo uso do Método Letrônico⁶ ao qual a Libras e a Língua Portuguesa (em suas modalidades escrita para surdos) ganham o mesmo status de língua. Essa abordagem metodológica tem seus estudos embasados na dificuldade que perpassa a trajetória da aprendizagem dos estudantes surdos, que em muitas das vezes prosseguem seus estudos em suas devidas etapas/séries, sem compreender e em diversos momentos sem compreensão gramatical das línguas em questão.

Tendo como ponto de partida tal problema apresentado, sendo esse um grande desafio para profissionais que atuam nessa área, é importante ampliar essa discussão e abranger novas práticas de alfabetização bilíngue que visa garantir à pessoa surda o desenvolvimento da leitura e escrita do português tanto para a produção textual quanto para a aquisição do conhecimento.

Portanto pode-se dizer que em ambientes bilíngues de educação de surdos, a aquisição de línguas simultaneamente é presente, pelo processo de leitura e escrita visual de um idioma e a relação espaço visual e gestual da outra língua, logo a compreensão de uma linguagem ampla é aplicada a esse processo de ensino e aprendizagem, compreendendo a existência nítida de diferença entre as modalidades porém ressaltando assim, a importância de uma transferência entre a Libras e o português.

Segundo os autores, Pimenta, Strobel e Maestri (2018), que trazem uma abordagem onde as pessoas que são fluentes em um determinado idioma de modalidade oral e auditiva, como o português, inglês, entre outros, seja em modalidade falada ou escrita, possuem como habilidades linguísticas e comunicativas, o fato de ouvir, falar, ler e escrever, visto que são consideradas um remetente, possuindo uma mensagem direcionada a um sujeito/público alvo. No caso dos surdos, voltando a atenção para a Libras, pôde-se diferenciar a estrutura de ouvir e falar por ver e sinalizar, que são idealizados de maneira diferenciada pela aplicação do

⁶ De acordo com a pesquisa de Pimenta, Strobel e Maestri(2018, p.245), é um projeto de pesquisa em andamento. Esta metodologia de alfabetização bilíngue é utilizada pela escola-modelo bilíngue de surdos americana, adaptada para a realidade brasileira. O termo letrônico foi cunhado por meio da junção do prefixo 'letr', de letra e o sufixo 'ônico', de ênfase, a fim de evidenciar as letras visuais que são a base do nosso método de alfabetização bilíngue dos estudantes surdos brasileiros

Método Letrônico para surdos, sendo uma aplicação estratégica e voltada para a modalidade da Libras.

Grande parte dos surdos vivenciam suas experiências linguísticas em diferentes maneiras na sociedade, sabe-se que a maioria dos surdos tem ao seu redor, seja na família ou responsáveis, pessoas ouvintes, e em alguns casos somente se relacionam com a Libras dentro da escola, dependendo somente desse lugar para desenvolver sua capacidade de sinalização e desenvolvimento seja vocabular ou até mesmo o aprendizado gramatical. A criança precisa ser exposta continuamente a essa modalidade de língua, para que assim desenvolva um letramento visual, ou seja, uma leitura de mundo em aspectos gerais e sua língua de instrução, em Libras, e para a aquisição do português usa-se a leitura e escrita visual, uso de recursos como datilologia e outras estratégias inclusive a exposição dos estudantes surdos ao português em sua modalidade escrita.

Segundo a pesquisadora Andreis-Witkoski (2015), o processo de letramento dos surdos ocorre por meio da percepção e memória visual e, por este motivo, os estudantes surdos devem ter acesso a leituras e escritas diárias para aumentar o vocabulário dando suporte ao seu desenvolvimento cognitivo, e para auxiliar nas habilidades da execução da produção escrita. (PIMENTA, STROBEL e MAESTRI, 2018, p.250)

Somando a toda essa estrutura o estudante surdo tem também como habilidades as de traduzir, interpretar e alocar, o seja, traduzir textos e palavras dos idiomas em questão, sendo o português e a Libras, interpretar os textos produzidos ou lidos com a capacidade de compreensão em ambas as línguas e também a habilidade de alocar os usos e momentos em que as línguas vão precisar se vistas através de seu aprofundamento, seja cultural, linguístico onde estará atrelado a um processo de imersão bilíngue para a produção dos textos em diferentes modalidades.

Uma outra abordagem metodológica para esse trabalho é baseada na ideia nos tornamos passivos ao aprendizado, segundo José Pacheco (2013), que versa sobre não se ter limitações no que diz respeito a criação e inovação de novos caminhos, criações e novas ideias para esse momento em que vivemos, em relação à tecnologia e educação. Tendo como ideal o processo de evolução constante de novos produtos, aliado a novas tecnologias e novas formas de trabalho, portanto é preciso recorrer ao fato de ser criativo compreendendo que a tecnologia nos rodeia e tem poder de transformar a forma como vivemos.

De acordo com José Pacheco (2013), um aprendente não é limitado a reproduzir respostas prontas, mas, em vez disso, esforçar-se para adquirir conhecimentos que os permitam a se envolverem como cidadãos de um mundo em constante transformação por meio de um pensamento virtuoso e não por recuperação e reprodução da informação.(PACHECO; PACHECO, 2013).

Outra proposta de abordagem metodológica utilizada neste trabalho é uma abordagem relativamente nova, denominada de Design Thinking que é voltada para um olhar mais humanista, para a inovação e a criatividade. Essa metodologia abordada conduz a criação por exemplo do material, objeto científico deste trabalho deixado como contribuição para a sociedade, sendo esse a criação de uma plataforma, que tenha a Libras como língua de instrução e que sirva para diversos aspectos de letramento e alfabetização de crianças surdas, visto que atualmente a produção de materiais e artefatos voltados para esse público alvo ainda é falha , seja pela questão de falta de um lugar que reúna esse material ou até mesmo em relação a qualidade dos livros didáticos para o público Surdo em geral e até mesmo para que tenham matérias que levem a Libras como a língua principal de um projeto.

3.1 O USO DA FERRAMENTA DO DESIGN THINKING COMO METODOLOGIA DE PESQUISA PARA DESENVOLVIMENTO E A IDEIA PARA A CONFECÇÃO DO PROJETO

O conceito de Design Thinking foi amplamente popularizado pela Innovation Design Engineering Organization - IDEO, uma empresa internacional, sediada em Palo Alto, Califórnia, em torno da conhecida região do Vale do Silício, que tem seu status por possuir diversas empresas ligadas à área de tecnologia. A tradução do termo Design Thinking fica um pouco longe do ideal alcançado pela metodologia, logo prefere-se adotar o termo em sua originalidade para não ter nenhuma perda em relação à sua abordagem. Logo segundo o próprio Tim Brown, presidente e CEO da empresa IDEO, diz sobre o DT, ser uma abordagem com foco na inovação ligada ao aspecto do ser humano, sendo para solucionar as necessidades em geral das pessoas ou de uma comunidade, possuindo como ideia de solucionar problemas de maneira singular ou plural envolvendo também as possibilidades tecnológicas. Pensar em estratégias e processos voltados para o design propriamente dito.

É a adoção de um modelo mental mais adequado para a condução de projetos dentro da complexidade do mundo atual. A partir da observação e do fluxo livre de pensamento, juntam-se ideias de várias fontes que vão direcionar os passos para a solução do problema, sempre mantendo o foco no elemento humano. (TANESI, 2016)

Levando em consideração a criação do produto dessa pesquisa, resolveu-se abordar uma ideia voltada ao design propriamente dito, observando cuidadosamente o problema a ser enfrentado, na tentativa de minimizar os déficits de leitura infantil de livros e as contações de histórias. Analisadas algumas estruturas já existentes notou-se a falta de um certo cuidado gráfico do material e até mesmo quando a sua relação com a língua de instrução, tendo em vista que os livros são em sua maioria publicados em línguas que se faz majoritária em uma comunidade de falantes e ouvintes. Com essas justificativas foram recolhidas diversas ideias a se pensar por onde caminha, reunindo ideias que se destaquem por ter um parecer criativo, seja para a confecção do material quando para pensar em solução de problemas ligados à leitura e até certo ponto a escrita de português para crianças surdas. Segundo Tanure (2016), o foco vai sempre permanecer na pessoa que vai se utilizar do produto ou do serviço oferecido. O uso desta metodologia resulta na criação de produtos, projetos e serviços em geral, em alguns aspectos voltados para um olhar educacional segundo Brown (2008).

Trazer o Design Thinking como uma abordagem metodológica para este trabalho, propõe que ele perpassa por alguns caminhos e os percorra, sendo essas etapas de condução “Observação ou Descoberta; Ponto de vista ou interpretação; Ideação; Experimentação ou prototipagem; Evolução; Implementar”. Logo essa metodologia DT, traz algumas contribuições para essa pesquisa tais como a identificação de um problema, pensar e idealizar soluções para os mesmos levando assim para assumir uma concepção de prototipagem da criação de uma plataforma para vídeos em Libras para usuários surdos compreendendo e abrangendo aos seus familiares, responsáveis e até mesmo sujeitos condutores desses personagens surdos.

3.2 ETAPAS DO PROCESSO

Esse momento da pesquisa é dividido em diversos módulos e diferentes partes específicas de realização das etapas de construção tanto do material/produto quanto a continuidade do entendimento da prática transcritiva sendo utilizadas durante a confecção dos vídeos, produção de glosas e materiais de tradução, caminhos percorridos como roteiros de gravação dos vídeos, edição dos materiais que estão como produto de vídeos traduzidos bem como as traduções/Interpretações que estão como parte integrante dos vídeos e não como acessibilidade, mas como língua direta de instrução para a realização e contação das histórias, sendo assim o material traduzido e interpretado é diretamente afetado pela prática da

recriação transcritiva do texto, assumindo assim a forma do texto escrito nos livros e sendo corporificados nas transcrições e atravessadas pelo ato tradutor.

3.2.1 OBSERVAÇÃO OU DESCOBERTA

Tendo como desafio essa primeira fase da pesquisa onde precisa existir uma aproximação e imersão no contexto de cultura surda em geral e nos aspectos que norteiam a criação do material desta pesquisa. Observando os diversos materiais fornecidos para o público surdo, sendo livros, vídeos e em geral espalhados pela navegação na internet percebe-se a fragilidade desse conteúdo com metodologias apropriadas e com alta qualidade, logo não foi encontrado um lugar de fácil acesso para esses materiais. Existe uma necessidade de um apelo visual para a educação de surdos. Logo se faz necessário entender que os surdos interagem com o mundo por meio de sua visualidade e visibilidade, sendo assim é preciso fortalecer os inputs para esses estímulos.

3.2.2 PONTO DE VISTA OU INTERPRETAÇÃO

Possuindo uma aproximação da realidade atravessadas pelos surdos em seus processos de alfabetização e letramento, nota-se que os surdos, bem como profissionais que atuam na área da educação bilíngue, encontram dificuldades em coletar materiais que sirvam de apoio para aulas e até mesmo como estímulos de leitura e os poucos materiais espalhados pelo amplo mundo da internet por vezes não sendo fácil de serem encontrados e as vezes sendo esses problemas de navegação também. Os vídeos para a comunidade surda se mostram diretamente necessários para uma composição gráfica e funcional de vídeos apresentados. Por final dessa etapa, a compreensão de suas necessidades e expectativas voltadas para a elaboração do projeto, definindo assim qual seria a ideia do material proposto por essa pesquisa. Sendo assim, usar o Design Thinking como metodologia para essa pesquisa em uma ideia de elaboração para uma plataforma ou um ambiente virtual voltado para pessoas/crianças surdas para o estímulo de leitura utilizando a princípio do Método Letrônico para alfabetização de surdos.

3.2.3 IDEIAÇÃO

Após as definições de ideias advindas de um brainstorm criativos de diversos caminhos, sendo adotado a partir de pesquisas e descobertas, levando o caminho para a confecção de

uma plataforma voltada para a apresentação de Vídeos-Books ou V-Books, uma apresentação virtual de livros infantis, a princípio, para relacionar as crianças com o mundo da leitura, atualmente deixado de lado pelo aspecto ouvintista de visão de mundo, logo deu-se a ideia para a criação de tal plataforma, no formato de um site, com a leitura de V-Books com a Libras sendo a língua de instrução, ou seja, os livros são contados para crianças surdas com a libras como Língua principal para a narrativa dos livros.

3.2.4 EXPERIMENTAÇÃO OU PROTOTIPAGEM

Utilizado como modelo alguns sites que oferecem leitura para crianças, dentre eles o site do programa "Leia para uma criança" do banco Itaú, que possui alguns livros gratuitos para crianças ouvintes. Outro site sendo modelo para a criação e influência desse projeto é o site americano "VOOKS" que propicia a aproximação de crianças com a contação de histórias no idioma inglês. Outro site usado como referência é o da página "Vídeo Libros en los Seños", que se utiliza da língua de sinais pela América Latina e alguns países da América do Sul, porém até então nenhum site ou plataforma foi encontrado com direcionamento para crianças surdas no Brasil.

3.2.5 EVOLUÇÃO

Durante essa etapa, os vídeos foram produzidos para alimentar a plataforma, com evidência e uma total preocupação de que os materiais tenham de fato a Libras como língua de instrução. Em sequência a preocupação com a apresentação do site/plataforma, para melhor usabilidade das pessoas que acessam e utilizam dos materiais expostos no site. Preocupações com adequações e interface para o projeto.

3.2.6 IMPLEMENTAR

A implementação tem como ideia de ser abrangente após a apresentação desse trabalho e defesa, possuindo a ideia de expansão para uma equipe de profissionais no desenvolver do projeto não apenas parando nas traduções executadas para embasar a pesquisa deste trabalho, mas dando continuidade com a produção de matérias de autoria e de confecção para aumentar a oferta e ampliação do próprio site. Com isso desenvolvendo uma outra abordagem, essa a de ilustrador e de escritor de livros para crianças surdas.

3.3 O DESIGN THINKING APLICADO À EDUCAÇÃO

As demandas relacionadas ao mundo mais tecnológico, inclusive para processos de letramento e alfabetização, sobretudo no que diz respeito a educação bilíngue de surdos, está claro que diversas ferramentas podem de fato servir de apoio nesse processo atrelados ao sistema educacional para atender também essa demanda ao o aluno/estudante e às vezes leitos se faz presente por meio de seus aparelhos de telefone, smartphone, tablets e computadores em geral. Nesse momento a educação e os processos de letramento e alfabetização precisam ir além, e lidar com essa nova e emergente realidade da era digital.

Ao inserir o DT como ferramenta metodológica voltada para a educação, o pesquisador é posto como ator e condutor desse processo, e não simplesmente alguém que recebe as informações teóricas mas atrelar isso em uma práxis com a prática para a construção de algo que seja posto em funcionamento para gerar algum tipo de transformação onde esse pesquisador está inserido. sendo assim, analisar qual o problema proposto a ser solucionado ou pensado, por meio de reflexões teóricas, anexar ao seu ponto de vista, expondo suas dificuldades, indo em busca de se aperfeiçoar durante o processo e propor as soluções a serem tomadas no decorrer dessa caminhada.

3.4 LIBROS - ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS SOBRE A PLATAFORMA

Libros é uma biblioteca digital de V-Books (Videobooks) com curadoria de livros infantis podendo ser expandida para outros segmentos da literatura, como narrativas, contos, contação de histórias, sendo um lugar de referência para quem deseja achar videos para comunidade surda em geral. Uma coleção de vídeos-livros animados lidos e narrados em Libras como língua principal, porém fazendo uma ponte entre a criança surda e outras pessoas de seu convívio, podendo ser amigos, familiares entre outros. Sendo dublado simultaneamente em voz audível o português, contendo também efeitos visuais, textos interativos e divertidos que certamente atraem a criança surda aprimorando assim sua conexão com a leitura.

Figura 16: Banner de divulgação da plataforma Libros.



Exemplo de como ficaria a página inicial usada como modelo do template para a plataforma Libros.

3.4.1 O QUE É A PLATAFORMA LIBROS?

A plataforma Libros tem como proposta tornar uma experiência de leitura mais envolvente e animada por meio de V-Books. Cada história é lida em Libras e tendo o suporte do texto em português sendo em formato interativo e também com narração, permitindo a leitura enquanto assistem. Possibilidade de criação de um *app* para que possa ser assistido posteriormente em modo *off-line*.

A ideia inicial como projeto piloto, até mesmo para reforçar a princípio esse trabalho, foi a escolha de 5 livros de êxito nacional e internacional, voltados para a infância, sem o foco, a princípio de histórias voltadas apenas para comunidade surda, mas em uma abordagem voltada para as experiências de vida de crianças em geral. Uma proposta para o futuro é alimentar a plataforma com livros autorais que tenham uma experiências comprometida e direcionada para a comunidade surda, suas vivências e uma visão geral de dar vida à leitura e envolver as crianças com animação, promovendo a alfabetização e letramento ao mesmo tempo.

3.4.2 QUAL A LÓGICA POR TRÁS DA IDEIA

As ilustrações animadas combinam com as histórias e capturam a atenção ajudando assim a desenvolver uma compreensão sobre o texto apresentado, sendo mais eficiente do que as imagens simplesmente estáticas.

Os vídeos possuem efeitos e movimentos que prendem melhor a atenção e direcionam para alguns detalhes que são estrategicamente importantes, agregando a isso a Libras como foco principal durante a narrativa, tendo o texto interativo em português aparecendo durante a leitura em um sentido de fazer com que a criança tenha contato com a experiência de uma segunda língua, e assim já fazendo possíveis referências visando promover o processamento visual e verbal, abrangendo uma compreensão do texto apresentado.

Em uma abordagem educacional, ler em Libras é um método importante de aquisição vocabular, sinais e gestos ligados à língua, bem como aprimorar também a alfabetização com direcionamento visual, gestual e espacial promovendo ainda a compreensão da leitura.

Ao visualizar a história em Libras, o leitor interage com o vídeo, pois a capacidade de compreensão está à frente da leitura propriamente dita. A leitura é realizada tendo o texto interativo como parte integrante do vídeo, uma vez que a criança tem a oportunidade de praticar a leitura em Libras, com gestos, sinais e expressões, com o português escrito. Aprendendo sobre aspectos da modalidade visual e espacial da Libras.

Figura 17: Representação da idealização para o vídeo.



O texto destacado se alinha com a narração e o discurso, cuidadoso e claro, permitindo que o leitor desenvolva sua pronúncia, noção de ritmo, espaço, fluência e aquisição de novos sinais.

Figura 18: Representação de localização do sinalizante durante a leitura em Libras.



3.4.3 ESCOLHA DOS VÍDEOS PARA O PROJETO PILOTO

A plataforma Libros foi criada com o intuito de trazer a tradução como ponto referencial para essa pesquisa, onde foi necessário escolher algumas obras literárias que foram publicadas em modalidade escrita, contendo os seus respectivos traços de ilustração que compõem o campo imagético e semiótico da leitura, não sendo a abordagem principal do texto, mas como ferramenta auxiliadora para o entendimento e acompanhamento das ideias passadas pelos autores em seus respectivos livros.

Foram escolhidos seis (6) livros na categoria infanto juvenil e uma história quadrinhos mas que ganhou um formato diferenciado exclusivamente para o projeto libras, os autores escolhidos foram Ilan Brenman, Guilherme Karsten, Olivier Douzou e Felix Laflamme.

As obras traduzidas por esse projeto respeitam os direitos autorais, tendo as autorizações cedidas para o projeto deste trabalho. As conversas foram diretas com os autores onde foi apresentado a importância do material ser traduzido para a Libras trazendo a importância da ampla divulgação e alcance também pela cultura surda de livros com conteúdos importantíssimo e ricos para o processo de educação e aprendizagem, incluindo assim os processos de alfabetização e letramento, tendo temas diversos para a experimentação de crianças em geral e não somente voltados para cultura surda, mas, com o intuito de serem projetos de transcrição embasando o objeto de pesquisa deste trabalho.

Os cinco livros escolhidos, são:

- O Lobo - Olivier Douzou;
- Les Mésaventures de Maddox - Felix laFlamme & Claude Desrosiers;
- A caçada - Guilherme Karsten;
- Nós chamamos de casa - Originais Kidly;
- Vó, para de Fotografar! - Ilan Brenman & Guilherme Karsten;
- O menino e o foguete - Marcelo Rubens Paiva

A escolha se deu pelo fato de serem livros interessantes e de fácil acesso para informações relacionadas a emoções e cotidiano de pessoas surdas e de ouvintes. Segue abaixo os textos dos livros, sendo que os livros Loup de Olivier Douzou e As aventuras de Maddox de Felix Laflamme, foram traduzidos do francês para o português e em seguida para a Libras, bem como as especificações e autoria dos Livros bem como suas editoras. respeitando os processos e afirmando que essas traduções a princípio estariam no projeto piloto, pois a segunda fase do projeto é seguir com a biblioteca de forma autoral, tanto na autoria das histórias, as traduções/Transcrições e as ilustrações. Esse será o próximo passo para o projeto.

Seguem a relação dos textos traduzidos e transcritos:

O LOBO / LOUP

- **Autor:** OLIVIER DOUZOU
- **Editora:** ROUERQUE; ROUERQUE edição (9 fevereiro 2000)
- **Idioma:** Francês
- **ISBN-10:** 2841560104
- **ISBN-13:** 978-2841560103
- **Idade de leitura:** 2 anos e acima

Quadro 1: Texto e tradução e a ideia base para a montagem dos vídeos.

Je mets mon nez	<i>Eu coloquei o meu nariz.</i>	<i>4 cenas (3/frases 1/arte)</i>
Je met mon Oeil	<i>Eu coloquei meu olho.</i>	<i>4 cenas (3/frases 1/arte)</i>
Je mets mon autre Oeil	<i>Eu coloquei meu outro olho.</i>	<i>4 cenas (3/frases 1/arte)</i>

Je met mes oreilles	<i>Eu coloquei meus ouvidos.</i>	<i>4 cenas (3/frases 1/arte)</i>
Je mets mes Dents	<i>Eu coloquei meus dentes.</i>	<i>4 cenas (3/frases 1/arte)</i>
Je mets mes autre Dents	<i>Eu coloquei meus outros dentes.</i>	<i>4 cenas (3/frases 1/arte)</i>
Je mets ma Tête	<i>Eu coloquei minha cabeça.</i>	<i>4 cenas (3/frases 1/arte)</i>
Je met ma Serviette	<i>Coloquei meu guardanapo.</i>	<i>4 cenas (3/frases 1/arte)</i>
GRRRRRRR	GRRRRRRR	<i>1 cena</i>
GRRRRRRR	GRRRRRRR	<i>1 cena - fome</i>
Et je mange ma carotte	<i>E eu como minha cenoura.</i>	<i>4 cenas (3/frases 2/arte)</i>

LES MÉGAVENTURES DE MADDOX / AS AVENTURAS DE MADDOX

- **Autor:** FELIX LAFLAMME
- **Editora:** Presse Aventure
- **Idioma:** Francês
- **Référence:** 9782897516567
- **Edição cedida pelo próprio autor.**

Quadro 2: Processo de tradução de francês para o português, juntamente com a ideia de montagem dos vídeos para as transcrições em vídeo.

A- Jackpot! Un restant de réglisse rouge, ma préférée!	<i>A - Perfeito! Restos de alcaçuz vermelho, o meu favorito!</i>	<i>Quadro 1</i>
B- Hé, laisses-en un peu pour les autres!	<i>B- Ei, deixa uns para os outros!</i>	<i>Quadro 2</i>
B- AAAAHH!	<i>B- AAAAHH! Onomatopéia de grito.</i>	<i>Quadro 3 - Water sounds Splash!</i>
GARRGL!(3x)	<i>GARRGL!(3x) Barulho da água.</i>	<i>Quadro 4 - water making sounds like moving</i>
A - Wouhou! B- trop cool, une glissade déçu surprise!	<i>A- Uau! B- tão legal, um toboágua surpresa!</i>	<i>Quadro 5</i>

Dentiste - On est prêts à procéder au nettoyage de tes dents.	<i>Dentista - Estamos prontos para limpar seus dentes.</i>	<i>Quadro 6</i>
A- On est tellement bien, ici! B- Euh! Elle est passée où, notre maison?	<i>A- Estamos tão bem aqui!</i> <i>B- Ah! Para onde ela foi, nossa casa?</i>	<i>Quadro 7</i>

A CAÇADA

- **Autor:** GUILHERME KARSTEN
- **Editora :** Harper Kids; Leiturinha edição (15 setembro 2020)
- **Idioma :** Português
- **ISBN-10 :** 6555110376
- **ISBN-13 :** 978-6555110371
- **Copyright © 2022 HarperCollins Brasil. Todos os direitos reservados.**

Quadro 3: Texto do Livro “A Caçada”

Corra

Corra o mais rápido que puder.
 Encontre um esconderijo.
 Não faça um barulho sequer.
 Não deixa nenhum rastro.
 Mas quando eu abrir meus olhos...
 ...Vou te farejar em todos os lugares.
 Eu não descansarei até ver o seu rosto.
 E quando eu te encontrar
 Corra, pessoal! Ele está vindo!
 Um, dois, três, quatro...
 Cinco, seis, sete, oito, nove...
 Dez! Prontos ou não, lá vou eu!

NÓS CHAMAMOS DE CASA

- **Autor:** Originais Kidly
- **Editora:** Kidly Yayıncılık Ve Pazarlama Anonim Şirketi
- Livro em formato digital disponibilizado pelo App Kidly de forma gratuita
- **© Copyright 2021 Kidly Yayıncılık**

Quadro 4: Texto do Livro “Nós chamamos de casa”

NÓS CHAMAMOS DE CASA

Todos vivem numa casa.

Alguns colocam umas casas em cima das outras...

Outros preferem não ficar parados num só lugar e colocam rodas nas casas.

Alguns levam suas casas nas costas...

Outros preferem viver nas casas dos outros.

Algumas casas são feitas de gelo...

Outras, feitas de mel.

Alguns constroem casas dentro de suas casas...

Outros constroem em cima de árvores.

Para alguns, casa é o colo carinhoso de alguém que se ama.

Uma casa pode ser de vários tipos. E as casas também tem uma casa.

Ela se chama Mundo.

Podemos viver onde for, que o Mundo sempre será nossa casa.

VÓ, PARA DE FOTOGRAFAR

- **Autor:** ILAN BRENMAN E GUILHERME KARSTEN
- **Editora :** Melhoramentos; 1ª edição (1 maio 2017)
- **Idioma :** Português
- **ISBN-10 :** 8506070015
- **ISBN-13 :** 978-8506070017
- **Idade de leitura :** 6 - 7 anos

Quadro 5: Texto do Livro “Vó, para de fotografar!”

VÓ, PARA DE FOTOGRAFAR

A minha vó anda com a câmara de tirar fotos a tiracolo e eu sempre digo:

_Vó, para de fotografar!

Na festa a fantasia lá estava ela de ponta cabeça.

_Vó, para de fotografar!

Na minha apresentação de dança, ela me dava um tchauzinho com uma das mãos e com a outra... Vocês já sabem.

_Vó, para de fotografar!

No Aniversário da minha prima, ela corria atrás do palhaço e quando via um sorriso...

_Vó, para de fotografar!

No meu jogo de handebol...

_Vó, para de fotografar!

No zoológico, ela quase deu uma cambalhota

O MENINO E O FOGUETE

- **Autor:** MARCELO RUBENS PAIVA
- **ASIN :** B08T6765D1
- **Editora :** Itaú; 1ª edição (1 março 2021)
- **Idioma :** Português
- Livro encontrado de forma gratuita pelo site do Itaú - Leia para uma criança;
- © 2020 Itaú Unibanco Holding S.A. CNPJ: 60.872.504/0001-23

Quadro 5: Texto do Livro “Vó, para de fotografar!” Quadro 6: Texto do Livro “O menino e o foguete”

O MENINO E O FOGUETE

O menino gostava muito de dormir no escuro com a janela aberta. Ele via os aviões passando, as nuvens, as estrelas e a lua, sua grande paixão. Só quando tinha raio, ele tinha medo e fechava a janela.

Ao ganhar um irmãozinho, vovô trouxe um presente: Uma luminária enorme em formato de foguete, que ele odiou porque ficava sempre acesa por causa do nenê. Aquela luz atrapalhava. Da sua caminha, ele não conseguia ver as nuvens, as estrelas e a lua.

Com o tempo acostumou-se com o foguete azul de faixas e estrelas vermelhas. Era bem bonito. O vovô mostrou que tinha uma portinha com uma janelinha, em que ele podia guardar sua mochila de escola.

Numa noite, todos dormiam, ele foi colocar a mochila e reparou que tinha um botão vermelho dentro do abajur. O que será? Curioso, apertou.

A luz começou a piscar e de repente um fogo. O abajur começou a tremer, todos os móveis do quarto tremeram e o foguete começou a levantar.

O menino entrou para tentar desligar. A portinha se fechou. As luzes se acendiam na cabine e uma voz começou a contagem regressiva.

Cinco, quatro, três, dois, um decolar...

O foguete começou a voar, passou pela janela e o menino viu sua casa se afastar, sua rua, a escola e a sua cidade do alto, lá no céu cruzou nuvem e um avião azul, de repente estava no espaço.

Passou por satélites e até pela estação espacial, sem gravidade, a mochila flutuou, percebeu que dentro do foguete tinha um banco e uma direção para guiá-lo. Como um carro.

Da janelinha viu a lua de quem ele tanto gostava, e decidiu:

_ Já que estou aqui, vou dar uma volta na lua, olho de pertinho e volto para casa.

Ele mirou sua nave para a lua, relaxou, tomou um leiteinho, comeu um biscoito e uma perinha. Só que relaxou tanto que dormiu.

O foguete deu uma volta na lua e, como um bumerangue, voltou para a terra. Entrou na atmosfera e começou a chacoalhar todo, fazendo um barulhão. O menino acordou assustado e viu a sua rua se aproximar da janelinha.

_ Nossa, já voltei. A lua ficou para trás!

O menino saiu correndo para contar para o pai e a mãe, disseram que foi um sonho. E ainda levou uma bronca por que o abajur quebrou. Na escola ninguém acreditou, perguntavam:

“Ah, é? Então como é a lua de perto?”

No dia seguinte, o vovô apareceu e perguntou:

Como é a lua?

Prometeu comprar uma luminária-abajur maior e mais potente para irem juntos na próxima viagem.

Naquela noite o menino olhou pela janela e parecia que a lua estava enorme, iluminada e sorrindo para ele.

3.4.4 FORMATOS DOS V-BOOKS EXIBIDOS PELA PLATAFORMA LIBROS?

- Vídeos Ilustrados (desenhos, imagens e/ou fotos);
- Duração média de 3 até 6 minutos;
- Proporção de tela de uma imagem bidimensional 16:9;
- Resolução média dos vídeos de 1920 x 1080 pixels;
- Vídeos exibidos em modo paisagem, posição horizontal;
- Textos interativos em português durante a exibição;
- Dublagem em português;
- Efeitos sonoros;
- Destaque para narração em Libras como língua de leitura principal dos vídeos;

3.4.5 SOBRE A PLATAFORMA LIBROS

Com o processo de adaptação, novas descobertas e novos cenários surgindo no contexto pós-pandêmico, aprendemos que a educação e a tecnologia voltados para a construção de conhecimento, podem aprimorar as experiências de ensino. Em virtude disso, por que não

unir literatura, arte e Libras em um só lugar onde o leitor é inserido em um ambiente de aprendizado, usufruindo de seu direito à educação?

Além disso, a plataforma Libros possui vídeo livros que contam com o texto interativo, sendo suporte de aproximação linguística com uma abordagem transcriativa interagindo entre as diferentes modalidades de língua. Tendo como escolha estratégica a Libras como foco principal, se utilizando de uma opção estética e de estímulo sobre a visualidade e visibilidade do leitor surdo e seus pares.

O site se encontra em processo de finalização burocrática de domínio, segue o link para uma pré-visualização da plataforma Libros, que em breve estará disponível para ampla divulgação da plataforma.

QR Code para acesso ao Site:

<https://rafaelboka.wixsite.com/libros>

Figura 19: QR Code de leitura do site Libros.



Fonte: <https://rafaelboka.wixsite.com/libros>

QR Code de acesso ao canal do Youtube/Libros:

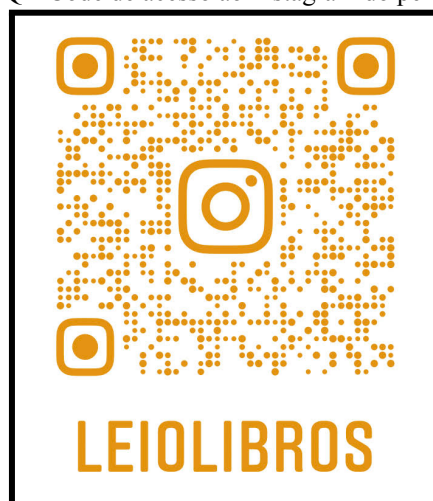
Figura 20: QR Code de leitura do canal do youtube da plataforma Libros.



Fonte: <https://www.youtube.com/channel/UCDivmQk2WGunACtGLi3s1bQ>

QR Code do perfil no Instagram da plataforma Libros:

Figura 21: QR Code de acesso ao Instagram do perfil da Libros



Fonte: <https://instagram.com/leiolibros?igshid=YmMyMTA2M2Y=>

Segue os links para a exibição dos vídeos transcritos para Libras:

O LOBO / LOUP

Autor: OLIVIER DOUZOU

Editora: ROUERQUE; ROUERQUE edição (9 fevereiro 2000)

Figura 21: QR Code para leitura de vídeo.



Fonte: <https://youtu.be/TBAohG8vvUo>

LES MÉGAVENTURES DE MADDOX / AS AVENTURAS DE MADDOX

Autor: FELIX LAFLAMME

Editora: Presse Aventure

Figura 22: QR Code para leitura de vídeo.



Fonte : <https://youtu.be/VdB2QKEPLmc>

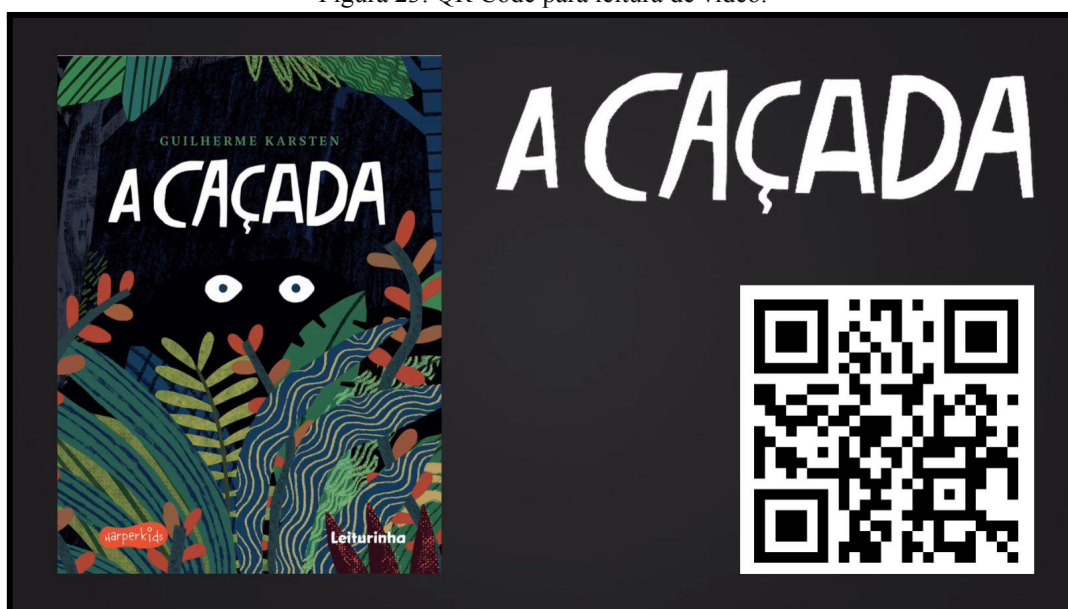
A CAÇADA

Autor: GUILHERME KARSTEN

Editora : Harper Kids; Leiturinha edição (15 setembro 2020)

Copyright © 2022 HarperCollins Brasil. Todos os direitos reservados.

Figura 23: QR Code para leitura de vídeo.



Fonte : <https://youtu.be/FG9eSc2F4GY>

NÓS CHAMAMOS DE CASA

Autor: Originais Kidly

Editora: Kidly Yayincılık Ve Pazarlama Anonim Şirketi
© Copyright 2021 Kidly Yayincılık

Figura 24: QR Code para leitura de vídeo.



Fonte : <https://youtu.be/KPe1UlBzmjo>

VÓ, PARA DE FOTOGRAFAR

Autor: ILAN BRENMAN E GUILHERME KARSTEN

Editora: Melhoramentos; 1ª edição (1 maio 2017)

Figura 25: QR Code para leitura de vídeo.



Fonte: <https://youtu.be/95wUzCsNSJo>

O MENINO E O FOGUETE

Autor: MARCELO RUBENS PAIVA

Editora : Itaú; 1ª edição (1 março 2021)
© 2020 Itaú Unibanco Holding S.A. CNPJ: 60.872.504/0001-23

Figura 26: QR Code para leitura de vídeo.



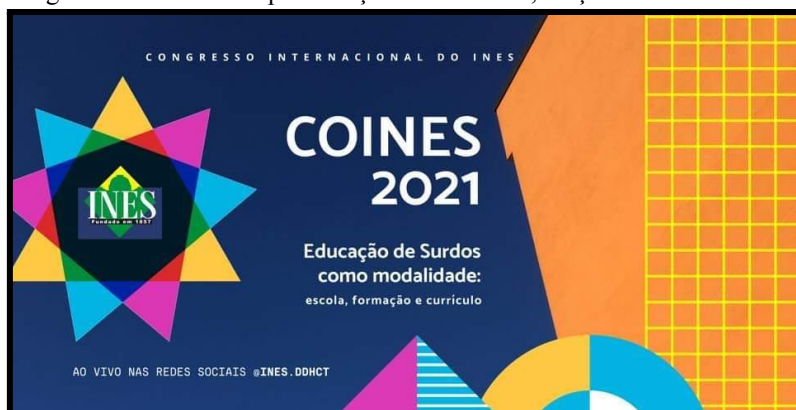
3.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAMINHO METODOLÓGICO

Inicialmente foi realizada uma revisão bibliográfica com o intuito voltado para a compreensão das abordagens propostas por diversos autores lidos no decorrer das possibilidades propostas neste trabalho, tais como a prática da transcrição, os Videobooks como ferramentas para abordagem de letramento e alfabetização de crianças surdas. Foram também utilizado diversos outros artigos, livros e periódicos com diversas abordagens tanto educacionais, linguísticas e de teorias voltadas também para a tradução e interpretação de textos, sejam em português ou em Libras, foi realizado também pesquisas e diversas leituras voltadas para as diferentes modalidades de língua, necessárias para a concepção do tema da transcrição, uma vez que essa não se trata de um conceito fechado em si, nem tão pouco de uma teoria fechada, mas na verdade uma prática relacionada ao ato e ao processo tradutório de um texto, possuindo como alvo de recriar o texto em outra língua. Tendo o ideal de difusão dessa prática em diversos segmentos da sociedade, dentre eles a sociedade acadêmica, teve-se a oportunidade em conjunto com a professora Doutora Cláudia Pimentel de ministrar um curso e diversas aulas em um projeto de extensão “Transcrições Literárias na tela”, uma vez que atravessamos um período de pandemia, onde diversas vezes as

metodologias foram se adequando para os estudos conforme a pesquisa continuava avançando. Para a realização do curso com a presença de alunos, monitores, professores e alunos do curso de Mestrado Profissional em Educação Bilíngue do INES. O curso teve uma carga horária de 40 horas, sendo distribuídas entre aulas síncronas e assíncronas. As aulas foram ministradas de maneira síncrona sempre às sextas-feiras, de 13h até às 15h, entre os dias 01 de outubro a 16 de novembro de 2021. Foram utilizadas as plataformas ZOOM, Stream Year, Google Meet e Google Classroom e também contou com a utilização das redes sociais.

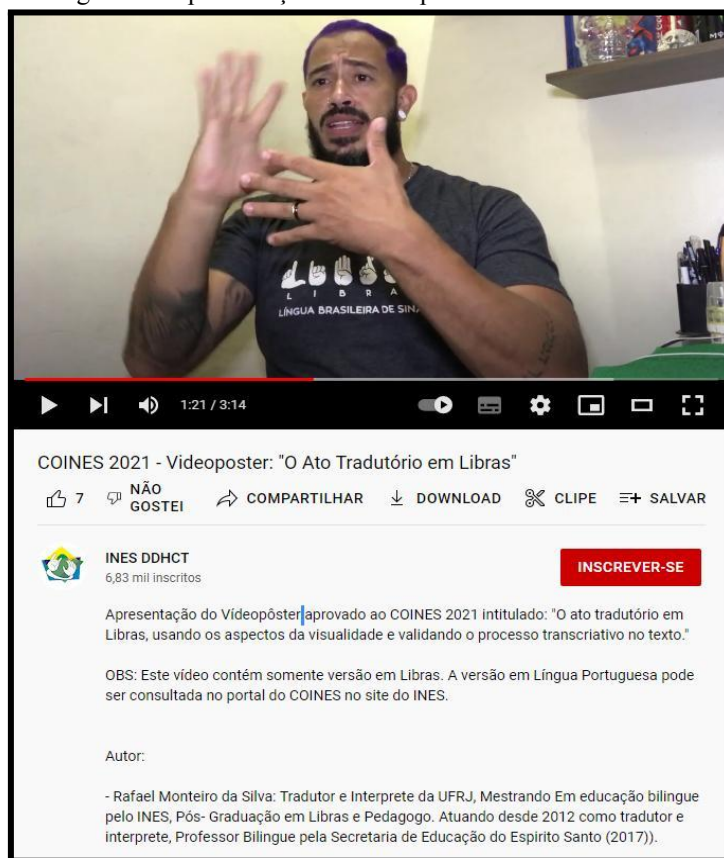
Abrindo caminho para participação em uma palestra em seminário de pesquisa juntamente com a professora, doutora e Orientadora Ana Regina e Souza Campello, com o tema de “O ato tradutório em Libras, usando os aspectos da visualidade validando o processo de tradução e interpretação transcriativo de um texto sendo crítico e criativo.”, como parte de divulgação e abrangência do tema apresentado nesta pesquisa. Também foi apresentado uma comunicação em vídeo para o Congresso Internacional do INES - COINES, tratando também sobre o tema da Transcrição.

Figura 10: Banner de apresentação do COINES, edição do ano de 2021.



Forte: <https://www.gov.br/ines/pt-br/ciencia-e-tecnologia/coines/coines-2021/comunicacoes/traducao-e-interpetacao-de-libras-portugues>

Figura 11: Apresentação do vídeo pôster no COINES 2021.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=lAsAKoTGx9g>

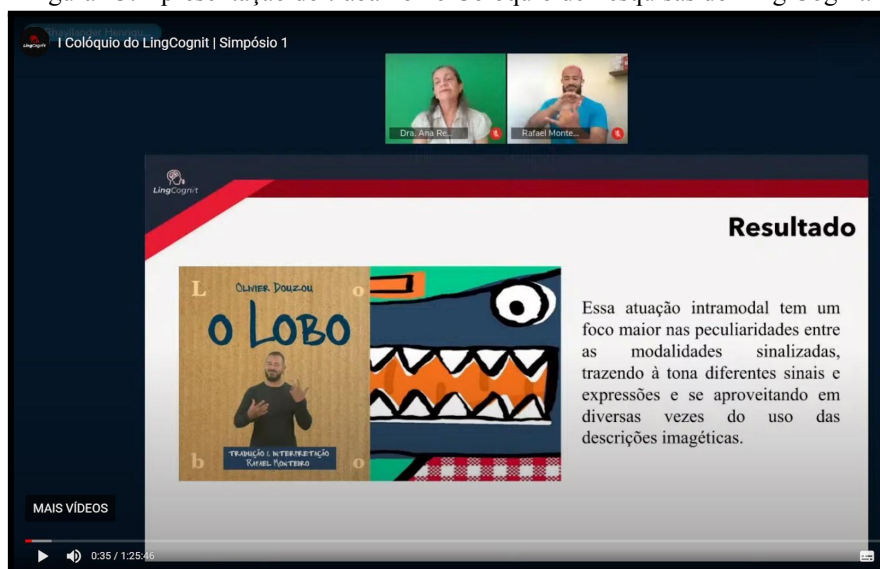
A mesma temática foi apresentada em outro congresso, o I Colóquio de Pesquisas do LingCognit: Educação, Linguística, Tradução e Interpretação, realizado entre os dias 22 a 24 de novembro de 2021, de maneira virtual, onde esta pesquisa foi também apresentada para fazer parte do processo de difusão desse tema, que até o momento encontra-se em poucas pesquisas com essa temática abordando o Libras e outras línguas como destaque para a pesquisa. sempre tendo a figura da transcrição como conversa para tal a difusão dessa abordagem.

Figura 12: Capa de abertura da apresentação do tema no Colóquio de Pesquisas do Ling Cognit.



Fonte: <https://grupolingcognit.wixsite.com/coloquio/auditoriovirtual>

Figura 13: Apresentação do trabalho no Colóquio de Pesquisas do Ling Cognit.



Forte: <https://youtu.be/84aNlgvakIg0>

Após a realização do conhecimento teórico, objetivou-se com a produção e edição das gravações, sobretudo também simultâneo o processo de escolha dos textos/livros bem como, a criação e adaptação das imagens em um determinado formato para o formato de leitura em vídeos para facilitar o processo de tradução em Libras, colocando o intérprete sinalizador como foco principal para a construção da gramática visual e interagindo assim com a parte do português escrito que também compõem a identidade dos textos visuais.

A escolha dos livros se deu também em um aspecto criterioso onde priorizou-se livros sobre aspectos gerais das infâncias e das experiências das crianças, não priorizando a princípio a comunidade e a criança surda, mas já contando uma segunda etapa do processo, onde serão

criados de autoria e ilustração própria do autor desta pesquisa para outras histórias, portanto já se encontram em processo de construção.

**CAPÍTULO 4: LIBROS - UMA PLATAFORMA DE LIVROS VIRTUAIS E
UMA NOVA EXPERIÊNCIA DE CONTAR HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS,
TRANSCRIANDO HISTÓRIAS PARA A PALMA DA MÃO**

Este capítulo destina-se ao produto de pesquisa, ou seja, voltado para o material confeccionado por esta pesquisa, este capítulo visa explicar compreender sobre o que foi construído para deixar como contribuição para a sociedade como material de pesquisa e colaboração para a continuidade dos estudos e pesquisas, tendo em seus subtítulos a descrição das etapas de construção do produto.

4.1 POR QUE PENSAR NO PRODUTO?

Durante algumas pesquisa realizadas para esse trabalho, fazendo uma alusão comparativa com plataformas existentes de contação de histórias para crianças ouvintes, tendo suas línguas de instrução, ou língua materna como eixo condutor desse processo, ancorado por diversos apelos visuais e um trabalho voltado para o desenho e a interação do desenho com a língua falada, porém nota-se que quando falamos em Língua de Sinais, não existe algo específico voltado para a comunidade surda. Essas histórias, geralmente feitas pelos surdos são ancoradas em plataformas abertas como Youtube, Facebook e em alguns momentos vídeos para instagram, não tendo uma referência direta de uma plataforma, ou mesmo não existindo uma lugar para reunir essas histórias deixando tudo muito desprendido, fazendo com que os pais ou as crianças tenham que procurar e por muitas vezes acabam não encontrando por se tratar de plataformas abertas e muito amplos, deixando assim a pesquisa um tanto quanto cansativa e perdendo assim o foco por muitas vezes. Tendo em vista esse aspecto, existe uma necessidade emergente que a criança surda seja projetada nesse processo de contação de histórias, seno muitas das vezes deixada de lado ou negligenciada apenas tendo como processo de inclusão o aparato das legendas, porém em se tratando de crianças surdas que ainda não tem uma aquisição firme e complexo de uma língua essa abordagem se faz insuficiente, uma vez que esta relacionando o português em uma legenda como um processo voltado para a sua segunda Língua. Logo o principal aporte da criação desse projeto é trazer a prática da Transcrição para livros infantis e contação de histórias que tenham o protagonismo da Língua de Sinais Brasileira em suas performances de durante o processo narrativo. Permitindo que a criança tenha acesso a contação de histórias tanto conhecidas quanto outras histórias autorais voltadas para a sua realidade e valorizando assim o aspecto estético de uma língua que se relaciona diretamente com uma produção visual e gestual a princípio.

Outro grande diferencial é sobre o cuidado com as imagens, levando em consideração a baixa qualidade dos materiais apresentados para a educação infantil, mais diretamente a educação de crianças surdas, é deficiente de mais a busca, a referência de materiais de para essa abordagem, tendo o professor em muitas das vezes ter que criar os seus próprios materiais e às vezes por falta de conhecimento tecnológicos, não conseguem apresentar matérias que tenham um apelo visual para a criança surda, fazendo referências também a inúmeros vídeos achados nas plataformas em geral. Falta de investimento na criação de materiais para criança surda, falta de conhecimento específico de uma cultura e principalmente a falta de consideração pelo aspecto linguístico que a Libras possui, não entendendo que apenas apresentar um material em libras seja o suficiente, mas dialogando a Língua, a história, a cultura e o processo de imagens, traduzindo e transcribindo o texto em escrito para uma língua que tendo seu apelo a priori, voltado para questões visuais. Sendo assim, o projeto Libros é que uma biblioteca virtual de histórias animadas e contados tendo o protagonismo em Libras, como principal língua de instrução e contação de histórias, tem como o objetivo de proporcionar uma interação da criança surda com seus pares, familiares e responsáveis, tendo também os textos em português possa ter um contato com a língua portuguesa, para que a pessoa que está tendo a experiência de vivenciar a interação bilíngue durante o processo de leitura e contação de histórias entendendo assim as diferenças e nuances da intermodalidade e até mesmo intramodalidade das línguas, durante esse processo de reprodução da história. Sendo um lugar seguro de leitura de histórias para crianças surdas.

A plataforma Libros oferece uma nova proposta para as crianças experimentarem histórias. Sendo uma biblioteca virtual, projetada para conectar a família e/ou responsáveis, envolvendo as crianças e despertando elas para a leitura, promovendo habilidades de leitura e estimulando o aumento de um vocabulário da criança durante o tempo de leitura.

É necessário compreender que as crianças precisam de entretenimentos educacionais que elas realmente se envolvam. Combinando a magia da leitura dos livros infantis com ilustrações de qualidade e cativantes, inserção do português como língua de apoio durante o processo de leitura, a narração em voz alta e tendo o protagonismo da língua de sinais brasileira agindo como língua principal durante o processo de leitura. Estimulando a leitura e difusão da Libras desde os primeiros livros a serem lidos.

Livros virtuais que ajudam a criança em seu desenvolvimento de habilidades linguísticas aprendendo novas histórias e até mesmo clássicos da leitura infantil, estimulando o aprendizado socioemocional e ajudando assim que pessoas família passe a se interessar ou a ter um certo tipo de contato com a Libras. Uma plataforma de livros virtuais e uma nova experiência de contar histórias para crianças.

4.2 ESCOLHA DO NOME DO PROJETO: LIBROS: UMA HISTÓRIA NA PALMA DA MÃO

O nome do projeto, faz um trocadilho e uma brincadeira com a Língua e o projeto de pesquisa, o material. Libros vem do idioma Espanhol e significa livros, logo uma brincadeira com a língua relacionada com o projeto Libras, visto que tem como foco oferecer material para a comunidade surda, logo se deu o nome de LIBROS, uma relação de livros em Libras, portando o nome da plataforma tem essa relação direta e tem como slogan de defesa e embasamento do nome, Libros - Uma história na palma da mão. Trando uma alusão da leitura e narrativa sendo conduzida pela Libras, e tendo essa língua como protagonismo e língua de instrução para o projeto, tendo como apoio o português escrito valorizando a importância da relação da iniciação e aproximação da criança com a interação com a escrita, porém o projeto ainda conta com a narração em português falado, trazendo um processo de inclusão reversa, incluindo os familiares e pessoas próximas para esse mundo de leitura e contação de histórias com as mãos.

Figura 14: Logo principal da plataforma Libros.



Criação e desenvolvimento de arte da logo pelo autor desta pesquisa: Rafael Monteiro

Libros é que uma biblioteca virtual de histórias contadas tendo o protagonismo da Língua de sinais Brasileira - Libras como principal língua de instrução e contação de histórias se utilizando da ferramenta de Vídeos-Livros, possui também textos em português para que a pessoa que está passando pelo processo de leitura das história possa ter um contato com a língua portuguesa, entendendo assim as diferenças e nuances da intermodalidade das línguas e até mesmo em alguns aspectos intramodais durante a reprodução do vídeo, trazendo conceito de Transcrição para livros infantis e histórias de modo geral que tenham o protagonismo da Libras em suas performances de contação de história.

O projeto oferece para as crianças/leitores, uma nova proposta para experimentarem a leitura e contação de histórias. É uma proposta de ser uma biblioteca de streaming projetada para conectar a família, envolver a crianças e aumentar as habilidades de leitura e o vocabulário da criança durante o tempo de leitura em Libras e aproximando assim esse leitor do português escrito visto que se trata de uma experiência visual desse projeto ter o texto interagindo com o corpo do video.

É necessário compreender que as crianças precisam de entretenimentos educacionais que elas realmente se envolvam. Combinando o fascínio da leitura dos livros infantis com ilustrações de qualidade e cativantes, inserção do português como língua de apoio durante o processo de leitura, a Locução / narração em voz audível para que outras crianças também possam interagir e não restringindo somente a comunidade surda, porém, tendo o protagonismo da Libras, agindo como língua base de leitura durante o processo de visualização/leitura do vídeo. Estimulando a leitura e difusão da Libras desde os primeiros livros a serem lidos por crianças que têm a Libras como aquisição linguística.

Livros virtuais que ajudam a criança em seu desenvolvimento de habilidades linguísticas aprendendo novas histórias estimulando o aprendizado socioemocional e ajudando assim que pessoas família passe a se interessar ou a ter um certo tipo de contato com a Libras.

Figura 15: Arte de exemplo da página do site da plataforma Libros.



Modelo usado para o template do site da plataforma Libros.

Esse projeto tem a ideia de ser uma plataforma/biblioteca virtual de vídeo-livros que tem como protagonista a língua brasileira de sinais e conta também com a narração em português falado (voz) e o português em sua modalidade escrita (texto aparecendo na imagens), não sendo a inserção de uma legenda, mas com o texto em fazendo parte do apelo visual, aproximando assim o surdo do português escrito. Sendo ainda idealizado como uma solução inovadora para que crianças e adolescentes surdos possam ter acesso a literatura infanto-juvenil. Os materiais contam também com narração/locução, para que as crianças possam interagir entre surdos e ouvintes, compartilhando e desenvolvendo assim o prazer pela leitura e contação de histórias.

Algumas crianças não possuem a experiência da leitura, e os surdos em diversos ambientes sofrem ainda mais, pois em alguns casos, seus familiares não compreendem a Libras como sendo uma língua de instrução para essa criança/adolescente, com isso acabam ficando distantes de boas leituras, tanto dos clássicos quanto até mesmo a literatura surda⁷.

⁷ Karnopp (2006) utiliza a expressão 'literatura surda' para histórias que têm a língua de sinais, a questão da identidade e da cultura surda presentes na narrativa. Nessas histórias, a surdez é discursivamente produzida como presença de algo, e não como falta, representando os surdos como um grupo linguístico e cultural. Além disso, a pesquisadora propõe não falar de literatura surda como algo localizado, fechado, demarcado, muito menos de oposição à cultura ouvinte; sugere, portanto, o hibridismo cultural, em que produções surdas se fazem presentes em outras culturas, buscando um outro lugar e outras representações, uma fronteira a partir da qual se fazem presentes. Com base nisso, as obras em análise neste texto constituem a literatura surda, visto que, por meio da escrita em língua portuguesa, os autores surdos tensionam e negociam significados que transcendem territórios das comunidades surdas.

Portanto a ideia surge de uma proposta de que as crianças surdas possam ter acesso a leitura, em sua língua natural tendo também modelos de sua identidade, sendo assim essas crianças terão melhor oportunidade de se tornarem futuros leitores e acessando assim um maior número de informações para a construção de um senso crítico interagindo com a sociedade que o rodeia.

Como o surdo utiliza a visão para obter informações, a união da mídia e da literatura cria condições para que haja um fortalecimento da identidade, cultura e de conhecimento da surdez. Pesquisar como se desenvolvem estes aspectos conjuntamente fará com que a expressão da arte e da literatura surda seja registrada em livros e em materiais midiáticos, capazes de manifestar a diferença linguística e cultural de surdos, através do caminho da autorrepresentação (ROSA, 2006, p. 59).

A Língua de Sinais Brasileira é uma língua visual e gestual e se constitui como a língua natural da comunidade surda. É uma língua de modalidade diferente do português falado e escrito, com vocabulário e gramática próprios, transmissora de uma cultura e de uma forma peculiar de ver o mundo. Devido a vários desdobramentos nas políticas educacionais, para os surdos, a leitura o português escrito implica também no processo de aprendizagem de uma outra língua em nosso país. A Libras pode ser desenvolvida e adquirida de maneiras naturais dentro da comunidade surda.

A leitura do surdo por meio de uma literatura visual, se utiliza de diversas histórias tendo o protagonismo da Libras, atrelado a língua vem a cultura surda evidenciada em diversas narrativas. Por se tratar de uma modalidade visual, os Vídeos-Livros tem como tendência de ter gravuras e imagens diversas e desenhos reforçando o apelo voltado para a visualidade do sujeito surdo.

O desenho é importante para crianças terem o visual e maior facilidade em perceber o conteúdo do livro. Além disso, desenhos de sinais expressam e marcam a cultura surda. Possuem a possibilidade de leitura, pois dentro tem a escrita de língua de sinais. (...) Para compreender a escrita da língua de sinais a pessoa precisa conhecer a estrutura da escrita de Língua de Sinais. E, por último, a leitura do português, que também é importante para aprender a lê-lo. O objetivo desses itens é ajudar e compreender a cultura surda. (...) Além de material impresso, a mídia (CD/DVD) é muito importante para surdos, pois apresenta visual para todos do Brasil e é um meio mais fácil para entender o livro. (ROSA, 2006, p. 62-63)

4.3 LENDO EM LIBRAS

Libros é um projeto idealizado para promover a aproximação da criança surda do grande universo da leitura, assim também aproximando o sujeito surdo do português escrito, visto

que o texto interativo as parte da visualidade do vídeo e assim trazendo para a criança o prazer e o poder que a leitura de que um livro pode proporcionar, sendo os vídeos-livros uma porta de entrada e interação com o processo de leitura, interagindo com o texto, a libras, as imagens e o processo de transcrição que também ocorre durante a visualização do mesmo.

Alguns Vídeos-Livros têm histórias não somente voltadas e presas em um aspecto da sociedade/comunidade surda, mas uma visão de mundo geral, promovendo assim uma interação com o mundo em que esta está inserida, suas realidades e sua história, propondo um diálogo entre o sujeito e o texto, fazendo-o refletir sobre os temas abordados no texto. Os textos possuem também as ferramentas de locução, facilitando a interação dos responsáveis no processo de letramento, podendo essa criança surda interagir entre seus familiares, primos, primas, tios e toda a família. Sendo também vistos como modelos de identificação linguísticas e reforçando a prática da Literatura surda.

A literatura surda está relacionada com a cultura surda. A literatura da cultura surda, contada em língua de sinais de determinada comunidade linguística, é constituída pelas histórias produzidas em língua de sinais pelas pessoas surdas, pelas histórias de vida que são frequentemente relatadas, pelos contos, pelas lendas, fábulas, piadas, poemas sinalizados, anedotas, jogos de linguagem e muito mais. (KARNOPP e MACHADO, 2006, p. 3, apud MOURÃO, 2016, p.21)

O material do projeto deste trabalho de mestrado, tem como proposta uma abordagem de tradução chamada de Transcrição, idealizada pelo autor Haroldo de Campos (2004), que versa sobre esse termo não ser apenas um conceito pré formado, porém uma prática tradutória que traz em seu escopo o fato de ser uma tradução criativa e crítica de um texto.

[...] para nós, tradução de textos criativos será sempre recriação, ou criação paralela, autônoma porém recíproca. Quanto mais inçado de dificuldades esse texto, mais recriável, mais sedutor enquanto possibilidade aberta de recriação. Numa tradução dessa natureza, não se traduz apenas o significado, traduz-se o próprio signo, ou seja, sua fisicalidade, sua materialidade mesma (propriedades sonoras, de imagética visual, enfim, tudo aquilo que forma, segundo Charles Morris, a iconicidade do signo estético, entendido por signo icônico aquele “que é de certa maneira similar àquilo que ele denota”). O significado, o parâmetro semântico, será apenas e tão-somente a baliza demarcatória do lugar da empresa recriadora. Está-se pois no avesso da chamada tradução literal. (CAMPOS, 2004, p. 35).

Traz uma ideia de aproximação da criança com a sua língua natural e também a relação com o aprendizado de uma segunda língua, ou seja, a criança interage com a Libras e no contexto educacional brasileiro, o português escrito, entendendo esse ato de tradução como não somente uma tradução em seu fim, mas trazendo aspectos culturais e associados a idade desse

indivíduo, estimulando os estímulos visuais, cognitivos e expondo a criança a um processo que em medidas reduzidas seria a tradução e interpretação do texto sendo co-apresentando no aspecto visual do vídeo.

4.4 OS VÍDEOS-LIVROS COMO FERRAMENTA DE ALFABETIZAÇÃO

Com o passar do tempo, o conceito de alfabetização vem sofrendo algumas mudanças, sendo assim, alfabetizar é o processo que possibilita e capacita o sujeito imerso nesse processo, interagir com os códigos de uma língua, bem como a aquisição do processo que envolve a escrita, por meio de convenções feitas pela sociedade e como utilizar esses preceitos em seu dia a dia. Definido por Soares como:

Alfabetização é dar acesso ao mundo da leitura. Alfabetizar é dar condições para que o indivíduo- criança ou adulto - tenha acesso ao mundo da escrita, tornando-se capaz não só de ler e escrever, enquanto habilidades de decodificação e codificação do sistema da escrita, mas, e, sobretudo, de fazer uso real e adequado da escrita com todas as funções que ela tem em nossa sociedade e também como instrumento na luta pela conquista da cidadania plena. (1998, p.33)

Aprendendo a ler e escrever, fazendo assim o uso da leitura e da escrita, promovendo uma inserção desse sujeito ao convívio em sociedade, desenvolvendo diversos fatores que envolvem a cultura, estimulando processos cognitivos, fortalecendo pontes linguísticas entre tantos outros e além de tudo isso, promovendo uma mudança subjetiva na vida desse sujeito que está submetido ao processo de alfabetização, sendo em alguns casos uma experimentação de liberdade e autonomia por parte do aprendiz.

Trazendo a importância do aprendizado por meio da alfabetização, afirma Soares que:

[...] um processo de representação de fonema e grafemas, e vice-versa, mas é também um processo de compreensão/expressão de significados por meio do código escrito. Não se consideraria ‘alfabetizada’ uma pessoa que fosse capaz de decodificar símbolos sonoros, ‘lendo’, por exemplo, sílabas ou palavras isoladas, como também não se considerariam ‘alfabetizada’ uma pessoa incapaz de, por exemplo, usar adequadamente o sistema ortográfico de sua língua, ao expressar-se por escrito. (2010, p.16).

O sujeito surdo não se prende ao momento de interação com os mesmo signos de um ouvinte, sendo o aprendizado do português em uma educação bilíngue sendo sua segunda língua, porém ele interage por meio de estímulos visuais e em seguida a aquisição do português será um pouco mais confortável pelo processo de inserção de novos códigos linguísticos, nesse caso o português escrito.

Para o sujeito surdo ter acesso a informações e conhecimentos e para estabelecer sua identidade é essencial criar uma ligação com o povo surdo o qual usa a sua língua em comum: a língua de sinais. Ela é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo por ser uma das peculiaridades da cultura surda. É uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal (STROBEL, 2008a, p. 42-43)

Podemos entender a partir dessas reflexões que a alfabetização, traz uma noção de um conjunto de técnicas e alguns procedimentos atrelado a habilidade de codificar os níveis linguísticos para uma prática de escrita e leitura. Em suma, um sujeito capaz de codificar e decodificar a linguagem escrita.

Em síntese:

[...] a alfabetização é o processo pelo qual adquire o domínio de um código e das habilidades de utilizá-lo para ler e para escrever, ou seja, o domínio da tecnologia- do conjunto de técnicas- para exercer a arte da ciência da escrita. (SOARES, 2003, p. 91).

Define-se a alfabetização, o procedimento de aquisição de uma certa tecnologia, ou seja, aquisição de um conjunto de habilidades para uma prática de leitura e de escrita de textos.

4.4.1 VÍDEOS-LIVROS COMO FERRAMENTA DE LETRAMENTO

Letramento, segundo Soares (2003), é “o processo de apropriação das práticas sociais de leitura e de escrita acrescido do envolvimento com as práticas sociais da leitura e da escrita”, sendo assim a entrada da criança em um mundo de escrita ocorre em dois momentos:

a alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização. (SOARES, 2004)

Logo, segundo a autora, letramento e alfabetização são temas distintos entre si, porém professores complementares e inseparáveis em alguns momentos, visto que uma pessoa pode ser alfabetizada e não necessariamente ser letrada ou ser letrada sem ser necessariamente alfabetizada.

Ao exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita denomina-se letramento que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos - para informar-se, para interagir com outros, para imergir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para divertir-se, para orientar-se, para apoio a memória, para catar-se...; habilidades de interpretar e produzir

diferentes tipos e gêneros de textos, habilidades de orientar-se pelos protocolos de leitura que marcam o texto ou de lançar mão desses protocolos, ao escrever, atitudes de inserção efetiva no mundo da escrita, tendo interesse e prazer em ler e escrever, sabendo utilizar a escrita para encontrar para ou fornecer informações e conhecimentos, escrevendo ou lendo de forma diferenciada, segundo as circunstâncias, os objetivos, o interlocutor (...). (SOARES, 2003, p. 92).

Definindo letramento como o uso de tecnologia da escrita para compreensão, tendo as habilidades de ler e escrever, traduzir e interpretar diversos significados, interagir com a estética e compreender sobre diversos gêneros textuais, saber utilizar a escrita para fornecer informações participando assim do processo de aquisição do conhecimento mais amplo em seu conceito.

4.4.2 OS VIDEOS-BOOKS COMO FERRAMENTA DE LEITURA

Portanto, o texto é um diálogo entre o autor e o leitor do texto, e as demais implicações associadas ao texto são referências dentro da história. Uma tarefa ativa de construção de sentido a partir do texto proposto pelo leitor, de seus objetivos, do conhecimento do assunto, sobre o autor e sobre tudo o que pode e ainda pode desempenhar um papel no texto.

A leitura é parte da interação verbal escrita, enquanto implica a participação cooperativa do leitor na interpretação e na reconstrução do sentido e das intenções pretendidos pelo autor. (ANTUNES. 2003, P. 66)

O processo pelo qual o leitor participa ativamente na construção de sentido a partir de todos os textos propostos, seus objetivos, conhecimento do assunto, autores e texto, e de fato relevante, é a linguagem dos sistemas aos quais ele tem acesso. Também é importante que o leitor tenha algum conhecimento prévio de leitura para ativar um determinado conhecimento, e que seu significado seja atribuído durante o processo de leitura.

As atividades de leitura completam as atividades de produção escrita. Portanto, a atividade de interação entre os sujeitos envolve mais do que a simples decodificação de signos gráficos. Como um dos sujeitos da interação, o leitor atua de forma participativa, busca resgatar, interpretar e compreender o conteúdo e a intenção pretendida pelo autor. Com determinados objetivos incluídos nas Orientações Curriculares do Ensino Básico Português (2009, p. 98), espera-se que os alunos:

Efetue leitura compreensiva, global, crítica e analítica de textos verbais e não verbais; localizem informações explícitas e implícitas no texto; produzam inferências a partir de pistas textuais; posicionem-se argumentativamente; ampliem seu léxico; percebam o ambiente no qual

circula o gênero; identifiquem a ideia principal do texto; analisem as intenções do autor; identifiquem o tema; deduzam os sentidos de palavras e/ou expressões a partir do contexto; compreendam as diferenças decorridas do uso de palavras e ou expressões no sentido conotativo; conheçam e utilizem os recursos para determinar causa e consequência entre as palavras e elementos do texto; e entendam o estilo, que é próprio de cada gênero. (PORTAL DO /MEC).

4.4.3 UTILIZANDO O VIDEO-BOOK EM LIBRAS PARA A PRODUÇÃO E CRIAÇÃO DE LIVROS INFANTIS SENDO TAMBÉM FERRAMENTAS TRANSCRIATIVAS PARA OS TEXTOS

Passamos por um momento delicado durante esse processo de pandemia, por conta da COVID-19, literalmente dentro de nossas casas, com isso inúmeros programas foram voltados para o aspecto digital, diversos conteúdos relevantes e muitas editoras apostam em um mundo virtual e inclusive diversas instituições migraram para o mundo digital, não seria uma transição diferente com os livros, que ganharam uma potencialidade ainda maior sobre um processo que já existia, nesse caso os e-books, ou seja, livros em formato digital. Porém, as ferramentas digitais e tudo que está ligado nessa realidade, estão em constante processo de transformação e mudanças, logo um grande processo de aperfeiçoamento. Entendendo essa visão, o Video-Book, ou também conhecido como VBook, ganha um espaço de aprimoramento e uma maneira diferente de promover a aproximação entre os pares que se utilizam dessas plataformas se utilizando de maneira direta os vídeos para transmissão de informações e conhecimentos. Pode-se assim dizer que o VBook, traz uma proposta de apresentar em forma de vídeo, diversos materiais, desde livros já publicados em suas versões impressas, arquivos e outras informações, e trás em alguns momentos conteúdos audiovisuais.

Outros fatores que diferenciam a utilização do VBook em opção ao e-Book, seria a facilidade em transmitir as informações por conta de seu apelo fortemente voltado ao apelo visual, pois seria uma ideia de ser mais dinâmico do que simplesmente o texto corrido. Sendo também acessíveis, uma vez que permitem ao usuário acessá-lo no caminho para o trabalho, escola, em seu tempo livre, bem como ir e voltar no texto também a qualquer momento e retomar algum conteúdo que não foi assimilado. Os conteúdos em VBook causam impacto e educam os usuários de uma somente texto ou imagens não são capazes de impactar, uma vez que são a junção dessas duas dimensões, trazendo interatividade para o texto e possibilitando a ideia de fixação por meio de imagens.

Durante muito tempo os surdos eram tidos como incapazes de compreender a Língua Portuguesa em sua modalidade escrita, porém a educação de surdos tem tido diversos avanços e mudanças que são crescentes para essa perspectiva, no entanto a criança surda precisa ser respeitada quanto a sua singularidade linguística.

A criança surda é colocada em contato com a escrita do português para ser alfabetizada em português seguindo os mesmos passos e materiais utilizados nas escolas com as crianças falantes de português. Várias tentativas de alfabetizar a criança surda por meio do português já foram realizadas, desde a utilização de métodos artificiais de estruturação de linguagem até o uso do português sinalizado. (QUADROS E SCHMIEDT, 2006, p. 23)

Partindo desse pressuposto, é preciso trazer uma certa evidência à Libras, visando favorecer o processo de ensino e aprendizagem trazendo uma relação do português escrito e a Libras sendo simultaneamente apresentadas de maneira Bilíngue realçando essa nuance durante o processo de exibição dos conteúdos dos VBooks, Livros virtuais que são fruto desse trabalho, podendo assim ampliar os conteúdos, conhecimentos de clássicos bem como novas obras voltadas aos diversos públicos alvos e interagindo assim com o conhecimento de mundo que pode trazer esse processo de aquisição por meio de um letramento digital⁸.

Podemos assim dizer também que parte da interação dentro da sociedade ao qual que estamos inseridos é necessário que o surdo tenha o domínio de alguns aspectos linguísticos tanto da Libras quando dos português escrito, colaborando assim para diversas áreas do desenvolvimento, seja ele cognitivo, interação social e até mesmo linguístico.

Conforme afirma Quadros e Karnopp (2004) a Libras tem sua especificidade assegurada por uma gramática própria, com diversas características diferentes da língua portuguesa. É preciso compreender que a Libras e o português são modalidades diferentes, uma vez que a Libras é visual e espacial enquanto o português é oral-auditivo, sendo assim a aquisição do português escrito fica apresentado por meio dos vídeos que se propõe com esse trabalho,

⁸ O Letramento Digital envolve a capacidade de leitura e escrita em telas de celulares e computadores, bem como a utilização desses recursos tecnológicos. Seu conceito deriva da noção de letramento já presente na educação brasileira desde os anos 80, mas que precisou ser aplicado ao mundo digital após a expansão tecnológica vivenciada pela sociedade. A palavra letramento remete a letras e também ao processo de alfabetização dos alunos. Mas, para além da simples decodificação das palavras, as pessoas precisam compreender o contexto das produções textuais. Ou seja, saber quando se usa cada gênero, como se cria e interpreta discursos e as suas intenções comunicativas. Ampliando esse conceito, com o acréscimo do adjetivo “digital”, tem-se, então, a capacidade de compreender as situações de leitura e escrita no contexto tecnológico. Logo, o letramento pode ser entendido como a “leitura do mundo”, que permite uma maior compreensão sobre as situações comunicativas que nos rodeiam.

interagindo com o processo de interpretação e tradução em Libras das histórias e/ou dos contos apresentados em diversos vídeos-livros, os VideoBooks, apresentados pela plataforma Libros.

Recomenda-se que a educação dos surdos seja efetivada em língua de sinais, independente dos espaços em que o processo se desenvolva. Assim, paralelamente às disciplinas curriculares, faz-se necessário o ensino de língua portuguesa como segunda língua, com a utilização de materiais e métodos específicos no atendimento às necessidades educacionais do surdo. Nesse processo, cabe ainda considerar que os surdos se inserem na cultura nacional, o que implica que o ensino da língua portuguesa deve contemplar temas que contribuem para a afirmação e ampliação das referências culturais que os identificam como cidadãos brasileiros e, conseqüentemente, com o mundo da lusofonia, exatamente como ocorre na disciplina língua portuguesa ministrada para ouvintes, que têm a língua portuguesa como língua nativa. (SALLES, 2007, p. 47)

Tendo em vista essa afirmação, o uso de Libras atrelado ao uso de novas tecnologias, possibilitam ao surdo uma interação direta com diversos processos simultâneos durante a leitura dos videos-book, possibilitando assim para o contato e um aprendizado de uma segunda língua, nesse caso o uso do português escrito, não em maneira de legenda mas fazendo parte da gramática visual⁹ do V-Book.

4.5 PRODUÇÃO DE VIDEOBOOK EM LIBRAS

Os Videobook ou simplesmente vBook em libras para a leitura de livros, são uma ferramenta bilíngue por se tratar de recursos didáticos importantes para que o aluno, ou leitor, possa ter acesso ao complemento, ao conteúdo e até mesmo de clássicos da literatura que outrora poderiam ser fornecidos apenas em português escrito, passando assim por um novo conteúdo apresentado de uma maneira imagética e lúdica e assim respeitando a visualidade desse sujeito surdo e a língua que o aproxima desse momento de leitura. É importante compreender esse lugar que os vídeos, as imagens tem na cabeça do leitor surdo, podem representar grande parte da estrutura no processo de letramento de leitores surdos e principalmente de crianças em processo de aquisição de Libras.

⁹ Ser letrado visualmente, então, é aprender e exercitar na observação cotidiana o que Leborg chamou de gramática visual, um conjunto de elementos e de atividades/relações entre estes elementos que conseguiríamos distinguir ao analisar as composições visuais, lendo-as e, com isso, nos tornando visualmente alfabetizados. Para Leborg, o aprendizado desses elementos, no cotidiano, está relacionado mais à experiência física do sujeito, que, muitas vezes, não teve acesso a uma linguagem verbal e sua conseqüente sistematização, lacuna que ele procura preencher em seu livro.

Desde de cedo, é importante que os pais de surdos viabilizem a seus filhos os recursos tecnológicos para que possam adquirir novos conhecimentos, informações e, assim, se desenvolverem mais rapidamente e garantirem a constituição de um sujeito inteligente e autônomo.

Se os pais restringirem os recursos aos filhos surdos, a falta de acesso a novas informações pode ocasionar prejuízos na linguagem. Logo, a tecnologia poderá colaborar para o desenvolvimento da língua de sinais e da língua portuguesa, garantindo a autoestima na interação efetiva com os ouvintes. (GOETTERT, 2014, p. 42)

Em geral, sabe-se que crianças surdas apresentam dificuldades na aquisição da do Portuguesa em sua modalidade escrita, pois se trata da aquisição de uma segunda língua , podemos assim tratar como uma diferença intermodal do texto. Podemos assim tratar também que a aquisição de materiais voltados para a tecnologia, nesse trabalho tratamos do aspecto visual por meio de vídeos sendo uma ferramenta favorável à educação de surdos, bem como o vídeo tendo como protagonista a Libras, pode influenciar na aquisição da língua portuguesa como Segunda língua - L2, trazendo uma compreensão para o aluno facilitando assim o conteúdo seja em um processo somente de leitura quanto de estudos dos materiais apresentados pela plataforma Libros, pois se tratam de material didático visual voltado para aspectos da Libras, sendo de fácil acesso sua difusão entre usuários de Libras e comunidade surda em geral.

4.5.1 NOVAS IDEIAS E ROUPAGENS PARA A DIFUSÃO E APROXIMAÇÃO DE L1¹⁰ E L2 UTILIZANDO-SE DA TECNOLOGIA TENDO COMO BASE A TRANSCRIÇÃO EM VÍDEOS

A internet vem cada vez mais se popularizando entre a sociedades em diversos segmentos e suportes de informação exigindo assim também uma democratização do conhecimento em todas as áreas e interdisciplinaridades existentes em um mundo cada vez mais globalizado. Uma área que evidencia esse fator, quando o assunto é crescimento digital e tecnológico são as chamadas tecnologias de informação e comunicação, conhecidas também como TIC e diz respeito às máquinas e programas que geram o acesso ao conhecimento. Com o crescimento dos assuntos relacionados a tecnologia e informação como meio de propagação científica no âmbito do conhecimento em geral para o avanço novas ferramentas voltadas para as produções de novos conteúdos e saberes, diversas plataformas tem se adaptado ao processo

¹⁰ Primeira língua ou língua materna (L1). Utilizado na educação bilíngue de surdos para distinguir a aquisição de línguas pelo sujeito. Geralmente utilizada como sendo a Libras. Para a aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais – Libras, para os surdos, não sendo obrigatório o seu aprendizado, porém, como primeira língua (L1) propicia o desenvolvimento linguístico, cognitivo, psicológico e social tornando-os indivíduos constituídos integralmente, pois enquanto língua oportuniza a comunicação, a socialização, a formação de conceitos.

de criação e exibição direcionadas para diversas sites e navegação de streaming, vídeos, buscas, pesquisas e até mesmo materiais acadêmicos para a sociedade em geral, pode-se notar que essa demanda se faz necessária quando o assunto são os materiais acadêmicos para a comunidade surda no Brasil.

Essa escassez de uma plataforma que organize os trabalhos e/ou materiais produzidos por usuários de língua brasileira de sinais, para que possam expor seus trabalhos e materiais, sejam publicações e até mesmo a produção de vídeo-livros, contação de histórias, de maneira a ampliar e difundir o conhecimento em uma língua gestual e visual, lógico atrelado ao corpo do trabalho em língua portuguesa, porém colocando o protagonismo surdo em evidência, priorizando matérias que tenham sua versão em Libras com aspecto principal em sua apresentação, optando por uma escolha do autor em usar seu material em uma língua sinalizada com características gestual visual atrelado a isso o fato do surdo ter uma clareza no conhecimento uma vez que o objeto dessa pesquisa visa a L1 do surdo como maneira de resguardar e até mesmo documentar o conhecimento presente não somente em língua portuguesa mas também em libras para dinamizar o processo de formação de conhecimento da pessoa surda bem como de usuários dessa língua. Por isso resolveu-se pesquisar sobre o termo de livros digitais, porém em sua modalidade de vídeo e difusão do conhecimento priorizando a Língua de Sinais Brasileira - Libras uma vez que o surdo tem em sua língua de fato aspectos voltados para realidade visual como propõe Campello (2008):

A experiência da visualidade produz subjetividades marcadas pela presença da imagem e pelos discursos viso-espaciais provocando novas formas de ação do nosso aparato sensorial, uma vez que a imagem não é mais somente uma forma de ilustrar um discurso oral. O que captamos sensorialmente pelos olhos é apenas uma pista que é enviada aos sistemas neuronais e, posteriormente, esses dados, através de operações mais complexas informam nosso cérebro, produzindo sentido do que estamos vendo. Por isso, as formas de pensamento são complexas e necessitam a interpretação da imagem-discurso. Essa realidade implica ressignificar a relação sujeito-conhecimento principalmente na situação de ensinar e aprender (CAMPELLO, 2008, p 22).

Tal argumento nos faz pensar de uma necessidade de adequação dos materiais direcionado para a cultura surda, pensados em libras, sem deixar de lado o português escrito, por meio do Decreto 5.626, mas especificamente no Art.14, parágrafo 1º, inciso II, diz que, “ofertar, obrigatoriamente, desde a educação infantil, o ensino da Libras e também da Língua Portuguesa, como segunda língua para alunos surdos” (BRASIL, 2005); Estando assim de comum acordo e consonância com o parágrafo único da Lei nº 10.436/02, que explana sobre

a Libras não poderá substituir a modalidade escrita da Língua Portuguesa (BRASIL, 2002) que traz outras deliberações para a efetivação do reconhecimento legal da Libras como uma língua legítima nacional e que deve, portanto, ser assegurada aos cidadãos surdos, especialmente nos espaços públicos.

Uma grande área a ser estudada tendo todos esses detalhes como premissa, é o fato de as comunidades surdas se apropriam da internet e da tecnologia, bem como a área da informação por meio da que pode-se chamar de era On-Line, logo como menciona Corradi (2007) sobre esse crescente e latente cenário:

A web surge como mais um ambiente digital que pode ampliar as oportunidades de acesso aos conteúdos informacionais; intensificar o contato de Surdos e ouvintes por meio da Língua de Sinais, com diferentes culturas surdas e ouvintes; democratizar o acesso às informações registradas e disponibilizadas; preservar e disseminar as culturas surdas, as literaturas, o teatro e o cinema dentre outras manifestações, por meio de documentos em diferentes formatos hipermídia. (CORRADI, 2007, p. 100)

Conforme apresentado por Campello (2008) sobre a visualidade dos surdos, no que diz respeito a comunicação e língua, somado ao fato da produção e o aumento de surdos nos diversos ambientes informatizados (CALDAS, 2012) pode-se afirmar que:

[...] a internet trouxe inúmeras mudanças no que diz respeito à comunicação e acesso a informações [...]. No caso dos surdos, a possibilidade de registro visual, a língua de sinais sendo registrada em vídeo e declarando a essência deste movimento [...] devem se apropriar deste instrumento incluindo em seu currículo a tecnologia como importante sustentação da construção de nosso movimento (CALDAS, 2012, p. 145)

Portanto, faz-se importante compreender e apontar a necessidade de uma plataforma direcionada à democratizar o acesso às informações, bem como propagar o conhecimento científico produzido por uma comunidade que tem como meio de difusão a Libras e a internet como meio de comunicação e exibição com janela para o mundo.

Evocando a outros autores, “o que caracteriza a actual revolução tecnológica não é a centralidade do conhecimento e da informação, mas a aplicação deste conhecimento e informação na produção de conhecimento e de dispositivos de processamento/comunicação da informação, num ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e o seu uso.”(CASTELLS, 2002, p.36)

Logo, este projeto visa a produção de materiais, vídeo-livros, como promoção e orientação educacional e expansão do conhecimento, protagonizando a Libras com objetivo um lugar para centralizar de maneira diretas produções penadas na Comunidade surda, buscando

aproximar leitores surdos e ouvintes tendo a Libras como a língua de instrução e aquisição para o acesso ao conhecimento. Para isso, faz-se necessário pensar, refletir, analisar, criar e organizar um espaço virtual que reúna esses trabalhos tão relevantes e desenvolvidos e direcionados em língua de sinais brasileira.

CONSIDERAÇÕES PLAUSÍVEIS: VISÃO GERAL SOBRE O PROJETO

O fato de compreender e trazer a prática da transcrição para esta pesquisa não anula em nada a função da tradução e da interpretação em línguas de sinais, sendo aspectos diferentes, a transcrição vem como abordagem para o tradutor e intérprete que se relaciona, em sua atuação, com uma língua de modalidade diferente da oral e autista, tendo esse profissional o cargo de recriar o texto em uma modalidade de língua que tem um forte apelo para o aspecto visual, gestual e espacial, que são as línguas de sinais. Durante o ato tradutório o responsável pela produção e encarregado de encaminhar a mensagem de um código para outro, estado no meio do processo como dia a teoria da comunicação, quando fala do emissor e receptor de uma mensagem, logo esse, se coloca no meio dessa situação, como anteriormente falado, ele se coloca dentro de uma canoa, tendo que atravessar para a outra margem do rio, logo ele se encontra na terceira margem, que é dentro da canoa, um momento crítico, onde ele será atravessado por diferentes culturas, diferentes línguas, diferentes realidade do público alvo (papel do receptor como diz a teoria da comunicação), dentre tantos outros atravessamentos, desde o seu modo de pensar e compreender o texto, o momento de preparação, escolha de sinais, escolhas de vocabulário para que ele possa adequar o texto na língua alvo. Durante esse processo o Intérprete ou Tradutor tem uma difícil missão que é cuidar de si, sendo crítico de si mesmo, lidando com uma língua que requer uma alto grau de criatividade na reconstrução de um novo enunciado, a recriação do texto que deixou seu lugar na língua fonte, que é o lugar de onde ele parte, e segue um percurso, repleto de atravessamentos, até chegar na língua alvo, que se torna um lugar de sua chegada.

As línguas de sinais, sendo a Libras um exemplo, são repletas de informações estáticas em sua construção, seja pelo fato de possuir uma simultaneidade durante a sua produção, ou seja, são produzidas várias informações e podendo também ser vários sinais sobrepostos durante a reprodução tradutória, seja por conta dos gestos atrelados, ou sinais com marcas não manuais, e sobretudo a utilização do corpo na produção do discurso, como se fosse uma corporificação do texto, materializando as palavras escritas ou ditas em produtos do campo visual, como se pudéssemos ver o texto falado, como se as letras ganhassem movimentos em uma dança que tem em sua intenção não apenas entreter, mas carregada de informação, uma tarefa um tanto difícil que é o fato de ir e voltar inúmeras vezes para os dois lados do rio, se mantendo segundo dentro da canoa, um esforço para levar e trazer a informações para um leitor que de uma maneira subjetiva analisa o texto e faz suas indagações sobre a produção do ato tradutório.

Se faz importante dentro desta pesquisa o fato de compreender sobre a atuação do tratado e intérprete de Libras, seja esse surdo ou ouvinte, visto que o crescimento de intérpretes surdos se faz notório e presente em diversos contextos, podemos ter uma percepção disso durante esse momento de pandemia onde a internet teve um papel importantíssimo na difusão do conhecimento, palestras, aulas e diversos espaços formativos contaram com a participação de intérpretes surdos, uma vez que a internet conseguiu aproximar pesquisadores e professores de outros países em contribuição em diversos encontros que não poderiam ser promovidos anteriormente por conta da distância, seguido assim alguns pesquisadores que são referência em diversos âmbitos foram traduzidos aqui por surdos brasileiros, em Libras em diversos segmentos desse canais de streaming até sites e vídeos aulas. Outro grande momento que também teve uma grande visibilidade foram as inúmeras lives que tinham como papel de nos trazer alguma coisa de bom durante esse período pandêmico, onde desde músicas até peças de teatro tiveram que se reinventar para o formato de internet, a grande maioria dessas lives contaram com o profissional tradutor e intérprete de Libras, estavam por toda internet, seja em conversas com grandes escritores e até como dito acima, nas vídeos aulas transmitidas pelo remoto, e inclusive a atuação do tradutor e intérprete se deu em modo remoto, onde nossas casas foram transformadas em estúdios, sala de aula, tivemos que nos reinventar, as vezes dois ou três equipamentos, para facilitar o nosso trabalho, os apoios foram dados por meio dos celulares, a tecnologia foi um grande aliado nesse processo de reconstrução de nossa profissão, uma reconfiguração em modo geral, um processo emergente de visibilidade dos intérpretes surdos e uma notável processo de transformação para os intérpretes de Libras em diversos contextos.

Essa pesquisa também teve a intenção de versar sobre a aproximação do ato tradutório, sendo que em alguns momentos os termos foram usados como parcerias, entendendo apenas os diferentes momentos e especificações em suas produções. Refletiu-se também sobre as diferenças entre as modalidades de língua que são atravessadas pelo processo de tradução e interpretação.

Por fim essa pesquisa se destina também em trazer a apresentação de uma plataforma que visa contribuir com a comunidade, no intuito de centralizar a ideia da leitura de livros por pessoas surdas, relacionando a leitura em libras com uma aproximação do português escrito, sendo um processo de interação bilíngue estratégico para que a visão tanto de leitura quanto

de literatura seja despertada como processo de imersão de um texto, tendo a Libras como língua principal durante a leitura desse texto. Com o nome de Libros, fazendo uma brincadeira e um trocadilho entre a mistura de duas palavras, Libras e Libros (Livros em espanhol), a plataforma se chama LIBROS - Uma História na palma da mão, sendo uma plataforma de livros virtuais ou também conhecidos como V-Books (Vídeo Book), em uma nova experiência de experimentação de leitura, se utilizando da transcrição como linguagem atrelada ao processo de tradução e Interpretação dos textos. Visando assim discutir e aproximar tanto surdos quanto ouvintes promovendo uma ponte de aproximação entre as realidades. Construído a partir desses processo a prática transcriativa de uma maneira totalmente natural e intencional de um texto que lida com a Libras, como no caso da plataforma apresentada neste trabalho.

Em relação a hipótese apresentada no início dessa pesquisa, podemos concluir, de acordo com os dados levantados e investigados por essa pesquisa que ao se traduzir e interpretar, de acordo com o estudo realizado tendo a transcrição como base para a construção desse material de estudos, não se pode de fato levar em consideração apenas os sinais relacionados às palavras e nem seguir a mesma ordem linear das frases, pois sim, a Língua Brasileira de Sinais, possui aspectos de simultaneidade e muito para além disso, a sua modalidade é totalmente diferente dos processos de uma língua oral quando se está analisando o âmbito da tradução e interpretação, onde por meio de visualidade e visibilidade, o sujeito que será o receptor da mensagem transmitida pelo ato tradutório vai receber. Portanto é preciso que se recrie o texto, sem ferir a sua intencionalidade e sem imprimir somente a visão tradutória, mas se valendo da estética da língua e a diferença de modalidade para se recriar o texto sendo crítico e criativo, recriando o texto na LA sendo totalmente atravessado pelo processo de transcrição.

Por fim o que se espera desta pesquisa é que ela traga uma contribuição para o campo teórico e acadêmico e de fato incentivar outros pesquisadores a continuar esse processo de busca e inquietação, levando os profissionais da área a refletir sobre o momento de atuação do profissional tradutor e intérprete de Libras, quando este se encontra na terceira margem do rio colocando o conto de Guimarães Rosa (1994) como serventia para esse processo de estar atravessando o rio de uma margem para a outra levando consigo algo caro, importante, a mensagem, se não a informação, de uma margem para outra porém estando seguro dentro de

uma condução, firme com os pés pisando em algum lugar, podendo-se assim dizer que está na terceira margem do rio (ROSA.1994, p. 409-413).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBRES, Neiva de Aquino. **Intérprete Educacional: políticas e práticas em sala de aula inclusiva**. São Paulo: Harmonia, 2015.

BASSNETT, Susan. ***Estudos da tradução.*** Tradução de Vivian de Campos Figueiredo. Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

BENJAMIN, Walter. **A tarefa do tradutor. In: Escritos sobre mito e linguagem**. São Paulo: editora 34, 2011b.

BROWN, Tim et al. **Design thinking**. *Harvard business review*, v. 86, n. 6, 2008.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a **Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002**, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o **art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000**.

BRASIL. **Lei nº 10.436 de 24 de Abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.

CAMPELLO, Ana Regina S. **Pedagogia Visual / Sinal na Educação dos Surdos. In: Estudos Surdos II** / Ronice Müller de Quadros e Gladis Perlin (orgs). – Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

_____. **Aspectos da Visualidade na Educação de Surdos**. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis – 2008.

CAMPOS, Haroldo de. **Tradução Tradição. In: CAMPOS, Augusto de, PIGNATARI, Décio & CAMPOS, Haroldo de. Cantares de Ezra Pound** Rio de Janeiro: Serviço de Documentação do MEC, 1960, p. 150-151.

_____. **Da Tradução como Criação e como Crítica. In: Metalinguagem e outras metas**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. **Metalinguagem e outras metas: ensaios de teoria e crítica literária**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

_____. **Da transcrição poética e semiótica da operação tradutora.** Fale/UFMG, Belo Horizonte, 2011.

CALDAS, A. L. P. **Movimento surdo: identidade, língua, cultura.** In: PERLIN, Gladis; STUMPF, Marianne. (org.) **Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas.** Curitiba: Editora CRV, 2012.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura. Volume I: A sociedade em rede.** Trad. Alexandra Lemos, Catarina Lorga e Tânia Soares. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

CORACINI, Maria Jose Rodrigues Faria. **O Sujeito Tradutor Entre a “Sua” Língua e a Língua do Outro.** Cadernos de Tradução. PGET – UFSC, no XVI, jul. /dez. 2005.

CORAZZA, Sandra Mara. **Didática-artista da tradução: transcrições.** In: **Mutatis Mutandis:** Revista Latinoamericana de Traducción. Medellín, Colombia: Universidad de Antioquia, v. 6, n. 1, p. 185-200, 2013.

DALAROSA, Patrícia Cardinale. **Pedagogia da tradução: vida, pensamento e sensação.** IX ANPED SUL, 2012. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1235/761>>. Acesso em: 04 set. 2019.

FERNANDES, S. **Educação Bilíngüe para Surdos: trilhando caminhos para a prática pedagógica.** Curitiba: SEED/SUED/DEE, ago. 2004.

FERREIRA, João Gabriel Duarte. **Os Intérpretes Surdos e o Processo Interpretativo Interlíngüe Intramodal Gestual-visual da ASL para Libras /,** 2019.

FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática das línguas de sinais.** Tempo Brasileiro. UFRJ. Rio de Janeiro. 1995.

FLORES, Guilherme Gontijo. **Da Tradução em sua crítica: Haroldo de Campos e Henri Meschonnic.** Revista Circuladô – Ano IV – No 5 – Setembro 2016.

FRANÇA, A. de A.; GALASSO, B. J. B. **O uso de videoaula em Libras como recurso didático no ensino de português como segunda língua para alunos surdos.** Revista Transmutare, Curitiba, v. 5, e2012533, p. 1-17, 2020. Disponível em: . Acesso em: XXX.

GESSNER, Ricardo. **TRANSCRIÇÃO, TRANSCONCEITUAÇÃO E POESIA.** Cadernos de Tradução [online]. 2016, v. 36, n. 2 [Acessado 14 Junho 2022]. Disponível em: <<https://doi.org/10.5007/2175-7968.2016v36n2p142>>.

GOETTERT, Nelson. **Tecnologias digitais e estratégias comunicacionais de surdos: da vitalidade da língua de sinais à necessidade da língua escrita.** 2014. 104 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2014.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa De. **Intérprete de Libras em atuação na Educação Infantil e no Ensino Fundamental.** Porto Alegre: Mediação, 2009.

LIMA, Hildomar José de. **Interpretação transemiótica de práticas sociolinguísticas expressas em português escrito por pessoas surdas [manuscrito]** / Hildomar José de Lima. - 2020.

LUCHI, Marcos. **Interpretação de descrições imagéticas da libras para a língua portuguesa** / Org. Marcos Luchi – Florianópolis: DIOESC, 2017.

MICHAELIS. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=V4Qde>>. Acesso em: 05 set. 2019.

MILTON, John. 2016/07/25, **o make it new segundo haroldo de campos**, 2016, 10.17771/puc rio.trad rev.26819, tradução em revista.

MOTTA, Gabriel Fontoura. **A tradução da informação estética em Max Bense a partir do processo transcriativo do audiodrama voz para Cumaná: a construção de uma dramaturgia a partir do testemunho de venezuelanos refugiados no sul do Brasil.** (2021): XI Congresso da ABRACE, PUBLICADO EM 20/12/2021.

MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. **Literatura Surda: produções culturais de surdos em Língua de Sinais.** Porto Alegre 2011.

PAAS, F.; SWELLER, J. **Implications of cognitive load theory for multimedia learning.** In: MAYER, R. E. The Cambridge handbook of multimedia learning. 2. ed. New York, USA: Cambridge University Press, 2014.

PACHECO, José; PACHECO, Maria de Fátima. **A escola da ponte sob múltiplos olhares: Palavras de educadores, alunos e pais.** Brasil: Penso, 2013.

PEREIRA, Maria Cristina Pires. **A Interpretação na língua de sinais: “tá” na mão!** In: PEREIRA, MCP. **Testes de Proficiência Linguística em Língua de Sinais: as possibilidades para os intérpretes de Libras,** 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo. Cap. 3.

PERLIN, Gladis. **Identidades surdas.** In: SKLIAR, Carlos (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Mediação, 1998.

PERLIN Gladis e MIRANDA, Wilson. **Surdos: o Narrar e a Política In Estudos Surdos – Ponto de Vista:** Revista de Educação e Processos Inclusivos no 5, UFSC/ NUP/CED, Florianópolis, 2003.

PERLIN, G.; MIRANDA, W. **Tendência – Surdos: o narrar e a política.** Ponto de Vista, Florianópolis, nº 5, p. 218, 2003.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Observação participante e pesquisa-ação.** In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

QUADROS, Ronice Muller de. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa** / Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos - Brasília : MEC ; SEESP, 2004.

QUADROS, R. M. SCHMIEDT, M. L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos.** Brasília: MEC/SEESP, 2006.

QUADROS, Ronice Muller de. SEGALA, Rimar. Cad. Trad. Florianópolis, v. 35, nº especial 2, p. 354-386, jul-dez, 2015.

QUADROS, Ronice Muller de. **A educação de surdos na perspectiva da educação inclusiva no Brasil**. Revista Espaço (Rio de Janeiro. 1990), v. 30, p.12-17. Publicado em 2008.

QUADROS & SOUZA. **Aspectos da tradução/encenação na Língua de Sinais brasileira para um ambiente virtual de ensino: prática tradutórias do curso de Letras Libras**. Florianópolis: UFSC/CCE, 2008.

RODRIGUES, Carlos Henrique. **A interpretação simultânea entre línguas e modalidades**. Veredas Atemática – 2013/2 - P. 266-286 – PPG-LINGUÍSTICA/UFJF – JUIZ DE FORA - ISSN: 1982-2243, Volume 17 no 2 - 2013.

RODRIGUES, Carlos Henrique. FERREIRA, João Gabriel Duarte. **Tradutores, intérpretes e guias-intérpretes surdos: prática profissional e competência**. INES | Revista Espaço | Rio de Janeiro | nº 51 | jan-jun | 2019

ROSA, João Guimarães. **“A terceira margem do rio”**. In: _____. **Ficção completa: volume II**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 409-413.

ROSA, Andréa da Silva. **Entre a visibilidade da tradução da língua de sinais e a (in)visibilidade da tarefa do intérprete**. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2008.

SALLES, Heloísa Maria Moreira Lima. **Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica**. 2. ed. Brasília: MEC, SEESP, 2007. v. 1.

SANTANA-DEZMAN, Vanete; MILTON, John. **O “make it new” segundo Haroldo de Campos**. Tradução em Revista, v. 20, p. 1-15, 2016.

SEGALA, Rimar. **Tradução intermodal e intersemiótica/interlinguística: português escrito para a língua de sinais**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) Universidade Federal de Santa Catarina. 2010.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Revista Brasileira de Educação, jan/fev/mar/abr, 2004 no 25. Trabalho apresentado no GT Alfabetização, Leitura e Escrita, durante a 26a Reunião Anual da ANPEd, realizada em Poços de Caldas, MG, de 5 a 8 de outubro de 2003.

STUMPF, Ida Regina Chittó. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

SUTTON-SPENCE. Rachel. **Analysing sign language poetry. London: Palgrave second language**. 2nd ed. Washington, DC: Gallaudet University Press, 1997. cap 3, p. 55 – 75. (Tradução Eleny Gianini).

SUTTON-SPENCE, Rachel. **Literatura em libras [livro eletrônico]**; [tradução Gustavo Gusmão]. -- 1. ed. -- Petrópolis, RJ : Editora Arara Azul, 2021.

TANESI, André. **O Design Thinking pode ser aplicado na educação?**
https://blog.descola.org/o-design-thinking-pode-ser-aplicado-na-educacao/?gclid=Cj0KCQjw5ZSWBhCVARIsALERCvyaTuZ1EcXincbF_1fjtfp6cLgFWU-fv3EfELhrWH8J2Y0PGDMq3HUaAslVEALw_wcB. 26 de janeiro de 2016. acessado em 21 de novembro de 2021.

Design Thinking para Educadores. Versão em Português: Instituto Educadigital. Disponível em: <<https://www.dtparaeducadores.org.br/site/material/>> versão em Português do Kit Design Thinking para Educadores, desenvolvida pelo Instituto Educadigital. Licenciada em Creative Commons Attribution – Non Commercial – ShareAlike 3.0 Unported (CC BY-NC-SA 3.0), seguindo a orientação da IDEO. Texto original completo está disponível em <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>

PORTAL MEC. Parâmetros Curriculares Nacionais. Disponível em: Acesso em: 18 ago. 2021

RECSTORY. **Conheça o VideoBook: a nova versão do tradicional eBook - Produtora de vídeo** Recstory, 20 de dez. de 2019, <https://www.recstory.com.br/post/conhe%C3%A7a-o-videobook-a-nova-versao-do-tradicional-ebook-produtora-de-video-recstory>, Acesso em 23 de fevereiro de 2021.